

FELIPE SARAÇA

PARA ONDE VÃO OS SUICIDAS?



Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon  
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Ilustração e Design de capa  
Mirella Santana  
www.mirellasantana.com.br

Revisão  
Nadja Moreno

Diagramação  
Rafael Sales

Assistente Editorial  
Felipe Saraíça

Coordenação Editorial  
Priscila Gonçalves

**CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.  
Vivian Villalba CRB-8/9903**

---

S243p Saraíça, Felipe  
Para onde vão os suicidas /Felipe Saraíça. 2ed. \_  
Rio de Janeiro: Pendragon, 2020.  
ISBN 978-65-86904-31-4

1. Literatura brasileira 2. Jovem Adulto I. Título. II. Autor.

CDD: B869

---

Rio de Janeiro – 2020, Rio de Janeiro.  
É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e

acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.  
Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.  
Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

*Para Danny Costa que, mesmo com os monstros debaixo da cama, jamais  
desistiu de acordar pelas manhãs.  
E para Luana, que se foi cedo demais.*



*Caro leitor,*

*Se ao pegar esse livro imaginou que a morte seria protagonista, sinto em lhe dizer, mas está enganado. Porém, não se desanime. Nestas páginas existem seres mais cruéis que a tão famosa ceifadora de vidas: os seres humanos.*

*Aqui será mostrado com clareza o lado sombrio e perturbador que todos carregamos, mas negamos tê-lo. Por isso, não se assuste se, por algum motivo, encontrar-se nas atitudes de algum personagem, pois não se trata de uma mera coincidência.*

*Todos carregam o bem e o mal dentro de si. Entretanto, o que define qual lado mais te caracteriza é a forma com que lida com a dor de outra pessoa. Há quem diga que essa é uma característica humana. Eu discordo plenamente. A decisão entre se importar ou não é o que nos faz mortais.*

*Parcial ou integralmente, cada ser carrega em suas mãos um pouco de sangue, sofrimento e lágrimas. Dessa forma, a morte e o mortal separam-se apenas por uma linha tênue que facilmente pode ser rompida. É desse rompimento que chegamos ao tema deste livro: o suicídio.*

*Para alguns, a causa da maioria dos suicídios é banal ou irrelevante. Já outros observam com incredulidade o fato de alguém tomar o caminho oposto ao comum e anteciparem o próprio fim. O que poucos sabem é que, quando uma pessoa tira a própria vida, não é a morte que vem encontrá-la, mas criaturas que vivem entre o mundo e submundo, donas tanto da luz quanto da escuridão. E são esses seres que amparam suas almas e as guiam para o seu destino.*

*Para onde vão os suicidas mostrará o ciclo contrário da vida, em que cada personagem viverá uma corrida desenfreada para alcançar o fim.*

*Felipe Saraíça*



## VIDA E MORTE LADO A LADO

Naquele dia chuvoso  
Pouco antes da noite de Natal  
Angelina, nome escolhido com cuidado,  
Menina sorridente, com grandes olhos verdes,  
Nasceu, quase que silenciosamente.  
Os médicos, coitados,  
Não sabiam se choravam ou sorriam  
Ao ter de lidar com vida e morte lado a lado.

Sua mãe,  
Nem mãe virou.  
Morreu jovem,  
Vinte e tantos anos  
Dando a vida  
E em troca,  
Recebendo a morte.





# O JARDIM DAS CINZAS



Angelina sentiu as gotas de chuva caírem em seu rosto ao abrir a janela. Era sábado e todos ainda estavam dormindo em sua casa, mas ela nem sequer havia pregado os olhos. Os últimos dias foram complicados e agora, ao fechar as cortinas e se olhar no espelho, notou que era vã a tentativa de esconder suas olheiras. O cansaço estampava seu rosto e até mesmo os seus olhos verdes pareciam desbotados, como se estivessem perdendo a cor.

Sentou-se na cadeira ao lado da cama e batucou uma música qualquer de ritmos descompassados com a ponta da caneta que, após tanto tempo de uso, já não funcionava mais. Pegou um lápis e começou a escrever numa folha branca. Sua mão estava trêmula e, por esse motivo, algumas palavras saíram quase que ilegíveis. Fechou os olhos e respirou fundo. Escutou alguns passos no primeiro andar e deixou que a imagem de seu pai invadisse sua mente. Sabia que era ele, pois, há vários anos, ele mantinha a rotina de ser o primeiro a acordar, fazer o café e assistir ao noticiário na televisão. Lembrou-se de quando era criança, do sabor amargo da bebida e do barulho da televisão que sempre fazia com que ela acordasse. Sorriu tristemente. Entre as poucas lembranças que tinham juntos, aquela era sua favorita. Voltou a atenção para o papel e riscou algumas letras aleatórias na ponta da folha, sem conseguir formular frase alguma. Por mais que estivesse com as palavras em sua mente há tempos, transcrevê-las era

completamente diferente, pois, a cada vez que uma nova frase chegava ao fim, sentia que um fragmento seu também partia. Deixou de lado o papel já riscado e pegou outro, começando a escrever em seguida:

São Paulo,  
08 de fevereiro de 2017

Começo essa carta sentindo o aroma do café que vem da cozinha. Dessa vez, o barulho dos pratos e talheres não me acordou, pois fazem noites que não sei o que é dormir. Na verdade, durante grande parte de minha vida, dormir foi um grande fardo porque meus travesseiros sempre foram um portal para as lembranças e pesadelos. Sim, pai, pesadelos. Talvez você estranhe ao saber essa informação, mas já passei inúmeras noites acordada e com medo, porém, nunca tive coragem de bater à sua porta e dormir ao seu lado. Acredito que esse medo também tenha te atingido, afinal, mesmo quando morávamos em uma casa de um quarto, você jamais deitou ao meu lado e preferiu passar todas as noites em um sofá, até que nos mudamos para onde estamos agora. Porém, eu não o culpo. A morte de minha mãe também lhe deixou marcas que, eu sei, jamais serão curadas.

Eu não queria ter feito com que ela perdesse a vida para que eu pudesse viver e nem nascer com a mesma cor de seus olhos, pois, se eles fossem diferentes, ao menos uma vez, você iria olhar para mim sem enxergá-la. E, quem sabe, pudéssemos ser próximos. E sendo próxima de você, eu perdesse o medo de me aproximar do mundo. Porque, durante toda a minha vida, tudo que fiz foi me reter e manter distância. Ao contrário do que pensam, não sou antissocial e nem quero estar distante de tudo e todos. Muitas vezes, tudo que eu queria era que me olhassem além de todas as minhas defesas e armaduras, porque, talvez dessa forma, desnuda de escudos, eu iria transparecer como sou.

E é por esse motivo que decidi escrever essa carta. Para me despedir de cada um e deixar como uma última lembrança algo que faça com que vocês sorriam. Hoje, descerei as escadas de casa sorrindo e com minha roupa favorita. Eu ajudarei minha madraستا no jantar e elogiarei o seu sorriso de forma sincera. Também comentarei sobre o tempero da comida e, caso ela colocou muita cebola na salada. Esta noite, brincarei com minha irmã no tapete da sala e escutarei todas suas histórias e sonhos, assim como fazia todas as noites, mas que deixei de fazer há alguns anos. Quando tudo isso acabar, diga a ela que eu sempre a amarei e que, de onde eu estiver, estarei olhando suas aventuras. E, nesta noite, pai, irei assistir o jornal ao seu lado. Perguntarei como foi seu dia e lhe abraçarei de forma repentina. Nesse momento você se assustará, eu sei. Mas, quem sabe, pai, você me abraçe também e me faça pensar em mudar de ideia. Eu gostaria de mudar de ideia, mas não consigo mais pensar nessa alternativa. A vida me sufoca e eu não consigo mais deixar de sentir essas cordas invisíveis em meu pescoço.

Me desculpe.

Eu plantei flores no jardim  
De diversas cores e tamanhos  
Talvez vocês gostem de alguma,  
E, assim, tenham lembranças boas sobre mim.

Sinto muito.

## O AROMA DE CAFÉ E COMPRIMIDOS COLORIDOS

Na manhã seguinte,  
Após uma noite de sorrisos e histórias,  
Angelina repousou.  
Ao seu lado, uma caixa de remédios coloridos.  
No tapete, alguns comprimidos poupados.  
E, no ar, o cheiro do café exalava.  
Era domingo e havia apenas seu pai em casa.  
Como planejado, deixou na escrivaninha sua carta  
E a porta destrancada.  
No dia anterior, pela primeira vez em anos,  
Sentiu-se em família  
E sabia que, de alguma forma,  
Eles também haviam se sentido assim.  
Por isso, quando sua vista ficou turva,  
Fitou a janela e, finalmente,  
Sentiu-se em paz.

# PARA ONDE VÃO OS SUICIDAS?



Angelina abriu os olhos assustada. Sua mente parecia confusa, mas sentia que algo de errado estava acontecendo. Não sentiu dores ou enjoo, apenas a estranha sensação de que alguém a observava. Esfregou as pálpebras com as costas das mãos e tentou reconhecer o local. Nada viu. A penumbra impediu que ela enxergasse até as próprias mãos. Estava sentada e apoiada numa parede gelada. Piscou os olhos repetidamente, mas permaneceu sem nada ver. Escutou passos leves se aproximarem. Rapidamente, lembrou-se do que havia feito e desesperou-se. Ela ainda estava viva e agora teria que enfrentar os olhares de todos que a julgariam por ter tentado cometer suicídio.

Os passos aumentaram e se tornaram mais próximos. Uma única luz se acendeu repentinamente. O pequeno clarão irritou sua vista e pela primeira vez ela conseguiu observar o cômodo em que estava. Ali era pequeno. As paredes pareciam ser pintadas de cinza, mas ela não conseguiu enxergar nenhuma porta ou janela. Também não viu quem era o dono daqueles passos e isso a intrigou.

Tocou o chão e se levantou. O movimento deixou-a tonta e teve que se apoiar na parede. Foi quando a luz novamente se apagou. Porém, rapidamente ela retornou e, nesse momento, alguém surgiu à sua frente, fazendo-a pular e bater as costas.

À sua frente algo diferente de tudo que já havia visto antes a encarava. Seus olhos tinham um tom castanho-avermelhado e seu cabelo era negro e extremamente liso. Em

seu rosto havia cicatrizes profundas e algumas marcas de sangue. Porém, o que mais assustou Angelina foi a grande corda enrolada no pescoço da mulher.

— Quem é você?

A mulher se aproximou e falou com a voz baixa:

— Tenha calma. Sou Ixtab e fui eu quem te busquei quando tirou a própria vida e estou responsável por decidir para onde irá daqui para frente. Mas nós já nos conhecíamos.

Aquela afirmação a intrigou, pois tinha certeza de que, se visse alguém como ela, lembraria certamente. Tentou identificar onde estava, mas não conseguiu. Lembrou-se de todas as histórias que tinha ouvido sobre o destino daqueles que cometiam suicídio e perguntou, encarando Ixtab:

— Então aqui é o inferno?

Ela pareceu achar graça de sua pergunta e riu, abrindo os braços:

— E eu seria quem, Lúcifer? — Aproximou-se e falou com a voz baixa e mais séria. — Aqui é apenas o caminho. Serei eu quem a guiarei para o seu destino.

— Então eu já estou morta?

— Não exatamente.

— Como assim?

— O que quero dizer é que a sua alma está aqui, mas o seu corpo ainda luta pela vida e só deixará de lutar quando chegarmos ao final do caminho.

Angelina estremeceu.

— Então quer dizer que a minha família está, nesse momento, junto ao meu corpo com esperança de que eu possa acordar novamente?

Ixtab se aproximou e segurou as mãos de Angelina. O toque gelado fez com que ela sentisse calafrios.

— Deixarei que você veja com seus próprios olhos.

Sua vista escureceu e uma forte dor de cabeça surgiu repentinamente. Novamente, a luz se apagou e ela não pôde ver nada. Ninguém mais segurava suas mãos, porém, assim como antes, sentiu-se observada. Deu alguns passos e caminhou na penumbra. Escutou alguém caminhando em sua direção e a luz foi ligada. Agora estava no hospital. Pensou ter tido um pesadelo ou alucinação, mas esse pensamento evaporou quando se viu deitada em um leito e repleta de aparelhos ao seu redor. Sentiu-se triste e culpada ao olhar para o seu estado e perceber a maneira com que a sua família também a veria. A porta foi aberta e uma enfermeira entrou. Ela não ficou muito tempo. Apenas fez algumas anotações e saiu. Ixtab apareceu novamente e não demonstrou emoção alguma.

— Acredito que isso responda a sua pergunta, certo?

Angelina balançou a cabeça de forma positiva e olhou novamente para seu corpo.

— E como faço para que meu corpo aceite a morte?

A porta se abriu e seu pai entrou, trazendo um buquê de margaridas. Ela sorriu, tristemente. Ixtab olhou a cena e a reprovou.

— Você também não gosta de flores?

— Não de margaridas. Sou alérgica. — Angelina olhou para ela e respirou pesadamente. — Por favor, não me obrigue a ver isso.

Tomas deixou a planta em um jarro e se sentou numa cadeira ao lado do corpo. Ele não disse nada, apenas ficou ali observando os olhos vazios de sua filha.

— Angelina, você está presa entre o mundo e o submundo. Eu sou a única que pode trazer-lhe a vida ou a morte. Por isso, lhe proponho um desafio: para que você realize o seu desejo e chegue ao seu destino, terá que impedir com que outras pessoas cometam suicídio. Você terá que salvá-las. Caso contrário, ficará com o corpo preso em aparelhos de respiração e sua família permanecerá presa à esperança de que você poderá acordar um dia.

— E como faria isso, estando em coma, sem poder me mexer ou falar?

— É o seu corpo quem está preso. Você está livre.

— E como saberei quem são as pessoas?

— Elas serão as únicas a vê-la. Dessa forma, sempre que alguém conseguir te ver, é porque está buscando a morte e você terá de impedir que essa pessoa a encontre.

— E se eu falhar?

— Bem, essa pessoa morrerá e você, não.

— E por que me escolheu para fazer isso?

Ixtab se aproximou novamente e sussurrou no ouvido de Angelina:

— Porque vida e morte andam lado a lado. Você nasceu do falecimento de sua mãe e agora poderá trazer vida para as pessoas novamente.

As palavras de Ixtab convenceram Angelina, que concordou com a cabeça:

— Tudo bem, eu aceito.

A mulher se aproximou e olhou em seus olhos, segurando suas mãos em seguida.

— Seja bem-vinda, menina. Eu te acompanharei durante todo o caminho. Fique tranquila, se fizer tudo certo, a morte logo te encontrará

também.

Uma nuvem negra envolveu as duas e, ao notar a expressão da jovem, Ixtab voltou a falar:

— Não tenha medo. Quando passarmos daqui, tudo ficará mais claro.

Ixtab soltou as mãos da jovem e esperou que ela se acostumasse com a claridade.

— Onde estamos agora?

— Aqui é onde nosso caminho se inicia. Se você fizer tudo certo, não ficaremos por muito tempo.

Angelina esfregou os olhos com as costas da mão. Estava no meio de uma espécie de estrada e não conseguia ver o seu início ou fim. Aquilo era tudo.

— E para aonde vamos depois?

— Isso dependerá de como você vai se sair hoje.

— Hoje?

— Sim, hoje.

— Mas não haverá nenhum tipo de treinamento ou instruções?

— Certo. Te direi algumas coisas.

Angelina suspirou.

— Tudo bem.

— Talvez algumas pessoas vejam você como uma espécie de alucinação ou algo do tipo. Não interfira nisso. Deixe que elas vivam suas próprias ilusões.

A jovem não entendeu exatamente o significado de suas palavras, mas concordou com a cabeça.

— Você voltará para o seu antigo plano, mas não na forma física. Porém, você não deve tentar visitar sua casa, seus parentes e nenhum outro lugar que não seja o que nós combinamos e estará escrito nesse caderno.

Ixtab entregou um pequeno caderno de folhas amareladas para Angelina e ela o segurou, observando sua capa de cor preta.

— Caso você descumpra essa regra, nosso trato estará desfeito. Entendido?

— Sim, entendi.

— Quando você estiver cumprido o seu objetivo com a pessoa, o nome dela sumirá do caderno e um tempo depois você se tornará uma vaga lembrança, até que ela te esquecerá completamente. Está preparada?

Angelina não estava pronta, sabia, mas não tinha escolha.

— Sim, estou. — Mentiu.

— Então abra o caderno e veja o que está escrito.

A jovem abriu a primeira página e tentou ler as informações. Porém, quando iria iniciar a leitura, um forte vento envolveu seu corpo, fechando o caderno. Logo depois, Ixtab desapareceu, deixando-a sozinha. Pouco a pouco, a estrada ganhou novas cores. Alguns prédios surgiram ao seu redor e as árvores ganharam flores e frutos. Então, rapidamente, Angelina notou: Tinha voltado para a sua cidade.

# A CIDADE DAS FLORES



A cidade das flores mantinha-se em cores mesmo com as temperaturas elevadas que o verão proporcionava. Holambra era uma cidade colorida em meio à grande São Paulo cinza e apressada. Angelina sempre admirou sua arquitetura e tinha o sonho de construir uma grande casa na árvore em seu quintal quando criança. Quando pequena, costumava pegar diferentes flores e levar ao túmulo de sua mãe. Certa vez, tentou fazer com que seu pai fosse com ela e até recolheu mais flores, porém, ele não aceitou. No dia, sentiu-se triste, porque queria que ele a acompanhasse ao menos uma vez e contasse histórias sobre ela. Tempos depois, notou que aquilo o machucava e passou a ir menos vezes.

Angelina segurou o caderno e olhou o endereço que deveria ir. Conhecia aquele local, mas nunca havia entrado para conhecer ou visitar alguém. Olhou ao redor. Estranhou o fato de estar retornando ao local que pensou nunca mais ver novamente. Andou alguns passos e parou. A rua estava vazia e somente alguns carros passavam sem muita pressa. Lembrou-se de Ixtab e suas regras. Não queria falhar e fazer sua família sofrer ainda mais. Lembrou-se da imagem de seu pai indo visitá-la e das flores que ele levou. Imaginou se, naquele momento, eles já teriam contado para a sua irmã e

como ela estaria se sentindo. Culpou-se. Jamais quis magoá-la, mas a sua tristeza chegou a um nível tão profundo que, diariamente, sentia que estava se afogando cada vez mais.

Caminhou por mais alguns minutos e encontrou o endereço. O prédio era grande e antigo. Olhou novamente o caderno e conferiu se não tinha visto nada errado. Estava certo. Intrigou-se. Ali só viviam idosos. Jamais imaginou que, em meio àquelas pessoas de mãos enrugadas e cabelos brancos, poderia haver alguém que estava disposto a tirar sua própria vida. Decidiu que deveria entrar e buscar por Otávio. Aquele era o nome que estava escrito no caderno. Porém, não sabia como faria. Olhou ao redor e não encontrou ninguém. De qualquer forma, não teria como pedir ajuda ou comunicar-se com nenhum funcionário ou quem quer que fosse. Somente ele pode vê-la, lembrou. Ainda estava se acostumando à ideia de que, de certa forma, transformara-se numa espécie de fantasma suicida. Achou graça daquele título, mas resolveu tentar fazer o que, segundo todos diziam, os espíritos fazem. Primeiro colocou a palma da mão no muro de cascalhos e não sentiu nada, nem mesmo o contato de seus dedos com o cimento. Depois a outra e seu braço. Logo, colocou todo o seu corpo e, em pouco tempo, já estava do outro lado.

Na recepção, uma jovem olhava para o celular, enquanto a televisão reproduzia seus programas sem que ninguém a assistisse. A sala de visitas estava vazia. Um letreiro com letras gastas e apagadas dava as boas-vindas e estampava o nome do lugar: “*Recanto das boas lembranças*”. Passou pela menina e caminhou olhando ao redor. Algumas pedras enfeitavam um jardim de árvores secas e flores sem cuidado. Parou por um segundo. Notou que em momento algum elaborou um plano ou pensou no que diria ao encontrar Otávio. Suspirou. Não conseguia pensar em nada. Para ela, tudo

aquilo ainda era irreal. Continuou observando o lugar. Era grande, mas não tinha nada de acolhedor. Na verdade, o clima parecia hostil e frívolo.

Em outra sala, uma televisão estava ligada e duas senhoras assistiam um canal que não funciona mais. Não havia imagens e nem sons. Somente os pontos pretos e a tela cinza. Passou por elas e parou na cozinha. Ali, um senhor carregava uma bandeja com dificuldade, equilibrando-a em suas mãos trêmulas e frágeis. Passou por mais cômodos, até que chegou ao fundo da localidade. Diferente de todo o prédio, essa parte era arborizada e parecia ser o local favorito dos moradores, pois a grande maioria estava ali. Contemplou atentamente cada rosto e tentou entender suas histórias.

Olhou em seus olhos por um longo tempo. Viu suas dores e tristezas mais profundas. Percorreu todos os pacientes como se avaliasse uma obra de arte enigmática e buscasse nela algo que ninguém tivesse notado. Perdeu-se em devaneios, até que o portão foi aberto e alguns visitantes começaram a entrar. Acompanhou seus passos e a mudança no olhar de cada um. O brilho e esperança no rosto daqueles que, com a pouca força que ainda tinham, levantavam-se e caminhavam lentamente em direção ao braço do filho ou neto, que, muitas vezes, só os visitava raramente durante o ano. E, ainda assim, sem julgamentos ou mágoas, cada um se aconchegava em seus abraços e se satisfaziam com aqueles poucos minutos de atenção.

Naquele momento, ao ser plateia de toda aquela mescla de felicidade e tristeza, entendeu, poderia estar ali para encontrar diferentes pessoas, pois, cada uma delas, quando se despedem e aguardam meses para a próxima visita, sentem a vontade de se despedir de todos definitivamente. Ao permanecer ali quando os portões se fecharam e testemunhar todo o lugar se esvaziar, perguntou se estaria sendo justa ou egoísta por ter aceitado o desafio de Ixtab.





## MEMÓRIAS DE GIZ

Pintou de giz a própria história  
E a chuva veio, varrendo suas memórias  
Apagando,  
Letra por letra,  
Restando apenas as cores  
Que se diluíram em sua cabeça.





# O AUTORETRATO DE OTÁVIO



Otávio era pintor. Começou a desenhar ainda criança, quando ganhou uma caixa de giz de cera de presente de aniversário. Seus pais gostavam de ver seus rabiscos, apesar de não apoiarem o fato de terem um filho artista. Para eles, ser desenhista era diversão, mas jamais profissão. Na adolescência, conheceu obras de Van Gogh, Salvador Dalí e se apaixonou ainda mais pela arte. Queria ser como eles. Sonhava em poder expressar seus sentimentos contidos em telas e quadros, mas, quando completou dezesseis anos, a morte levou seu pai e também seus sonhos.

Morando no nordeste brasileiro, começou a trabalhar ainda jovem e teve que usar suas mãos para capinar e impedir que a vida pintasse o quadro da fome de sua família, o que era comum em todo o país. Com vinte anos perdeu sua mãe. Mulher sofrida, guerreira. Esteve doente ao longo de quase toda a sua vida, mas só aceitou ser levada quando viu seu filho já criado. Sem mais parentes e com o pouco que lhe restava, juntou suas economias e se mudou para São Paulo. Lá, conheceu Clarisse, uma jovem que lhe apresentou costumes que ainda não conhecia. Era a década de 1960 e o Brasil se dividia. Otávio e Clarisse não apoiavam os militares, então não se encontravam em nenhuma militância. Porém, chegou um momento em que assumiram um posicionamento. Decidiram apoiar os artistas, afinal, ambos

pertenciam à arte. Clarisse era poetisa e passou a ser a voz feminina do movimento.

Otávio encontrou ali o seu estilo de pintura. Começou a desenhar a realidade. Criou quadros sobre a violência, repressão e pobreza. Entretanto, chegou o momento em que a mesma repressão o atingiu. Sua arte foi censurada e destruída. Clarisse calou-se. Estava com medo, mas Otávio não quis parar. Continuou pintando e recebeu outra visita. Dessa vez, não foram buscar seus quadros, mas prendê-lo. Ficou preso por semanas. Apanhou com socos e, no último golpe, levou uma forte pancada na cabeça. Desmaiou e acordou em casa, nos braços de Clarisse e repleto de hematomas.

Permaneceram juntos por mais de quarenta anos. Assistiram unidos momentos históricos e carregaram marcas da história em sua pele e também em seus papéis e telas de pintura. E foi uma dessas marcas que causou em Otávio uma doença. Sua memória se dissolveu com o tempo e, no ano em que completou sessenta e cinco anos, teve que ser internado, pois não conseguia mais ser cuidado apenas por Clarisse e precisava de tratamentos diários. Foi deixado, ironicamente, no recanto das boas lembranças e lá permaneceu, sozinho, em seus aniversários, dias de visitas e feriados. Clarisse o amava, mas não conseguia pensar em vê-lo e ser encarada como uma desconhecida.

# MORFINA



O dia estava terminando quando Angelina viu uma sombra se projetando no telhado da clínica. Curiosa, decidiu se aproximar e ver do que se tratava. Já estava ali há algumas horas e todos já tinham entrado e se recolhido para seus quartos. Pensou tratar-se de alguém da limpeza ou algum ladrão, quem sabe, querendo roubar o local. Passava das onze da noite e poucos funcionários pareciam ficar no local. Caminhou mais alguns metros até encontrar uma pequena escada que dava para a parte de cima do lugar. Observou novamente as telhas e viu a sombra ali, parada, como se contemplasse algo no céu que estava inteiramente cinza e sem nuvens. Pisou no primeiro degrau e depois nos outros. Foi cautelosa, afinal, não tinha ideia do que poderia encontrar. Ao chegar no penúltimo degrau, parou. A sombra que, até o momento estava parada, emergiu na escuridão e desapareceu. Angelina subiu mais um pouco e assustou-se. Um homem parou bem na sua frente e a encarou, em silêncio. Confusa, nada disse. Afinal, não sabia se ele estava encarando-a ou observando o vazio. Os dois continuaram parados por um tempo, até que, repentinamente, o homem falou. Sua voz era rouca e cansada.

— Boa noite, jovem. Acredito que eu tenha que lhe dar algumas explicações.

Aquele era Otávio, sabia. Só não sabia como agir. Não exatamente. Queria perguntar-lhe sobre o que o afetava, mas não poderia agir dessa maneira, pois, de certa forma, estavam se conhecendo naquele momento. Seria rápido demais e o assustaria. Ou não, já que, de certa forma, ele estava vendo alguém que havia morrido.

— Droga!

O senhor afastou-se, assustado.

— Eu entendo sua irritação. Desculpe-me.

Angelina notou que havia gritado e envergonhou-se. Estava irritada consigo mesma e não com Otávio. Jamais havia gritado com alguém em toda a sua vida e, no primeiro dia em que vive como um espírito, gritou com um idoso. “*Aposto que, depois dessa, devo ter uma vaga no inferno*”, pensou.

— Não é isso. Está tudo bem. Eu estava pensando alto. Somente isso.

Sua resposta pareceu acalmá-lo.

— É que algumas funcionárias parecem já ter perdido toda a paciência comigo. Eu não as culpo, já que não sou como os outros.

“*Então ele acha que sou alguma funcionária daqui*”, pensou e se lembrou das palavras que Ixtab havia lhe falado no dia anterior.

— E o que há de diferente em você, então?

Otávio apoiou uma das mãos no corrimão da escada e se sentou ali mesmo.

— Espero que não se incomode, mas preciso me sentar um pouco.

Angelina balançou a cabeça de forma negativa e Otávio se ajeitou no pequeno espaço de ferro.

— Está tudo bem.

Ele observou o céu acinzentado e voltou a falar:

— A maioria dos moradores daqui tem medo de morrer. Muitos sofrem de doenças ou já se esqueceram de grande parte de sua existência, mas se mantêm agarrados ao desejo de manter-se vivos. Eles não fazem isso por amarem a vida nesse lugar, mas porque não querem ir sozinhos. É essa esperança solitária que faz com que travem lutas diárias, mesmo com as poucas forças que têm. Por isso os dias de visita são sempre tão agitados. Seus parentes são como morfina para suas dores. O problema é que a dor é diária e essa morfina só é dada algumas vezes ao ano. E é nessa ausência de antídotos que cada um vai morrendo lentamente. Eu sou diferente deles. Tenho minha memória dilacerada. Lembro mais de minhas dores do que de amores que tive. Tenho sonhos com rostos que sei que conheci, mas não recordo nada sobre eles. Guardo uma gaveta repleta de cartas e desenho quadros com paisagens que posso ter visitado, mas não guardo em minhas recordações. Tenho consciência de meu esquecimento e, ironicamente, ele é a única certeza que tenho em minha vida. Hoje eu só sobrevivo por aqui porque viver se tornou uma lembrança que eu gostaria de esquecer.

Angelina olhou nos olhos de Otávio e ele lhe sorriu tristemente. Seus olhos eram de um azul incomum. Não eram claros, mas escuros. Olhá-los era como encarar um profundo universo azulado.

— E o que você veio fazer aqui a essa hora? Ele abaixou a cabeça, parecendo arrependido. — Perguntou.

— As paredes do meu quarto me aprisionam. É difícil lidar com o silêncio quando tudo em minha cabeça parece gritar.

— Mas aqui é um pouco alto, não acha?

— Sim, um pouco. Não o suficiente para eu pular e cometer suicídio, se é isso que estava pensando.

Suas palavras pegaram Angelina de surpresa. Otávio estava triste, isso era notável, mas não aparentava ser uma pessoa que tiraria a própria vida.

Porém, sabia, grande parte dos suicidas não são necessariamente pessoas que colocam seus sentimentos em exposição.

— Eu pensei nessa possibilidade, confesso.

Ele sorriu e concordou, balançando a cabeça positivamente.

— E você, menina? Parece jovem para estar por aqui.

Angelina deu uma risada abafada e estendeu a mão.

— É verdade, eu não sou moradora. Estou aqui como voluntária por um tempo.

— Você deve ser uma ótima pessoa para fazer algo assim sem nenhum ganho ou interesse. É extremamente raro ver pessoas novas por aqui. São sempre os mesmos visitantes, enfermeiros e pacientes. Ao menos pelo que eu me lembro, claro.

Otávio sorriu e estendeu a mão, cumprimentando-a.

— Seja bem-vinda. Como você se chama mesmo?

— Eu me chamo Angelina.

Um barulho na escada fez com que os dois olhassem para trás. Angelina logo viu a mulher com uma lanterna na mão, mas Otávio só percebeu quando a luz irritou seus olhos.

— Ei, senhor. Já passou do horário de estar no pátio. E nem direi sobre estar no telhado. Não há horário algum que permita isso.

Quem estava falando era uma funcionária. Ela parecia irritada e não vestia uniforme, apenas um crachá com seu nome. Otávio olhou para Angelina e soltou sua mão.

— É melhor eu ir. Obrigado pela conversa.

Ele passou ao seu lado e desceu, parando ao lado da mulher.

— Você sabe que é perigoso ficar sozinho a essa hora.

— Mas eu não estava sozinho. Havia uma funcionária.

— Funcionária?

Ela apontou novamente a lanterna e não viu ninguém.

— Sim, Angelina.

A funcionária suspirou, apagando o objeto.

— Certo, vamos embora.

Os dois caminharam lentamente até chegar no corredor, Otávio pensando no diálogo que havia acabado de ter e a mulher irritada com a alucinação do idoso. Próxima ao telhado, Angelina observava a única estrela no grande céu de nuvens cinzas.

# O FANTASMA DO CORREDOR



Angelina decidiu visitar novamente o prédio por dentro e conhecer um pouco mais o lugar. Entrou por um grande corredor e, assim que passou pela porta, a luz de movimento acendeu. Já passara das onze da noite e não havia ninguém fora de seus quartos. Os funcionários conversavam em suas salas e uma música tocava ao longe. Poucas luzes estavam acesas. Na sala, apenas um abajur iluminava o cômodo e uma lâmpada de cor amarelada clareava o lado de fora. Em um dos quartos, escutou o chiado baixinho de um rádio. Parou e tentou decifrar o som. Não conseguiu. Continuou caminhando e observando a decoração. O prédio antiquado tinha em sua ornamentação objetos também antigos e alguns bastante empoeirados. Tocou em um vaso e sentiu a poeira em suas mãos.

Ainda estava estranhando o fato de que, apesar de não estar em seu corpo físico, tivesse todas as sensações comuns que sentia. Viu um quadro pendurado na outra parede e foi em sua direção. Sempre gostou de pinturas e, quando criança, até pensou em ser artista. Infelizmente, não levava jeito para a arte e logo desistiu. Contemplou a pintura por um tempo e tentou decifrar o seu significado. Gostava disso. De aprofundar-se nas emoções e expressões que o pintor buscou passar ao criar a obra. Costumava comparar

os quadros aos sentimentos que vivia, pois, de certa forma, estavam sempre ocultos e na espera de alguém que tentasse decifrá-los.

Tocou a tela e sentiu sua textura. Notou que, com o seu toque, o quadro balançou. Estranhou. Não sabia que podia mover aquilo que tocava. Novamente, passou os dedos com delicadeza e sentiu-se parte de suas cores e traços. Viu-se nos olhos arregalados da criança que contemplava a paisagem pela primeira vez e no vazio da árvore sem flores que ficava logo atrás, quase que sem ser notada. Percorreu a moldura e encontrou a assinatura do pintor. Sorriu ao reconhecer o nome. A pintura havia sido feita por Otávio.

Já era de madrugada e tudo estava em silêncio. Angelina já tinha percorrido toda a casa e seus cômodos. Notou que seus passos estavam criando um estranho barulho no chão por conta do piso de madeira já gasto e decidiu ir para o lado de fora. Sentou-se novamente no telhado e por ali ficou até amanhecer.

# AFOGAMENTO EM TERRA FIRME



Otávio foi acordado pela manhã com batidas em sua porta. Como sempre, sentou-se em sua cama, colocou as sandálias e aguardou pelas enfermeiras. Não gostava daquilo, mas fazia parte da rotina. Desde que começou a ter fortes dores de cabeça e perder a memória de forma mais severa, passou a tomar remédios durante toda a manhã e no decorrer do dia. Segundo os médicos, aquilo fazia com que ele mantivesse algumas lembranças e controlava a dor. A porta,

já velha e gasta, rangeu ao ser aberta e a luz do lado de fora impregnou todo o quarto. Quando sua vista se adaptou à claridade, Otávio viu o rosto do médico que estava entrando.

— Bom dia, senhor. Vejo que está de pé. Isso é ótimo.

O homem que falava era negro e vestia um uniforme diferente do que ele estava acostumado a ver nas enfermeiras e médicos de lá. Seu rosto também não era comum e, pelas suas impressões, aquela era a primeira vez que estavam se vendo.

— Bom dia, é... Como se chama?

O homem pareceu meio embaraçado ao notar que estava sem crachá e estendeu a mão, cumprimentando-o.

— Desculpe-me. É o meu primeiro dia por aqui. Me chamo Edgar.

Edgar apertou a mão de Otávio e sorriu, aproximando-se.

— É um prazer. Parece que estamos cheios de novos funcionários.

O médico se sentou em uma cadeira vazia que ficava em frente à cama e pegou sua prancheta

— Na verdade, estou aqui para falar exclusivamente com o senhor.

Ele se mexeu um pouco na cama, incomodado.

— Comigo? Achei que já estava tomando remédios suficientes para tentar conter minha perda de memória.

— Eu não estou aqui por isso. Sou psicólogo e recebi algumas informações sobre seu estado e algumas atitudes recentes que cometeu.

— Atitudes?

— Sim, o senhor gostaria que eu lhe recordasse para que, dessa forma, fique mais fácil?

Otávio balançou a cabeça de modo positivo e se aninhou na cama, apoiando-se no travesseiro. Ao notar o sinal, Edgar folheou alguns papéis.

— Bem, vamos começar. Algumas enfermeiras têm me relatado há algumas semanas comportamentos que, ao que julgam, são suicidas. Gostaria de ressaltar que, na maioria das vezes, alguns suicidas iniciam o ato de modo discreto e lento, principalmente se forem idosos. É exatamente isso que, com base nos dados que recebi, vem acontecendo com o senhor. Ainda não posso afirmar se é algo proposital e é por isso que estou aqui hoje. Recebi fotos de quando chegou aqui e de como está nos dias atuais e é notável a diferença. Conversei com as cozinheiras daqui e elas me relataram que é comum que deixe a comida no prato e, muitas vezes, não coma nada. Algumas enfermeiras também me contaram uma repentina dificuldade para

que engula os remédios. Seus companheiros, que costumavam jogar conversa fora e assistir televisão ao seu lado, afirmam que dificilmente o veem atualmente.

Edgar parou um segundo e respirou, dando chance para que Otávio falasse.

— Parece que você não é só um psicólogo, mas um agente de alguma organização criminosa.

O homem deu uma risada e olhou em seus olhos.

— Eu busco fazer um bom trabalho. Não é uma maneira comum, confesso, mas infelizmente não destinam muita verba para nós, então acabo tendo que criar métodos um pouco diferentes do que nos ensinam na faculdade para me adequar a cada situação.

Otávio sorriu e concordou:

— Sabe, Edgar, eu admiro os psicólogos, pois eles trancafiam seus problemas e buscam curar os de outras pessoas. É uma profissão honrosa. Eu gostaria de negar todas essas suas afirmações, mas não posso. Jamais tentei pular do mais alto prédio ou me envenenar com algo tóxico, mas penso que, se eu deixar de fazer algumas coisas importantes, a morte entende o meu recado e vem me buscar mais rapidamente.

O psicólogo não esperava por uma resposta tão direta e teve que pensar por alguns segundos, até formular um novo argumento.

— E, para o senhor, a morte é alguma espécie de divindade ou ser sobrenatural?

— Não exatamente. Uma das definições do dicionário para a palavra morte é: *ausência definitiva de alguma coisa*. Então, se pensar bem, é possível alcançar a morte em vida. Todos nós, direta ou indiretamente, estamos sempre buscando preencher um vazio ou ausência. O problema é que às vezes esse vazio se torna parte de nós e, cada vez mais, nos

mantemos afundados e afogados neles. É possível sair dele, mas as sequelas desse afogamento acabam interferindo na tentativa de procurar novos ares. Eu estou vivo, mas partes de mim já perderam o fôlego e o que sinto é que, a cada dia, eu engulo um pouco mais de água.

Quando terminou de falar, Edgar não respondeu. Estava impressionado com a maneira que Otávio havia arrumado para descrever sua dor. Escreveu algumas anotações e se levantou.

— Foi um prazer conhecê-lo, senhor. Repassarei os relatórios sobre hoje para meus superiores e, em breve, eles lhe passarão novos remédios.

O som da batida na porta o interrompeu e os dois olharam naquela direção.

— Desculpe interromper, mas ele precisa tomar o remédio e ir se alimentar.

Edgar se levantou e apertou a mão da jovem que abriu a porta. Era a mesma do dia anterior. Ele se despediu de Otávio e se retirou do quarto. Porém, segundos depois, a porta foi aberta novamente e a enfermeira chamou Edgar do lado de fora.

— Sim, esqueci algo? — perguntou Edgar.

— Não, não esqueceu. É que ontem eu o encontrei à noite do lado de fora, próximo ao telhado. Eu sinceramente achei que ele estava pensando em pular, então o abordei. E, quando estávamos indo embora, ele afirmou que estava conversando com uma nova funcionária, mas não entrou ninguém novo esses dias.

— Entendo. Ele também me contou algo sobre funcionários novos. Otávio está com depressão, isso está aparente e estampado em seu rosto. Talvez o cansaço e a falta de alimento façam com que tenha alguma alucinação. Enfim, o psiquiatra passará novos remédios para ele e eu virei aqui a cada dois meses. O correto seria um acompanhamento completo, mas

me afirmaram que não há verbas para isso. Espero que só os remédios sejam suficientes e a doença não se aprofunde durante esse tempo.

— Entendo. Alguns moradores disseram ter escutado passos pela casa ao anoitecer e até mesmo um de nossos seguranças achou ter visto a luz de movimento se acender sem ninguém estar por perto. Deve ser algum problema da elétrica ou a loucura está sendo passada até aos trabalhadores desse lugar.

Por educação, Edgar sorriu e, novamente, se despediu da jovem.

# INTERMINÁVEIS DIAS RUINS



Somente ao entardecer Angelina encontrou Otávio novamente. Ele estava sentado no gramado e observava o céu repleto de nuvens brancas. Aproximou-se e não disse nada, apenas parou ao seu lado e o observou. Viu suas mãos delicadas apoiando seu corpo e seu olhar vidrado no horizonte. Lembrou-se das tardes em que costumava caminhar pelo parque e ver senhores que, assim como ele, sentavam-se sozinhos e ficavam ali, em suas próprias redomas. Imaginou quantos deles estavam presos nas próprias dores e angústias.

— Parece que o senhor gosta de nuvens.

Otávio sorriu ao escutar a voz da jovem que havia encontrado no dia anterior e olhou em sua direção.

— Sim, é bom para pensar.

— E no que o senhor está pensando?

Otávio olhou novamente em sua direção e colocou as mãos acima dos olhos, impedindo que o sol chegasse em sua visão.

— É uma longa história. Quer se sentar?

Ela concordou com a cabeça e se sentou ao seu lado. Otávio prosseguiu:

— Eu gosto de ficar aqui. É próximo das árvores e distante do restante das pessoas.

— As pessoas incomodam você?

— Veja, a culpa não é delas. Eu só não consigo mais. Sinto-me como se a multidão me sufocasse, mesmo que essa multidão seja feita apenas de umas senhoras, um idoso de cadeira de rodas e outros que não sabem nem os próprios nomes. Essa última categoria eu quase me encaixo.

Angelina deu uma risada e corou, meio sem graça.

— Nada disso. O senhor é diferente delas, lembra?

Ele sorriu e concordou, recordando da noite anterior.

— Obrigado por ontem. Por mais que aprecie a solidão, às vezes é bom ter alguém para conversar.

— Não precisa agradecer. Fico feliz em tê-lo ajudado.

No céu, o sol começava a desaparecer e dar lugar a nuvens mais escuras e algumas estrelas.

— Era exatamente sobre isso que estava pensando. Lembra da funcionária que me buscou ontem?

— Lembro sim.

— Pois bem, ela está achando que sou louco. Disse até que estou tendo alucinações e que você é uma delas.

Angelina ficou em silêncio por alguns segundos e o analisou. Gostaria de contar-lhe sobre o que era realmente, mas viu que isso afetaria ainda mais a situação. Otávio era um homem são e sabia disso. Gostava da ideia de, apesar de perder a memória, ainda ser dono de suas ações

Se ela contasse toda a história, talvez ele concordasse que estava ficando louco e tudo iria por água abaixo.

— Ela certamente estava em um dia ruim. Não ligue para isso.

— Parece que todos sempre estão em dias ruins por aqui.

Otávio abaixou a cabeça e suspirou, parecendo cansado.

— Nem todos. Eu estou em um bom dia hoje.

Ele sorriu e voltou a olhar para cima. Ao contrário do dia anterior, muitas estrelas estampavam o céu e a lua iluminava todo o lugar.

— Faz anos em que não sei o que é um bom dia. Mas, por favor, não se entristeça por minha causa.

— Sabe, Otávio, não há nada de errado em se sentir triste por um dia ou um ano inteiro. Isso não te tornará mais frágil ou inferior a ninguém.

O senhor pareceu surpreso com as palavras de Angelina e olhou em sua direção, encarando-a.

— Para uma menina tão jovem, você parece ser bastante inteligente.

— Obrigada, isso é gentil de sua parte.

— Não há de quê.

A noite se iniciava e não havia ninguém além dos dois do lado de fora.

— Eu vi um de seus quadros ontem. Um que fica ali no corredor.

— E o que achou?

— É uma linda pintura.

— Obrigado. Os administradores daqui gostaram e decidiram deixar por lá. Acho que é para impressionar os futuros moradores e seus parentes.

— Eu fiquei impressionada, confesso. Você ainda faz pinturas?

— Fazia, mas deixei de fazê-las há um tempo.

— Por quê?

— Cansei de pintar e ver meu trabalho ir para o lixo.

— Lixo?

— Sim, no meu quarto não há espaço e eles devem ter jogado o que não cabe lá em alguma caçamba próxima.

Angelina olhou ao redor e observou novamente cada cômodo. Ali era muito grande e, de alguma forma, sabia que os quadros não haviam sido

jogados fora. Viu uma sombra se projetar ao longe e olhou para Otávio que pareceu entender o recado. Rapidamente, ele se levantou e foi na direção da mulher que se aproximava.

— Até mais, senhor.

— Até mais, jovem.

Enquanto observava os passos dele se afastarem, Angelina pensou, pela primeira vez, em um plano para seguir. Encontraria os quadros de Otávio.

# A TEORIA DO ADEUS



Ao anoitecer, Angelina decidiu caminhar por entre os cômodos e buscar os quadros de Otávio. Não sabia se eles realmente estariam em algum lugar, mas resolveu procurá-los. Caminhou por todo o corredor sem fazer barulho. Não queria, mais uma vez, que os idosos escutassem seus passos ou tropeços e isso fizesse com que eles imaginassem que havia fantasmas caminhando pelo corredor. Passou pela porta e, assim como na primeira vez, o sensor ligou. Respirou fundo e olhou para os lados. Havia se esquecido desse detalhe. Olhou para o fim do corredor e não viu ninguém. Porém, quando direcionou o olhar para a portaria, notou que o porteiro estava de pé e olhando para os monitores de segurança. Ficou parada por uns segundos e se moveu novamente. Nada aconteceu.

Foi em direção à sala e ficou por ali. Viu todos os porta-retratos pendurados na estante e algumas pinturas feitas por crianças. Cada detalhe dali parecia carregar um pouco de cada morador. Girou os pés e viu alguns cartões postais. Eram muitos. De lugares distintos, ensolarados e frios. A maioria tinha uma frase padrão: “*Estamos com saudades.*” Ela deixou os papéis no mesmo lugar e imaginou a cena de cada idoso segurando a carta em suas mãos trêmulas e se emocionando com uma frase irreal e ilusória.

Continuou andando por entre as salas e corredores, até ver, no lado de fora, uma espécie de quarto separado de toda a localidade. Seguiu em sua direção. A noite estava próxima de seu fim e poucas estrelas restavam no céu. A lua era a única que se mantinha forte e com sua luminosidade. Angelina agradeceu por isso, pois, naquela parte não havia nenhuma luz e, ironicamente, antes de se tornar um espírito propriamente dito, ela tinha muito medo de encarar lugares escuros e dar de cara com um. Aproximou-se do lugar e conseguiu ver os detalhes daquilo que, naquela distância, lembrava uma cabana. Continuou se aproximando até encontrar a entrada. A porta era de madeira, assim como toda a construção. Aquilo era realmente uma cabana no meio do nada. Colocou a mão na maçaneta e, quando ia girar, desistiu. Lembrou que, apesar de ser um lugar pequeno, poderia haver alguém ali e isso, com toda a certeza, assustaria essa pessoa.

Estava cansada de bancar a fantasma e não queria que chamassem um exorcista para lá. Decidiu contornar a cabana e olhar pela janela. O vidro estava quebrado, porém, tudo estava em total penumbra. Decidiu, finalmente, entrar da mesma forma que entrou na casa de repouso. Colocou a mão na parede de madeira primeiro e logo depois o restante do corpo. Pisou no chão que também era de madeira, o que fez com que ela fizesse um rangido estridente. Angelina parou e respirou fundo, olhando rapidamente todo o lugar. Estava vazio. Encontrou algumas ferramentas e móveis quebrados. Moveu-se por entre a escuridão e buscou por algum quadro. Não encontrou nada. Mexeu em alguns sacos e encontrou alguns papéis. Eram cartas. Algumas estavam rasgadas e manchadas, porém, em uma delas, reconheceu a assinatura de Otávio. Continuou vasculhando as sacolas e gavetas, encontrando mais papéis com a mesma caligrafia das outras cartas. Porém, somente aquela estava legível. Decidiu, então, ver do que se tratava. Guardou cada uma no mesmo lugar e decidiu sair de lá.

Foi quando se direcionou para a porta que viu, penduradas em uma prateleira, diversas telas e molduras. Ver aquilo trouxe uma estranha felicidade em Angelina. Ela pegou a primeira pintura e retirou a poeira. Uma segunda caiu no chão, fazendo barulho. Uma por uma, foram sendo retiradas e enfileiradas. Aqueles quadros eram diferentes do que ficava no corredor. Eles eram praticamente iguais. Nenhum era de paisagens ou locais famosos. Todos os quadros tinham o desenho do rosto de uma mulher. Juntou todas as telas e guardou novamente na prateleira que, de tão frágil, estremeceu com o peso. Foi ao guardar a última pintura que um papel caiu. Era outra carta, só que, dessa vez, não tinha a assinatura de Otávio. Dessa vez Angelina decidiu ler o que estava escrito. Era uma poesia.

### *A Teoria do Adeus*

*Despedir*

*É despedaçar.*

*Em tantas partes que nem dá pra contar.*

*Quem dera fosse fácil como teoria*

*Estender as mãos, balançar os braços e acenar.*

*Virar as costas sem contar os dias.*

*Se manter inteiro ao vê-lo se distanciar.*

*Angelina terminou a leitura e viu a assinatura:*

*Clarisse.*

*E em baixo, conferiu a dedicatória:*

*“Para Otávio.*

*Que nosso amor seja mais forte que o esquecimento.”*

Angelina segurou firme o papel amarelado e olhou ao redor de tudo. Precisava voltar, pensou. E não sozinha. Tinha que trazer Otávio e mostrar a ele todas as suas memórias novamente. Saiu da cabana e caminhou lentamente, olhando várias vezes para trás. Queria guardar o caminho em sua mente, mesmo que fosse quase impossível esquecê-lo. Quando se distanciou ao ponto de já não ver mais o lugar por conta da escuridão, sentou-se em um pequeno balanço, onde costumavam ficar as crianças em dias de visita, e lá ficou até o amanhecer.

# A MORTE DE OTÁVIO



Otávio não saiu do quarto após tomar os remédios. Disse à enfermeira que estava indisposto e que preferia descansar durante o dia. A jovem não discordou, pois era comum que alguns moradores ficassem cansados, afinal já estavam em uma idade avançada. Ela deixou o café da manhã em sua bancada e se retirou. A bandeja por ali ficou durante horas, intocada. Ele não estava com fome. Havia comido na noite anterior e, naquele momento, nada parecia descer em sua garganta. Olhou pela janela e viu o movimento dos outros moradores. O tempo estava nublado e as nuvens pareciam indicar que choveria até o início da noite. Abriu a gaveta de sua cabeceira e pegou um lápis.

A ponta estava quebrada e ele demorou um tempo para encontrar um apontador. Lentamente, girou o objeto e buscou por um papel em branco. Encontrou, em meio aos poucos rabiscos que ainda guardava, uma folha sem nada escrito. Ali começou a desenhar. Fazia tempo que não criava desenho algum, porém, sentia que precisava fazer aquilo. Fechou os olhos e viu a imagem de Clarisse. Ela sempre foi sua memória mais forte. Sem dificuldade, iniciou os primeiros contornos. Minutos depois, sua mão começou a tremer e isso fez com que a ponta, novamente, quebrasse. Esse

foi um dos motivos que fez com que ele deixasse de pintar. Começar a perder o controle total de suas mãos o afetou porque, em sua opinião, tudo que pintava já não pertencia somente a ele, mas também aos seus impulsos involuntários que mudavam seus traços e linhas. Deixou o lápis e o papel de lado e desistiu de continuar.

Algumas gotas de chuva começaram a bater na janela e a molhar a parte de dentro do quarto de Otávio. A brisa gelada entrou no cômodo e seu corpo se arrepiou por inteiro. Os dias frios eram incomuns na cidade, porém, parecia que o sol deixaria de aparecer por alguns dias. Não se importou com as poucas gotas d'água que caíam, apenas fechou as cortinas e voltou a se sentar. Ligou o seu pequeno rádio a pilha e sintonizou em uma das poucas estações que funcionavam ali. Eram raras as vezes em que ele escutava algo, mas queria silenciar as vozes que insistiam em gritar em sua cabeça. Aumentou um pouco o som e fechou os olhos, concentrando-se na letra da canção que tocava:

*“Por entre fotos e nomes  
Sem livros e sem fuzil  
Sem fome, sem telefone  
No coração do Brasil...”*

Otávio gostava daquela música. Caetano Veloso foi trilha sonora de muitos momentos difíceis, principalmente quando foi proibido de fazer seus quadros. Ele não lembrava de tudo com clareza, mas alguns momentos ainda permaneciam vivos em sua memória.

Ouviu até o fim e cantou o último verso com emoção. Lembrou-se de quando ainda era jovem e participara de movimentos que usavam essas palavras como hino. Sorriu tristemente. Algumas memórias apareciam desta forma repentina e sem aviso prévio. Otávio sentiu uma forte dor de cabeça e

desligou o aparelho. Aquilo ocorria sempre, como se o seu cérebro não estivesse mais acostumado com lembranças passadas. Levantou-se lentamente para chamar uma enfermeira, mas, assim que ficou de pé, sua vista ficou turva e não conseguiu caminhar. Decidiu, então, voltar para a cama e se sentar.

Já estava próximo ao horário do almoço, então, de qualquer forma, alguém entraria ali em poucos minutos. Respirou lentamente e sentiu seu coração que batia acelerado. Aquilo era algo novo. Abriu os olhos e se apoiou na parede. Ainda não conseguia ver claramente, mas decidiu tentar chegar até a porta. Andou com dificuldade, segurando-se nos objetos do quarto. Demorou pouco mais de um minuto para chegar na porta e quando finalmente conseguiu segurar a maçaneta, sua vista escureceu totalmente e ele desabou, inconsciente.

Somente dez minutos depois a enfermeira entrou no quarto de Otávio. Seu corpo estava estendido no chão, totalmente imóvel, e seu coração batia de forma extremamente lenta. A jovem verificou seu pulso e gritou por alguns seguranças, que logo apareceram e o carregaram até o consultório clínico. Lá, um médico de prontidão verificou novamente seus batimentos e iniciou os procedimentos para acordá-lo.

A queda havia se dado por um desmaio, mas se demorassem mais alguns minutos para socorrê-lo, era provável que o idoso não sobrevivesse. Isso porque o seu coração estava muito fraco e, caso não recebesse medicamentos, poderia parar completamente. Aquele não era seu primeiro desmaio. Meses antes, Otávio havia perdido a consciência repentinamente no meio do pátio e fora socorrido pelos funcionários que estavam próximos. Naquela ocasião só foi necessária a intercessão das enfermeiras e ele logo melhorou. Porém, como prevenção, o doutor Leonardo decidiu que seria melhor fazer alguns exames de rotina.

Otávio abriu os olhos e sentiu um formigamento em seu braço. Não lembrava exatamente o que havia acontecido, mas logo reconheceu o lugar em que estava. E por saber onde era, não gostou nada de acordar ali. Mexeu sua perna e tentou se levantar, porém, foi impedido pelos tubos presos em seu corpo. O movimento fez com que uma espécie de alarme disparasse e o médico aparecesse.

— Olá, Otávio. Fico feliz que esteja acordado. Está se sentindo melhor?

— O que aconteceu?

— O senhor sofreu um desmaio em seu quarto e foi enviado para cá em seguida. Em breve você será enviado para alguns exames, mas não é nada grave. Não se preocupe com isso.

Os dois ficaram conversando por uns segundos, até que o barulho da porta os interrompeu.

— Eu trouxe um pouco de comida. Ele ainda não comeu — falou uma enfermeira, entrando e deixando a bandeja ao lado de sua cama.

— Eu não estou com fome.

A jovem olhou para Leonardo que, com a voz branda, repreendeu Otávio.

— Não é necessário jejum para esses exames. Então, por favor, se alimente.

Sem muitas opções, Otávio se ajeitou na cama e comeu uma fruta e um pedaço de pão.

— Acha que há algo de errado comigo?

— Não se preocupe.

O médico sorriu e Otávio lhe retribuiu o sorriso, desanimado.

— Certo.

Sozinho, Otávio fitou a pequena janela do consultório. Ali era o único ponto da construção que dava para ver claramente o lado de fora. Gostava

daquela vista, de suas árvores e das crianças que corriam pelo parque. Ali os encontros eram reais, assim como a saudade e as conversas jogadas fora. A porta se abriu novamente e um homem entrou. Ele ainda não o conhecia, mas, pelo uniforme, devia ser um dos ajudantes de Leonardo.

— Bom dia, Otávio. Eu irei lhe acompanhar em seu exame.

O tom de voz dele era calmo e profissional. Diferente de Leonardo, ele não buscava trazer calma ou conforto ao falar. Apenas dizia o que tinha que dizer e voltava a atenção para a sua prancheta.

— Qual exame farei?

Seu nome era Alessandro, viu em seu crachá de identificação.

— O senhor fará uma tomografia.

Otávio vestiu o avental e se dirigiu até o lugar do exame. Lá ficou por aproximadamente trinta minutos, até que foi informado para ficar no quarto e aguardar o resultado.

Algumas horas depois a porta foi novamente aberta e Leonardo entrou, trazendo alguns papéis e anotações.

— Boa tarde, Otávio. Desculpe a demora. Acredito que esteja exausto de olhar essas paredes brancas. Enfim, tenho o resultado do exame em minhas mãos.

— Sim, pode dizer.

— O exame não acusou nada. Decidi fazê-lo para ver se alguma área do seu cérebro estava afetada, além da que já sabemos que causa a sua perda de memória. O que fez com que desmaiasse foi uma arritmia cardíaca e por isso o seu coração estava batendo tão lentamente. Porém, tudo já está voltando à normalidade. Quero que fique esta noite aqui, em observação, apenas para garantirmos o seu bem-estar. As enfermeiras irão lhe trazer sua comida, remédios e, provavelmente, amanhã você já poderá voltar à vida normal.

— Tudo bem. Obrigado.

Otávio fechou os olhos e dormiu, não sabendo definir se sentia felicidade ou tristeza com a notícia.



Angelina buscou por Otávio durante todo o dia sem sucesso. Somente ao anoitecer o viu no consultório. Não sabia o que havia acontecido e teve que aguardar o anoitecer para poder visitá-lo. Uma enfermeira estava de prontidão em seu quarto e ia a todo momento verificar como ele estava se sentindo. Porém, quando deu onze horas, ela diminuiu a frequência de suas visitas. Foi numa dessas ausências que Angelina entrou. Otávio estava deitado e com os olhos completamente fechados. Angelina olhou todo o lugar e não viu ninguém. Sentou-se na cadeira de visitas e por ali ficou por alguns minutos, apenas observando seu rosto. Por um momento, ao ver sua imagem naquele lugar, pensou que iria perdê-lo e falhar logo na primeira missão.

Uma brisa gelada entrou pela janela e moveu alguns objetos que estavam próximos à cortina. A feição de Otávio mudou de repente e Angelina foi em sua direção. Novamente, o vento gelado invadiu o quarto e uma espécie de neblina quase que transparente surgiu acima de suas cabeças. O idoso continuava dormindo, mas agora estava agitado e parecia estar incomodado com algo. Seu corpo estava tenso e rígido. Angelina tocou seu ombro, mas nada aconteceu. Parecia que, dentro de seu corpo, estava havendo uma luta. Novamente, tentou sacudi-lo e nada aconteceu. O vento ficou mais forte do lado de fora e, dessa vez, a neblina tocou seus corpos, encobrindo-os.

Angelina tentou livrar-se daquilo, mas não conseguiu. Porém, repentinamente, o vento parou e a neblina se esvaiu do lugar. Otávio não se movia mais. Seu rosto não possuía feição alguma e seus olhos estavam abertos e vidrados, olhando para a janela. Tudo estava em silêncio. Quando Angelina olhou na direção em que Otávio olhava viu um vulto negro que se aproximava, ainda sem forma. A menina sentiu seu corpo tremer e tentou desviar o olhar, mas, quando mudou a direção, o vulto trocou a direção e ganhou forma, transformando-se numa mulher de olhos e cabelos negros. Ela vestia uma espécie de manto negro e carregava uma foice em sua mão. Ao ver sua imagem, Angelina logo entendeu de quem se tratava.

— Olá, jovem. Você sempre tentou me encontrar e, quando está de frente comigo, sente medo. Assim me decepçiono.

Sua voz era calma como um canto e cada sílaba dita parecia trazer um efeito quase que hipnótico.

— Achei que só te encontraria ao fim das minhas missões.

Ela sorriu e se aproximou, tocando o rosto da jovem.

— Ixtab esqueceu de lhe contar uma regra e tive que vir avisar.

O rosto de Angelina arrepiou e ela deu um passo para trás. Apesar de também ser um espírito, era evidente o quão superior a mulher era.

— Qual regra?

— Você está em uma corrida, menina.

— Como assim?

— Se você não for rápida em suas missões, eu serei. É uma disputa. Em cada lugar que você estiver, eu também estarei. E, se você cometer um deslize, eu cumprirei o meu papel.

Seu corpo estremeceu. A mulher sorriu novamente e uma neblina negra invadiu todo o lugar. Seus olhos, apesar de negros, sobrepunham-se à escuridão.

— Veja esse homem... Ele poderia ser encontrado amanhã sem vida. Os médicos achariam que ele teve um mal súbito e jamais imaginariam que, durante a noite, uma nuvem negra sugou todo o seu ar e o fez morrer lentamente. Muitos chamam pelo meu nome e, em algumas vezes, eu decido aparecer. Entende o que isso quer dizer?

— O quê?

— Que você não precisa apenas evitar que eles causem a morte com as próprias mãos, mas que eu, também, não coloque minhas mãos neles.

As nuvens desapareceram repentinamente e a mulher também. Angelina ficou ali, imóvel, vendo Otávio voltar a respirar e dormir serenamente.

# NOVAS MEMÓRIAS PARA ESQUECER



Angelina não esperou Otávio acordar. Quando tudo voltou ao normal, retirou-se do quarto e decidiu caminhar um pouco do lado de fora. Aquela era a primeira vez que saía da casa para idosos desde que encontrou Otávio. A rua estava completamente deserta e toda a construção parecia macabra naquele horário. O abandono era ainda mais evidente. Sua arquitetura antiquada e desgastada ganhava ainda mais destaque à pouca luz. Isso ocorria porque uma única lâmpada iluminava o lado de dentro e outra, parte da calçada. Então, o resto parecia inabitável.

Sentou-se em um banco na praça e observou o lugar ao redor. Na escuridão, as flores não eram as mesmas. Suas cores e detalhes precisavam de mais atenção para serem vistos. A natureza, cheia de vida e cor, ganhava aspectos cansados com o fim do dia. “*Assim como as pessoas*”. A diferença é que quando o dia recomeça, a natureza retorna ao seu aspecto natural. Já as pessoas, elas podem viver uma vida inteira de noites intermináveis.

Voltou a atenção para a rua e imaginou se, naquele mesmo momento, outras pessoas estariam como ela, em algum outro lugar, tentando

desvendar as dores de outro alguém. Não pôde deixar de rir com a ironia. Logo ela, que não conseguiu curar as próprias cicatrizes, foi escolhida para tratar das angústias daqueles que, muitas vezes, tiveram uma vida pior que a dela. Fechou os olhos e a sua imagem na cama do hospital lhe veio à mente. Tentou afastar aquela cena da memória, mas não conseguiu. Abriu os olhos e ainda viu, caminhando lentamente, seu pai entrando no quarto de hospital e deixando as flores ao seu lado. Não gostaria de ter presenciado tudo aquilo. Sentiu as lágrimas em seus olhos, mas não se permitiu chorar. O nó se formou em sua garganta e a dor fez ela tossir. Aquilo era comum. Havia se acostumado a engolir suas emoções e se manter em silêncio mesmo quando, dentro de si, tudo estava desabando. Respirou fundo. Precisava se recompor. Estava ali pela dor de Otávio. Depois dele, haveria outros. E ao fim, sua dor acabaria também. Precisava apenas fazer as coisas da maneira correta.

Levantou-se e ergueu o corpo. Se estava em uma corrida, venceria. Não se permitiria perder de forma alguma. Desde o início, tinha um objetivo e o atingiu. A Morte a encontrou mais de uma vez e, se ela a estava desafiando, o desafio estava aceito. Caminhou pela rua escura até chegar no grande portão e lá entrou sem cerimônia. Sabia aonde iria e o que precisava fazer. Só precisava de alguns dias e um pouco de sorte.



Por dias Angelina ficou sem ver Otávio. Pela primeira vez tinha um plano e era necessário segui-lo corretamente para que desse certo. Aquilo não dependia apenas dela, pelo contrário, necessitava da colaboração de

alguns funcionários. Por isso, teve que observar os passos de dois deles durante um dia inteiro. Eles a ajudariam sem perceber. Não tinha como aparecer e nem se arriscaria a escrever mensagens subliminares na parede ou qualquer outro local possível. Na verdade, queria apenas saber seus passos e um pouco da personalidade de cada um.

O primeiro que acompanhou foi Mário, o porteiro do lugar. Era ele quem conhecia todos que entravam e saíam e estava sempre de olho em tudo. Sua rotina era simples. Não trabalhava todos os dias. Quando era dia de trabalho, recebia os novos moradores, atendia o portão e ficava de olho nas câmeras de segurança. Quando não trabalhava, quem ficava em seu lugar era um jovem chamado Carlos. Os dois eram totalmente diferentes. Enquanto um parecia se importar com cada detalhe do lugar, o outro apenas cumpria seu horário de expediente. Isso não incomodou Angelina. Precisava, tanto da atenção, quanto do desleixo ao seu favor.

Atentamente, seguiu os passos de Mário durante toda a manhã e o fim da tarde. Durante a noite, fez o mesmo com Carlos. Andou ao seu lado e guardou cada cômodo que o jovem visitou, fazendo uma espécie de inspeção diária. Por fim, Angelina deu por encerrada a participação de ambos. Os dois já haviam lhe esclarecido suas dúvidas e ajudado com algumas questões. Entretanto, estava na hora de usar essas informações para colocar seu plano em ação.

Já havia passado das nove da noite quando Angelina caminhou até a cabana. Seria ali que tudo aconteceria. Tinha em sua mente a ideia de levar Otávio até lá, porém, para que ele recuperasse o gosto pela vida, precisaria de bem mais do que levá-lo a uma construção de madeira, repleta de poeira e molduras quebradas. Tinha em sua mente um plano e esperava que ele funcionasse. Ficaria no lugar por alguns dias e o transformaria sem fazer alarde. A cabana estava interditada e ninguém mais a frequentava.

Anteriormente, era usada para guardar objetos, mas foi construído um novo quarto para essa funcionalidade. Nem Mário, Carlos ou qualquer outro funcionário costuma ir até ela. Ao investigar cada um, Angelina fez questão de ver aonde iriam e o que faziam. Por isso, sabia, somente ela tinha interesse naquele pequeno espaço. Teria que ter calma e paciência. Não poderia acender luzes e nem fazer barulho. E, ao mesmo tempo, não deveria demorar muito.

Por dois dias ficou por lá sem sair. Durante a tarde se movia lentamente e olhava para fora o tempo inteiro. Já a noite, acelerava seus passos e não precisava se preocupar. Pela primeira vez sentiu cansaço. Ao que parecia ela era mais resistente que quando viva, mas não totalmente imune ao esgotamento. Sentou-se no chão e ajeitou os pés no tapete. Estava tudo pronto.

Angelina buscou por Otávio em todo o lugar sem sucesso. Foi em seu quarto, no consultório e na sala, sem encontrá-lo. Já fazia dias desde o último encontro e ela sequer sabia como ele estava. Decidiu, então, ir para o lado de fora. Buscou em todo o gramado esverdeado e nos arredores, porém, não teve sinal algum de sua presença. Naquele horário, todos já estavam em seus quartos, onde ele também deveria estar. Olhou para o céu e observou as estrelas. Naquela noite todas as constelações pareciam estar mais próximas. Por uns segundos, aquela imagem pareceu hipnotizá-la, porém, uma sombra chamou sua atenção. Era Otávio, ela sabia. Sentado no telhado e observando o céu que, dessa vez, tinha cores e brilho. Ela se aproximou e pigarreou, chamando sua atenção.

— Não acha que é tarde para estar do lado de fora?

Otávio reconheceu a voz imediatamente. Há pouco, estava pensando na jovem funcionária e em suas conversas de dias atrás.

— O dia está um pouco quente. Achei melhor tomar um pouco de ar.

Ela sorriu com a resposta e ele deu uma risada. Apesar do pouco tempo de convivência, parecia que os dois já se conheciam há muito tempo. A menina subiu as escadas e parou ao seu lado. Seu olhar estava diferente do habitual. A cor estava mais viva, como se tivessem retocado uma pintura já gasta.

— É verdade. E como estão as coisas?

Assim que se aproximou, Angelina notou que o aspecto de Otávio estava diferente. As marcas de expressões estavam mais aparentes, assim como as olheiras abaixo de seus olhos.

— Sofri um pequeno acidente recentemente, mas nada grave. Ando tomando ainda mais remédios e recebo visitas constantes dos funcionários em meu quarto. Acho que é isso.

— E você está se recuperando bem?

— Sim. Quando acordei fiz alguns exames e no dia seguinte fui liberado.

— Isso é bom. Eu gostaria de lhe mostrar um lugar. O que acha?

Otávio olhou para Angelina, curioso e moveu o corpo em sua direção.

— Qual local?

— Um lugar aqui dentro mesmo, mas que, acredito eu, o senhor ainda não conheça. Vamos?

Angelina se levantou e segurou a mão do senhor que, com um pouco de dificuldade, se levantou e seguiu seus passos.

Durante o caminho ninguém falou nada. Otávio estava curioso, mas se permitiu guiar pela jovem. Angelina sabia exatamente por onde ir e por isso não levou muito tempo até avistar a cabana.

— Está um pouco escuro aqui, mas lá dentro não.

— Mas o que faremos aqui? Creio que se alguém nos vir lá, pensarão bobagens.

— Está tudo bem, não se preocupe. Vamos.

Angelina segurou novamente a mão de Otávio e o guiou. Sentiu sua mão enrugada e frágil. Seus dedos com calos e pequenos machucados feitos pela insistência de permanecer pintando até criar quadros de seu agrado. Girou a maçaneta que destrancou no dia anterior e abriu a porta. Estava tudo escuro, como todas as noites.

— O que há de tão importante aqui?

A porta se fechou e Angelina largou a mão de Otávio. Não houve respostas. O silêncio tomou conta do lugar até que, sem aviso prévio, a luz foi ligada e toda a escuridão desapareceu, dando lugar a diversos tons de cores e figuras.

Durante dias Angelina arrumou os quadros de Otávio e os organizou por toda a cabana. Cada pequeno espaço estava preenchido com algo seu. O rosto de Clarisse tinha destaque, pois era maioria em relação às pinturas. Porém, ela ainda encontrou outras, incluindo um antigo autorretrato de Otávio. A jovem criou uma exposição de artes que o idoso nunca havia conseguido ter. Entretanto, aquilo tinha ainda mais valor do que o visual. Ao deixá-lo ali, de frente com sua arte, Otávio se viu contemplando suas lembranças. Principalmente ao ver Clarisse que, quase que diariamente, visitava seus sonhos.

Otávio esfregou os olhos, como quem não estivesse acreditando no que estava vendo. Tocou nas telas e no rosto de sua amada. Tinha vagas lembranças dos dois, mas não a tinha esquecido completamente. Deu uma risada ao ver seu autorretrato e comparou seu cabelo, quase que careca, com o volumoso da pintura. Parou no meio do lugar e girou os pés, observando cada quadro que, mesmo que fossem antigos, eram como novos. Ali, ele era o artista e a plateia. O fã e o criador. A lembrança e o esquecimento. Tudo isso pintado e misturado com tinta.

— Muito obrigado por isso.

Angelina sorriu e se aproximou da escrivaninha, abrindo a gaveta e pegando um caderno empoeirado.

— Isso não é tudo.

Ela parou ao lado de Otávio e estendeu a mão, entregando o objeto.

— O que é isso?

— Clarisse lhe deixou uma carta, tome.

Com as mãos trêmulas, leu os versos escritos e uma lágrima desceu de seus olhos, solitária. Ele enxugou o rosto e dobrou o papel.

— Há mais outras aqui. Algumas estão gastas e ilegíveis. Já outras, que são poucas, são possíveis de ler.

— E eu posso ler?

— Sim, claro. Esse lugar foi feito para você.

— Feito para mim?

— Sim, afinal, o inverno está chegando e não é bom ficar no telhado em dias frios.

Angelina deu uma risada abafada e Otávio não conteve o riso.

— Obrigado. Não sei como agradecer.

— Venha aqui sempre que precisar. Se algum funcionário questionar, mostre como está aqui dentro e diga que você quem fez. Eles não reclamarão. Apenas viva suas lembranças.

Ele concordou com a cabeça e se aproximou, abraçando-a. Ela aceitou o contato e o abraçou também. Os dois ficaram ali por um tempo, envolvidos nos braços um do outro, no meio das cartas e pinturas de Otávio.

Minutos depois, Otávio voltou para o seu quarto, levando consigo alguns papéis e pincéis. Estava decidido a voltar a pintar e ler todas as cartas que haviam lhe tirado. Ainda pensava na morte, mas sentia que,

naquele momento, poderia esperar por ela um pouco mais. Tinha agora novas memórias para lembrar e esquecer.

Angelina caminhou lentamente até a saída e folheou o seu caderno. O nome de Otávio estava quase que completamente apagado. Seguiu em direção ao portão e, ao passar por ele, desapareceu.

# OS OLHOS DA MORTE



Escuridão e silêncio. Essas foram as primeiras impressões que Angelina teve ao abrir os olhos. Minutos antes, sentiu seus pés sendo puxados e, pouco depois, foi como se estivesse em uma queda livre. Tudo foi muito rápido. Em um minuto estava no portão da casa de repouso e, quando notou, já não sentia seus pés. Respirou fundo. Não se moveu. Olhou ao redor e esperou. Sabia o que aconteceria. Fechou os olhos e aguardou. *Um, dois, três... sete...* A luz se acendeu. Abriu os olhos e esperou que sua vista se acostumassem à luz. Escutou alguns passos próximos e viu a silhueta de Ixtab. Passou as costas das mãos nas pálpebras e a viu se aproximar.

— Bem-vinda, Angelina. Como está se sentindo?

A deusa sorriu e estendeu as mãos, cumprimentando-a. Ela vestia um grande manto de cor roxa que ia até seus pés e, em volta de seu pescoço, estava a corda que simbolizava a morte daqueles que se suicidaram por enforcamento.

— Estou bem.

Ixtab sorriu e apertou a mão da jovem, aproximando-se.

— E o que achou de Otávio?

Somente Angelina e Ixtab estavam visíveis. O resto era apenas uma neblina clara que rodeava as duas.

— Uma boa pessoa. Só precisava encontrar boas lembranças para se sentir vivo.

Angelina olhou nos olhos de Ixtab. Seus olhos verdes estavam mais escuros agora. Os da criatura, mantinham-se negros e sem emoção alguma. Ao redor, a neblina continuava a rodeá-las, só que, agora, diminuindo sua densidade.

— Tenho que me desculpar por não ter lhe contado sobre as visitas da Morte. Eu realmente me esqueci. Ao menos tudo deu certo no final.

Ixtab sorriu, afastou-se e continuou:

— Agora, vamos. Temos um destino a seguir.

O nevoeiro encobriu seu corpo e logo depois o de Angelina. Quando todo o ar cinza desapareceu, tudo ao redor tornou-se diferente. Estavam em um caminho novamente. A estrada era de terra totalmente preta e o chão parecia arenoso, como se pudesse sugá-las para baixo e engoli-las. Ao seu lado, Angelina viu grandes árvores sem frutos e pássaros em seus galhos. Alguns eram como corvos, já outros tinham asas grandes e garras afiadas, não parecendo nenhuma ave que já havia visto antes. Os olhos dos animais eram avermelhados e mantinham-se fixos em sua direção, encarando-a. O céu era inexistente. Não existiam nuvens e nem estrelas, somente uma espécie de manto negro e infinito.

Angelina sentiu um arrepio em seu corpo e esfregou as mãos, aquecendo-as. Toda a estrada era coberta por um nevoeiro, de um lado acinzentado e do outro, um pouco mais fraco, de cor branca.

— Onde estamos?

Ixtab se moveu lentamente.

— Essa é a segunda parte de sua jornada. Ao sair de onde estávamos anteriormente, significou que você concluiu o seu desafio. Agora é a minha missão encaminhá-la para o seu novo destino.

Uma ave voou e pousou em uma árvore próxima. O peso do animal fez com que um estalo do galho ecoasse por todo o lugar. Seus olhos mantinham-se fixos em Angelina e a jovem sentiu-se intimidada.

— Que aves são essas?

Ixtab estendeu as mãos e imediatamente a criatura voou para seu braço. Angelina se assustou com a proximidade do animal e deu um pulo para trás.

— São mensageiros da Morte.

— E por que eles estão aqui?

O corvo bateu as asas e voou, direcionando-se para longe.

— Seus olhos pertencem à Morte. Ela veio lhe fazer uma visita e, pela rapidez que foi embora, parece que está querendo chegar mais rápido do que você na próxima missão.

A terra estremeceu e tornou-se movediça. Os pés de Angelina foram engolidos e seu corpo foi absorvido lentamente. A jovem tentou se segurar no chão, mas seus braços foram arrastados para baixo.

— O que está acontecendo? — gritou, assustada.

— É a hora de ir, minha jovem. Não há tempo a perder.

Em poucos segundos todo o corpo de Angelina foi soterrado. Novamente, ela sentiu como se estivesse caindo em queda livre. Ao longe, Ixtab a observava. Já sabia exatamente aonde Angelina estava indo e o que a aguardava. Só não tinha certeza se ela seria capaz de concluir esse desafio.

# SENTIMENTOS EXPOSTOS



A cidade de São Paulo agigantou-se à frente de Angelina. Ao levantar-se, caminhou em busca de um local vazio. Precisava colocar seus pensamentos no lugar. O encontro com Ixtab foi mais rápido do que imaginou. Pensou que teria um tempo para respirar, porém, também se sentia aliviada por ter saído daquele lugar que, só de lembrar, causava-lhe arrepios. O olhar daquelas aves parecia penetrar a sua alma.

Estava no centro da cidade. Passava de meio-dia e inúmeras pessoas caminhavam apressadas. O clima estava seco e o sol quente. A situação piorava por conta da multidão que, a cada minuto que passava, só aumentava. Diferentes rostos se esbarravam, mas não se observavam. Psicopatas, suicidas e anônimos caminhavam lado a lado. Alguns até se encaravam, mas sem nenhum interesse. Na aglomeração de emoções, cada um vivia seus problemas.

Angelina abriu o caderno e viu, em letras douradas, um novo nome e endereço. Pouco conhecia da capital. Tinha vivido sua vida inteira em Holambra, pois seu pai preferia a tranquilidade aos intermináveis barulhos da metrópole. Sentia falta de ar só de se imaginar no meio de tanta gente. Nunca gostou de estar em locais lotados onde, a cada novo passo, batia com

os ombros em outro alguém. Preferia manter-se afastada, porém, ali não conseguia fazer isso. De alguma forma, sua percepção pareceu ter aumentado e, a cada novo rosto que passava despercebido pelos outros, ela encontrava traços de suas dores camufladas.

Caminhou em direção à multidão e parou. Seus olhos estavam extremamente esverdeados e tentavam acompanhar cada nova feição que passava ao seu lado. Imaginou como as pessoas agiriam se pudessem ver a dor de um desconhecido de forma tão clara. “*Será que ofereceriam ajuda ou se aproveitariam de sua fragilidade?*” Por alguns minutos ficou ali, quase que de forma hipnótica, observando seus traços e vestígios. Viu sorrisos falsos, gargalhadas exageradas, rostos tristes. Pessoas que, assim como ela, planejavam tirar a própria vida enquanto ninguém notava suas pequenas mudanças. Gostaria de ajudar cada um. De tentar encontrar seus problemas e soluções, mas não podia. Tinha um caminho para seguir. Segurou a folha de papel e leu o nome em voz alta: Heloíse. Cravou o olhar no papel e na caligrafia que não conseguia descrever e jamais havia visto antes. Segurou firme aquela folha e caminhou no sentido oposto ao das pessoas que vinham em sua direção.

Os primeiros ventos do fim de tarde se iniciavam e os primeiros passos de Angelina em direção a Heloíse também.

No céu, alguns pássaros voavam ao longe, lembrando a jovem que, nem mesmo ali, ela estava sozinha.

## HELOÍSE E A BAILARINA DE VIDRO

Heloise nasceu na França.  
Ainda jovem, veio ao Brasil.  
Dezessete, quase dezoito anos,  
E não quis mais voltar.  
Gostava da agitação de São Paulo.  
Da correria e do céu em cor cinza.  
Estudou jornalismo por dois anos, mas largou a faculdade.  
Queria viver de música,  
Tocar nos bares, calçadas e fazer com que as pessoas apressadas a notassem.  
Interrompeu seu sonho com uma gravidez indesejada.  
Seu parceiro a visitava regularmente, porém, ao saber da notícia, desapareceu.  
Por meses buscou por ele, mas não o encontrou.  
Enfrentou as cólicas, a dor do parto e a criação de sua filha sozinha.  
E não se arrependeu.  
A criança de olhos castanhos e cabelo claro a encantou logo em seu nascimento.  
Deu a ela o nome de Lunna.  
E com o passar dos anos o encanto aumentou.  
A menina era um prodígio.  
Cantava e dançava como poucos em sua idade.  
Tinha arte no sangue.  
Porém, não era só a arte.  
O câncer também corria em suas veias.  
Aos treze anos iniciou o tratamento.  
Por dois anos, lutou contra a doença.  
Porém, em uma tarde de domingo, seus olhos se fecharam para sempre.  
Heloíse não podia acreditar no que via.  
Sacudiu sua filha e cobrou dos médicos explicações.  
Não havia o que fazer.  
O seu canto foi suspenso.  
E sua pequena bailarina deixou os palcos antes das luzes se apagarem.



# NE ME QUITTE PAS



Heloíse trabalhava como secretária em um escritório de advocacia. Não gostava de seu trabalho, mas precisava dele para manter suas contas pagas. Com a faculdade de jornalismo trancada e seus sonhos guardados, encontrou uma vaga próxima à sua localidade. Não tinha experiência na área, mas, por conta de sua fluência em duas línguas e a facilidade para lidar com pessoas, foi contratada. Após a morte de sua filha, seus pais sugeriram que voltasse para a França, porém, recusou. Não suportaria ver o olhar de pena de sua família e as inúmeras perguntas sobre a doença de Lunna. Mesmo após sete meses a ferida permanecia aberta. Muitas pessoas ainda lhe viam e desejavam condolências, o que tornava mais grave a situação. Não conseguia esquecer do rosto da filha e nem desejava isso. Entretanto, algumas vezes, queria apenas dar um descanso à sua alma.

Conferiu o seu relógio de pulso e começou a arrumar suas coisas. Passava das sete horas e, pela janela do escritório, viu a movimentação da rua. Adolescentes caminhavam de mãos dadas e outros seguiam em passos despreziosos, despreocupados. Um músico de rua tocava um violino logo abaixo do prédio em que estava e ela se distraiu com a melodia da canção. O instrumento estava desafinado e o músico não era tão bom, mas parecia

entreter algumas pessoas que passavam pelo local. Desceu as escadas e foi em direção ao artista. Deixou em sua caixa de moedas algumas notas de baixo valor e sorriu para o homem, que fez uma reverência, agradecendo-a. Acendeu um cigarro e tragou a fumaça lentamente, soltando-a em seguida. Adquirira o hábito de fumar há poucos meses. Não era viciada, mas fumava diariamente. Gostava da sensação que o fumo lhe causava, desde o trago, até a baforada. Distraía-se com a fumaça e com a forma com que o girava em seus dedos. Para ela, fumar era mais uma distração do que um costume. Soprou a última fumaça e a observou desaparecer com o vento. Logo depois, entrou no prédio em que morava. Seu apartamento era no segundo andar. Um lugar simples e de dois quartos. Quando sua filha ainda estava viva, ali parecia pequeno, mas, depois de seu falecimento, sobrou espaço. Tão grande era o vazio dos cômodos que Heloíse podia escutar os ecos das falas da televisão. Porém, ainda assim, ela não mudou nada. Cada objeto permaneceu no lugar, como um museu de recordações. Sua casa continuou a mesma, desde a pintura do seu quarto, até as cortinas da sala de estar.

Deixou sua bolsa no sofá e abriu a geladeira. Tomou um gole de suco e fechou a porta, seguindo para o seu quarto. Lá, pegou algumas peças de roupas e foi para o chuveiro. A noite se iniciava e com isso a temperatura começava a cair também. Heloíse saiu do banho e se vestiu. Usava uma camisa preta de manga longa e uma saia da mesma cor. Gostava de roupas escuras, mas passou a usá-las ainda mais por conta do luto. Pegou as chaves e a carteira e saiu novamente. Seguiu na direção oposta à de seu trabalho. Passou por bares, restaurantes e casas de show. Viu a alegria de cada jovem e adulto que segurava um copo de bebida e sorria exageradamente. Viu-se em cada um deles. Lembrou-se de poucos meses antes, quando se afogou em copos de álcool, na tentativa falha de esquecer das dores que sentia. Estava indo para o *Le France Café*, um pequeno, mas confortável

restaurante francês, localizado a pouco mais de vinte minutos do centro da cidade.

A culinária era uma de suas paixões. Nascida em um pequeno vilarejo chamado *Kaysersberg*, Heloíse aprendeu a cozinhar desde bem pequena. Sua mãe amava fazer *Coq au vin*, prato típico feito à base de carne de galo e vinho. Aquela era a sua comida favorita e, mesmo tendo visitado diversos restaurantes ao longo da vida, jamais encontrou alguém que o fizesse como o de sua mãe. Exatamente por isso não costumava pedi-lo mais. Preferia manter em sua memória o sabor do tempero e as lembranças de sua família reunida na pequena cozinha de sua casa.

Chegou pouco antes das nove da noite e foi atendida por um jovem garçom que a acompanhou até sua mesa. O menino lhe perguntou se ela gostaria de pedir ou se esperaria alguém. Heloíse pediu uma taça de vinho e *Quiche Lorraine*, uma de suas receitas favoritas e de Lunna também. Havia ensinado a sua filha como prepará-la e, em uma de suas últimas noites no hospital, preparou para ela e comeram juntas. Em uma de suas últimas conversas, falaram sobre seus sonhos e tiraram algumas fotos. Lunna amava fotografia e não se importava com a falta de cabelo ou sua forma física. Dizia que eram lembranças e não deviam ser apagadas, até mesmo aquelas de dias ruins. Heloíse admirava sua filha. Apesar de jovem, ela era madura e sempre encarou a vida de modo positivo. E com essa mesma positividade encarou a morte. Desde o início, parecia que ela já sabia que partiria. E, quando o dia chegou, Lunna apenas segurou a mão de sua mãe, sorriu e pediu que ela cantasse para que pudesse dormir. Mesmo com o nó na garganta, Heloíse aceitou o pedido da filha:

*Não vou chorar mais*

*Não vou falar mais*

*Escondo-me aqui*

*Para te ver dançar e sorrir  
Para te ouvir cantar e rir.*

*Não me deixes  
Ne me quitte pas”*

Heloíse estava com o rosto inundado de lágrimas e se silenciou. A mão de Lunna, que antes apertava firme seus dedos, agora já não tinha mais forças. Ela ainda sorria, mas já havia partido.

Os passos do garçom tiraram Heloíse de suas lembranças. Ela respirou fundo e se recompôs. Aquilo era inevitável. No início era mais difícil, pois não conseguia manter o controle. Ao menos agora conseguia segurar as lágrimas e se desvencilhar das imagens por um tempo.

Pegou a taça de vinho e provou. O sabor era doce e suave, o seu predileto. Pegou o talher e provou sua comida. Estava saborosa, mas logo notou alguns temperos que não costumava usar. Pegou novamente a taça de vinho, mas dessa vez demorou um pouco mais para tomá-la. Segurou em suas mãos e observou a cor da bebida. Depois, com delicadeza tomou mais um gole e voltou a comer. Um menino com um vaso de flores passou pela rua e ofereceu a alguns casais que estavam no restaurante. A criança passou em sua direção, mas não lhe ofereceu rosa alguma. Ainda assim, Heloíse o chamou.

— Eu quero uma flor branca e outra vermelha, por favor.

O jovem voltou imediatamente e parou à sua frente. A criança não disfarçou sua surpresa e curiosidade, analisando-a por inteiro.

— Muito obrigado, senhora.

Ela sorriu e entregou o dinheiro.

Ao terminar sua refeição, Heloíse pagou a conta e decidiu voltar para casa. No caminho, segurou as flores e sentiu o cheiro de cada pétala. Já

passava das onze da noite e ventava muito. O céu estava estrelado e a rua permanecia movimentada. Antes de entrar em seu apartamento, sentou-se em um banco e esperou o tempo passar. Minutos depois, levantou-se e foi na direção oposta à de sua casa. Iria em apenas mais um lugar.

O cemitério estava fechado naquele horário, porém o coveiro já estava acostumado com suas visitas no meio da noite.

— Boa noite, dona. A senhora sabe que já fechamos, não é?

O coveiro se chamava Nilo e já trabalhava ali há mais de cinquenta anos. Já havia acompanhado inúmeros enterros e assistido a dor de mães, pais e filhos. Por isso, quando Heloíse apareceu a primeira vez, no meio da noite, pedindo para ir até o túmulo de sua filha, ele não conseguiu negar. Ainda assim, ele precisava dizer aquela frase. Era parte de seu trabalho.

— Sim, eu sei. Só vim deixar isso.

Ela mostrou as rosas e as segurou contra o peito. Ele balançou a cabeça positivamente e deixou que ela entrasse.

— Está tudo bem.

O cemitério tinha pouca iluminação noturna e apenas um poste da rua iluminava o lugar. Porém, Heloíse conhecia bem o caminho. Passou por entre os túmulos e seguiu por um pequeno caminho de terra. Poucos segundos depois, chegou ao lugar. Retirou as flores antigas e colocou as novas. Não disse nada, apenas se sentou ao lado da lápide e manteve-se olhando para o nada. Uma lágrima desceu de seus olhos e ela logo enxugou. Logo depois, uma outra caiu e seu rosto logo ficou inundado delas.

Nilo apareceu e veio em sua direção. O senhor apoiou seus braços e a ajudou a se levantar. Os olhos do coveiro a encaravam de forma fraterna e preocupada.

— A senhora quer que eu chame um táxi?

Ela se apoiou e firmou os pés. Seus olhos estavam vermelhos e embaçados.

— Não, está tudo bem. Eu vou andando.

Ao sair, sua vista ainda estava turva. Por isso, ela esfregou os olhos e enxugou as lágrimas.

Heloíse apressou os passos e retornou o caminho para casa. Ali, a rua já estava deserta e com pouco movimento no comércio. Um forte vento se iniciou e as primeiras gotas de chuva começaram a cair. Rapidamente, a chuva se tornou mais forte e Heloíse decidiu correr para chegar em seu apartamento. Ao avistar a portaria, tirou a chave do bolso e se apressou ainda mais. Porém, numa distração, esbarrou em uma pessoa e a sua chave caiu no chão.

— Me desculpe. Eu não te vi e estava com pressa.

A jovem ficou em silêncio e parecia assustada.

— Você está bem?

A chuva caiu ainda mais e os raios aumentaram. Ela continuou em silêncio.

— Ei, você está perdida?

Angelina estava ofegante. Não imaginava que encontraria Heloíse por acaso. Havia andado o dia inteiro em busca de sua casa e, ainda assim, não havia planejado nada para dizer ou fazer. Balançou a cabeça lentamente e concordou:

— Não, eu estou bem. É que fui assaltada e acabaram levando algumas coisas minhas, mas foi só um susto.

Heloíse se abaixou e pegou as chaves. Só havia as duas na rua naquele momento. Ela olhou ao redor e para a menina.

— Está chovendo muito e não há quase ninguém aqui nesse horário. Venha, é melhor entrar e esperar a chuva passar, pois pode ser perigoso para

você ficar aqui sozinha.

Angelina deu um passo para trás.

— Não, está tudo bem.

Ela se aproximou e olhou para a jovem.

— Eu não posso deixá-la aqui. Se amanhã tiver no noticiário sobre a morte de uma jovem eu me culparei até descobrir que não é você.

Angelina sorriu e concordou. Não podia negar. Aquela era a primeira vez que se aproximava de uma pessoa tão rápido e não sabia como agir.

— Tudo bem.

Heloíse pegou as chaves e abriu a porta. Angelina foi logo atrás e tentou analisá-la. À primeira vista, ela parecia uma pessoa comum, porém, ela sabia bem, pessoas comuns guardam segredos e dores que ninguém ao seu redor poderia imaginar.

# A VIAGEM SEM VOLTA



Angelina seguiu Heloíse até seu apartamento. Subiu a escada de poucos degraus até chegar numa pequena porta de madeira com o número cinco. Não havia campainha, apenas um aviso indicando para bater à porta e aguardar. A mulher pegou as chaves e girou a maçaneta. A jovem ia limpar os pés no tapete, mas a mulher logo indicou que não era necessário. Entraram e a dona da casa logo foi tirando o sapato molhado e ligando as luzes. Angelina ficou parada e observou o lugar. Havia alguns quadros pendurados nas paredes com frases que pareciam estar em francês ou espanhol. Um abajur sem lâmpadas e uma decoração simples, mas de bom gosto. No canto de uma parede, um único retrato tinha a foto da mulher e uma menina sorrindo.

Heloíse foi em direção ao quarto, pegou uma toalha e algumas roupas suas. Voltou à sala e as entregou a Angelina. Ela enxugou o cabelo e o rosto. Tirou seu sapato e deixou ao lado porta. Vestia-se como no dia de sua morte: calça jeans azul escura, casaco de mangas compridas e uma camiseta preta por baixo.

— Onde posso me trocar?

Apontou para a segunda porta após o corredor e Angelina seguiu sua indicação. Vestiu-se com uma calça e blusa preta.

— Desculpe, é que o meu armário está repleto de roupas dessa cor.

Ela sorriu e ficou em silêncio, observando a jovem que olhava o chão, pensativa.

— Obrigado por me tirar dessa chuva e me abrigar.

— A cidade fica mais perigosa conforme anoitece. Uma jovem como você, sozinha e perdida, certamente seria encontrada por alguém com más intenções.

Heloíse tinha voz calma e uma certa rouquidão no final das frases. Apesar de ainda possuir sotaque, seu português era perfeito.

— Era tão perceptível que eu estava perdida?

Ela se aproximou e olhou nos olhos de Angelina.

— Nós duas estávamos, não é?

Ela riu.

— Como assim?

Angelina desviou o olhar.

— Você andando olhando para todos os lados. Eu correndo sem ver o que estava na minha frente. Certamente, cada uma perdida em seu mundo e pensamento.

Uma poça d'água se formou no chão e Heloíse olhou para seus pés. Com a distração e a pressa em pegar algo seco para a jovem, acabou não se trocando de imediato. Pegou o controle da televisão e indicou o sofá para que ela se sentasse. Angelina sentou-se e colocou os pés no tapete. Na TV estava passando o noticiário local e ela não se interessou em vê-lo. Não fazia mais parte daquela realidade. Sua única ligação com o mundo real eram as pessoas que tinha que encontrar e somente as suas tragédias importavam. Viu uma nova fotografia, dessa vez, da mesma menina, mas

com os cabelos mais curtos. Ela vestia um vestido azul-claro e parecia ensaiar algum passo de dança.

A mulher voltou minutos depois vestindo uma calça de moletom e blusa sem mangas. Foi em direção à cozinha e entregou a Angelina um copo com chá. .

— Você gostaria de ligar para os seus pais e avisar que está aqui?

Angelina se remexeu no sofá e encarou a televisão.

— Não, obrigada. Eu já os avisei e expliquei a situação.

O vento forte balançava os galhos das árvores e a chuva caía forte. Heloíse olhou pela janela e tomou um gole do seu chá.

— Sem problemas. Você pode ficar aqui essa noite e ir ao amanhecer. São Paulo é dessa forma. Chove repentinamente, alagando ruas, quebrando os galhos das árvores e pela manhã o sol surge como se nada tivesse acontecido.

As duas sorriram e ficaram em silêncio.

— É a sua filha na foto? Ela é linda.

Angelina apontou para o porta-retratos e Heloíse se sentou ao seu lado, pegando-o.

— É sim. Chamava-se Lunna. Faleceu há alguns meses.

Tomou mais uma golada do líquido quente e apreciou o sabor.

— Sinto muito.

Ficou em silêncio e olhou em seus olhos. Agora, podia sentir sua dor e aflição. Não pela sensibilidade que possuía, mas pela transparência dos sentimentos de Heloíse em relação à filha.

— Está tudo bem. É uma pergunta comum.

Girou o chá e bebeu o restante. Na televisão passava um programa de humor que não tinha graça alguma. Nunca entendeu como programas assim

permaneciam no ar. Esticou os pés e espreguiçou-se. O copo de Angelina continuava cheio.

— Eu irei me deitar. Fique à vontade. Se incomoda de ficar aqui na sala? Tinha o quarto de sua filha vazio, mas ainda não se sentia preparada para permitir que outra pessoa dormisse lá.

— Eu posso ficar aqui.

Levantou-se e buscou algumas roupas de cama em seu armário.

— Boa noite.

Quando estava saindo, retornou.

— Ainda não nos apresentamos, agora que notei. Eu me chamo Heloíse. Ela estendeu a mão e Angelina a cumprimentou:

— Eu me chamo Angelina.

Heloíse soltou seus dedos e sorriu, cansada.

— É um lindo nome. Tenha uma boa noite. Pode ficar à vontade.

A mulher entrou em seu quarto e fechou a porta. Estava realmente cansada e não demorou muito para adormecer. Angelina permaneceu sentada por alguns minutos. Desligou a televisão e, exceto pelo som da chuva, tudo estava em silêncio. Pegou as roupas de cama e colocou em cima do sofá. Depois, arrumou-as no chão, mas desistiu e colocou novamente no sofá. Não sentia sono, mas precisava parecer que passou a noite inteira ali. Ironicamente, aquela seria a primeira vez que estava dormindo numa casa que não era a sua.

Levantou-se e tocou os pés suavemente no chão. Tentou não fazer barulho como no corredor em que os idosos escutaram seus passos e logo imaginaram estar cercados de fantasmas. Desviou-se da mesa de centro e caminhou até a cozinha. Diferente do *Recanto das lembranças*, ali era pequeno e não tinha muito o que procurar. Saiu da cozinha e passou pelo quarto de Heloíse. Ao lado, uma segunda porta estava trancada. Sem

problemas, passou por ela. Era o quarto de Lunna. Tudo estava arrumado como se ela tivesse ido fazer uma viagem, mas fosse voltar em breve. Tocou os lençóis e cortinas. Os detalhes lembravam um pouco onde costumava dormir. A cama próxima da janela, a escrivaninha e alguns papéis sobre a mesa. Imaginou se, em sua casa, nesse mesmo momento, seu quarto permanecia imutável ou se já teriam mudado seus móveis e estariam apenas esperando o desligamento dos aparelhos. Escutou um barulho ao lado e espantou seus devaneios. Sabia o que causava a dor em Heloíse, porém, não via nela o desejo de alcançar a morte. Entretanto, era cedo demais para tirar conclusões. Há inúmeros suicidas não declarados que esperam apenas um ato de coragem para ceifar a própria vida. Por isso, Angelina deveria estar sempre atenta. Em um descuido Heloíse poderia sorrir e, logo depois, pular de um prédio sem aviso prévio.

Angelina voltou para a sala e se deitou. Não iria dormir, mas precisava traçar estratégias, afinal, sentia, estava sendo observada o tempo inteiro.

# INTOCÁVEL DESORGANIZAÇÃO



O sol surgiu ainda fraco ao amanhecer. As ruas continuavam molhadas e o cheiro de chuva permanecia em toda a cidade. Angelina se levantou por volta das oito da manhã e Heloíse acordou poucos minutos depois. Apareceu na sala com o cabelo ainda bagunçado e cara de sono. Aparentava estar cansada. Havia olheiras debaixo de seus olhos e seu rosto estava abatido. Caminhou lentamente em direção ao sofá e se recostou nele.

— Bom dia, Angelina. Dormiu bem?

A mulher se espreguiçou e esfregou os olhos.

— Dormi sim e você?

Angelina estava sentada e balançava os pés repetidamente para frente e para atrás.

— Sim. Milagrosamente a insônia não me visitou essa noite.

Ela sorriu e caminhou em direção à cozinha.

— Dizem que a falta de sono se dá pelo excesso de sentimentos e pensamentos.

Angelina levantou-se e seguiu Heloíse. A mulher parou e olhou para trás, encarando-a.

— É uma boa reflexão...

Virou novamente as costas e pegou duas xícaras. Em seguida, encheu uma chaleira de água e colocou para aquecer no fogão.

— ... boa demais para tão cedo.

Ela deu uma risada e Angelina corou. Estava estranhando o fato de estar ao lado de uma desconhecida e, apesar disso, ser tratada como se fossem próximas.

Heloíse desligou o fogo e serviu duas xícaras de chá. Dessa vez, Angelina também tomou a sua bebida. Sentaram-se na mesa e, distraidamente, a mulher rodou alguns cubos de açúcar de seu chá com um palito de plástico. Em seguida, abriu um pote e retirou dois *croissant* doces. Comeram em silêncio e, apesar das poucas palavras, Angelina gostou daquele momento. Era a primeira vez que vivia aquela cena que, para a maioria das pessoas, era comum e rotineira. Como não conheceu sua mãe, a única figura materna que teve foi a de sua madrastra. Ela não era uma pessoa ruim, amava o seu pai e criou muito bem sua irmã. As duas só não conseguiram ser próximas.

Heloíse se levantou e lavou sua xícara. Novamente, espreguiçou-se e esfregou os olhos. Angelina bebeu o último gole do chá e olhou pela janela. Lá fora, algumas crianças corriam pela calçada e pulavam sem parar. Carros e ônibus passavam apressados, enquanto um casal de idosos caminhava lentamente de mãos dadas.

A cozinha era repleta de cores. Seus talheres eram, em sua maioria, vermelhos. Porém, as panelas tinham alças de cor azul, amarelo e verde. Já as xícaras, que estavam por toda a parte, tinham estampas diversas. Flores, desenhos animados, paisagens e até uma com sua caricatura. Apesar da diversidade, tudo se complementava e trazia um tom alegre ao lugar. Aos que visitavam rapidamente, somente para tomar um chá e nada mais, algumas coisas podiam passar despercebidas. E são exatamente essas coisas

que desfocam as cores e mostram que também há muito cinza por toda parte: um prato quebrado, mas guardado numa caixa acima da geladeira. Excesso de copos para uma pessoa que mora sozinha. Mamadeira e utensílios infantis. Pares de taças. Seis garrafas de vinho vazias escondidas debaixo da pia. Detalhes que revelavam as dores que seu sorriso e calma escondiam.

Angelina se levantou e lavou o que usou. Heloíse estava ao lado da janela observando a movimentação da rua. Acendeu um cigarro e jogou a fumaça no ar. Os raios de sol já invadiam a sala e ultrapassavam a cortina branca que não servia para nada além de decoração. Uma campainha tocou no apartamento ao lado e o som invadiu toda a casa. Heloíse apagou o cigarro e foi até a sala. Quando Angelina pensou em segui-la, ela retornou.

— Sabe, eu não suporto campainhas e suas variedades de sons. Ainda mais em um local como esse, tão pequeno e repleto de eco. Uma batida na porta já é suficiente para saber se há alguém chamando ou não.

Angelina concordou. Seu pai adorava campainhas. Todos os anos comprava uma nova e mudava seu toque todos os meses. Poderia montar uma orquestra só com as melodias que já havia escolhido ao longo dos anos. Sua irmã também gostava. Quando pequena, costumava dançar sempre que alguém chamava e, por esse motivo, Angelina fingia que esquecia as chaves somente para apertar a campainha e alegrar sua irmã.

— É verdade.

Novamente, tocaram a campainha e o som invadiu a casa. Heloíse correu até a porta e a abriu, dando de cara com um entregador.

— Bom dia meu senhor. Sabe esse objeto que você insiste em apertar? Ele dispara um som, entretanto, se você o apertar diversas vezes seguidas e de modo mais longo, não fará com que a porta se abra repentinamente. Então, antes que você faça isso, estou trazendo essa informação de utilidade

pública. Aguarde. A dona da casa certamente já ouviu que você está aqui, afinal, até eu já escutei.

Fechou a porta e voltou à cozinha.

— Desculpe, menina. Às vezes isso me tira do sério.

Angelina deu uma risada abafada e concordou, balançando a cabeça.

— Está tudo bem.

Heloíse foi ao banheiro trocar de roupa e se arrumar. Teria que fazer algumas atividades do trabalho no centro da cidade e ligar para seus pais no horário da tarde. Avisou para Angelina que teria que sair e ela interpretou que era a hora de ir embora. Viu sua roupa no varal e foi ver se estava seca. Não estava. Sentou-se no sofá e aguardou. Minutos depois, Heloíse saiu. Vestia-se com um vestido longo azul-marinho e usava óculos escuros preso no cabelo.

— Minha roupa ainda está molhada. Posso ficar com essa e trazer em outro dia?

— Pode sim. Fique tranquila.

Saíram minutos depois. Heloíse despediu-se de Angelina com um abraço e ela retribuiu. Cada uma foi para um lado, porém, quando a mulher se distanciou, Angelina voltou o caminho e parou em frente ao prédio. Voltaria à casa para conhecer mais sobre ela e sua vida. Não gostava muito da ideia de invadir o espaço de alguém que lhe dera abrigo, mas não tinha escolha. Precisava fazer isso e não podia perder tempo.

Subiu os degraus da escada de dois em dois, uma mania que tinha desde criança, e rapidamente encontrou a porta do apartamento de Heloíse. Não bateu a porta e nem tocou a campainha, apenas ultrapassou as paredes, um costume que já estava se tornando comum. Já na casa, passou pela sala e foi em direção ao quarto de Lunna. Lá, olhou com mais calma os detalhes do lugar. Suas paredes eram delicadas e claras. Os móveis tinham tons mais

escuros e rústicos. Na escrivaninha, papéis, lápis, canetas e objetos de estudo se aglomeravam. Até mesmo a desorganização foi mantida intocável. Olhou mais algumas coisas e não encontrou nada de diferente. Voltou para a sala e caminhou até o segundo quarto. Ali a desorganização também parecia intocável. Havia roupas jogadas ao chão, cinzas de cigarro em um copo de vidro, e papéis amassados ao lado de uma lixeira que, certamente, foram arremessados. Tudo era extremamente escuro: o cômodo, os lençóis, a cortina. Certamente por conta da insônia que Heloíse vinha sentindo.

Angelina se sentou na cama e abriu uma gaveta da pequena cômoda que ficava ao lado. Encontrou maços de cigarros de marcas distintas, além de comprimidos em excesso e diversos pacotes de lâmina de barbear. As lâminas e os comprimidos indicaram que Heloíse, apesar de não parecer, já havia passado do nível do *pensar em suicídio* e já estava começando a *planejá-lo*.

Decidiu ver o que eram aqueles papéis amassados e pegou alguns. Algumas das folhas estavam quase que totalmente em branco ou rabiscadas. Porém, em duas, encontrou frases do que pareciam ser inícios de músicas ou poemas. A primeira estava totalmente desconexa e sem sentido, mas a segunda tinha um pequeno trecho:

*“Sou um quadro perfeito sem emoções.  
Uma figura imperfeita sem expressões  
E eu esperei que você notasse  
Que fiz de mim um personagem  
Que finge ser feliz...”*

O restante do papel estava rabiscado com caneta preta. Angelina amassou tudo novamente e jogou dentro do lixo. Girou os pés e observou

tudo ao redor. A cama de casal, a mesa de escritório repleta de pastas e o violão jogado em cima do armário. Viu o retrato da vida de Heloíse. Sua casa mantinha-se arrumada por fora, mas em seu quarto, que era o seu espaço, tudo estava uma completa bagunça. Assim como dentro de si.

Angelina saiu do quarto e caminhou pelo corredor. Estava saindo quando escutou o barulho das chaves. Ficou em silêncio e parou. Escutou uns passos, o barulho da chave novamente e a campainha. O som invadiu toda a casa e fez com que a jovem concordasse com Heloíse. Entretanto, o som também lhe trouxe alívio. Seguiu em direção à saída e foi embora da mesma forma que entrou. Desceu os degraus e parou no portão do prédio. Pegou o caderno e viu novamente o nome e endereço que estavam escritos. Diferente de antes, havia dois endereços escritos nele: um da casa, onde estava, e o de um cemitério. Como já havia visto a casa, decidiu ir para o último. Seguiu o caminho contrário em que iria pela manhã e começou a pensar no que poderia fazer.

A tarde se iniciava na cidade de São Paulo e Angelina caminhava depressa por entre os moradores acelerados da capital. Cada um seguindo sua própria corrida: Eles pelas suas vidas e ela pela morte.

# A VIDA AOS OLHOS DA MORTE



Existem inúmeros cemitérios pela cidade de São Paulo. Alguns famosos, como o *Cemitério da Consolação*, onde se encontra o túmulo do escritor Monteiro Lobato, o *Cemitério Morumby*, local em que o piloto Ayrton Senna foi enterrado, e tantos outros, não tão conhecidos, espalhados pela capital paulista. A pequena Lunna foi enterrada no *Cemitério de Colônia*, numa tarde de sol e com poucos presentes na cerimônia. Heloíse não queria condolências, frases de apoio e nem sermões religiosos. Preferiu a presença de poucos amigos e o silêncio respeitoso daqueles que sabiam que palavra alguma poderia mudar a dor que estava sentindo. O dia estava límpido e pássaros cantavam, alegres, enquanto o caixão era fechado e as primeiras pás de terra eram jogadas sobre a grande caixa de madeira. Ali, sentiu-se enterrada também. Sete palmas. Com os olhos abertos e o coração batendo sem pressa. O sol em sua cabeça e os pássaros iniciando uma nova sintonia. Pá a pá. Terra a terra. Lentamente. De pé. *Estava soterrada*. Viva por fora, mas morta por dentro.

Angelina encontrou o lugar rapidamente. Havia passado por lá na noite anterior, mas não tinha notado. Parou em frente ao grande muro branco e esperou alguns segundos. Um grupo de pessoas estava se conduzindo em

direção ao portão, em sua maioria vestindo roupas pretas e usando óculos escuros. Esperou que passassem e seguiu o mesmo caminho. Apesar de saber que não podiam vê-la, preferiu não invadir um momento íntimo. Por isso, ao entrar, buscou se distanciar de aglomerações. Não gostava de cemitérios, apesar de ter frequentado um por bastante tempo. Porém, costumava pensar que em nenhum outro lugar tantas emoções podiam se encontrar. Caminhou pela estrada de terra e observou, curiosa, os jazigos. Viu frases de amor, trechos bíblicos e não conseguiu deixar de rir ao passar por uma foto de uma senhora com o dedo do meio para cima. Naqueles concretos, homens e mulheres, pessoas boas ou ruins, escreviam suas últimas palavras que, com o passar do tempo, se apagariam completamente.

Poucos minutos depois, Angelina chegou ao local. O túmulo de Lunna ficava próximo à saída do cemitério, onde o movimento era bem menor. Ela se ajoelhou e se apoiou no chão gelado. Sentiu uma estranha sensação naquele lugar, como se, de alguma forma, não estivesse sozinha. Olhou para os lados e não viu ninguém. Uma pequena brisa tocou seu rosto e moveu seus cabelos. Levantou-se. Sentia-se observada, mas não via ninguém. Olhou para o céu, procurando algum daqueles pássaros, porém, nenhuma criatura parecia estar ali. Foi quando foi em direção à saída que notou um vulto negro passando em suas costas. Ao olhar para trás, reconheceu-o imediatamente.

— Olá, querida.

Sua voz era calma e baixa. Vestia um grande manto negro, que se arrastava no chão de terra. Seus olhos não tinham reflexos. Eram escuros e hipnóticos. Pouco se via de seu rosto. Os detalhes de sua face eram ocultos, quase que somente uma sombra, por conta do grande capuz que cobria sua cabeça e ia até pouco antes dos seus olhos. Dessa vez, não havia neblina alguma ao seu redor. Era somente ela, a Morte, que lhe sorria novamente.

— Olá.

Angelina sentia-se intimidada com sua presença apesar de que, dessa vez, ela não parecia tão assustadora.

— Acredito que deva estar se perguntando o que estou fazendo aqui.

A jovem balançou a cabeça positivamente e desviou o olhar, encarando o vazio.

— Sim. Achei que sua última visita fosse uma exceção.

Ela balançou a cabeça, parecendo concordar com o pensamento de Angelina e se aproximou. Seu manto negro se arrastava no chão, mas não deixava marca alguma.

— Ah, aquela vez. Desculpe pela forma com que eu... bem, tratei do assunto.

Angelina concordou, mas preferiu não se lembrar daquele momento.

Finalmente, a Morte parou à frente de Angelina e o nevoeiro surgiu. Suas nuvens eram claras e envolveram rapidamente as duas. Como a menina ficou em silêncio, a dona da foice voltou a falar:

— Hoje eu te levarei para um passeio. Vamos, não temos tempo a perder.

As sombras se enrolaram em seus pés e foram subindo em seu corpo. A sensação era desesperadora, mas ela não conseguia se mover ou gritar. Sentia-se numa espécie de transe ao qual não tinha controle. Rapidamente, todo seu corpo foi envolvido e, então, tudo desapareceu. Quando recuperou o controle já estava em um lugar diferente, porém, conhecido: novamente, havia voltado para a sua cidade.

Quando todas as sombras finalmente sumiram e Angelina pôde enxergar tudo claramente, a jovem notou os olhos que a encaravam. Ainda surpresa e sem entender o que estava acontecendo, perguntou:

— O que estamos fazendo aqui?

A cidade das flores contrastava com aquela criatura vestida em seu manto negro e com sua grande foice na mão.

— Não há como evitar a morte sem conhecê-la.

Angelina piscou algumas vezes e mexeu nos cabelos.

— Então você quer que eu conheça você melhor, é isso?

Ela se aproximou novamente e apoiou-se na foice.

— Não é como se fôssemos sentar e tomar algumas xícaras de chá, mas te apresentarei a vida aos meus olhos.

Angelina se espantou.

— Então passarei o dia inteiro vendo pessoas morrerem?

Ela balançou a cabeça em negativa repetidamente e a criatura deu uma gargalhada com a cena.

— Quanta imaginação, jovem. Não será isso.

— Não?

— Não.

— O que será, então?

— Me acompanhe e verá.

A Morte estendeu as mãos para Angelina e encarou-a. Primeiro, a jovem hesitou. Depois, aceitou.

E, então, Iniciaram a caminhada.

Passo a passo.

De mãos dadas.

Vida e morte lado a lado.



O sol estava se pondo e a brisa quente movia algumas flores que, de forma preguiçosa, lançavam seus aromas e perfumes. A tarde chegava ao fim e Angelina caminhava quieta. Ao seu lado, a Morte parecia não ter pressa. Lentamente, seguiu por entre uma praça movimentada, até encontrar um banco abaixo de uma grande árvore e se sentar. Sem nada dizer, fez um gesto para que a jovem se sentasse ao seu lado e assim ela fez. Por minutos manteve seus olhos fixos nas pessoas que passavam sem dizer palavra alguma. Foi Angelina quem quebrou o silêncio:

— O que faremos aqui?

— Observaremos.

— O quê?

— A vida.

— Mas aqui é apenas uma praça.

— Sim, e a vida acontece em qualquer lugar.

Ela sorriu e olhou para Angelina. Seus olhos pareciam mais claros naquele momento.

— ... assim como a morte.

— A morte?

— Sim, a morte. Basta você saber observar.

Angelina tentou acompanhar o olhar da mulher, mas não conseguiu ver nada de diferente. Ficaram novamente quietas, até que uma ambulância passou apressada na rua ao lado. Sua sirene estava alta e o motorista apressado.

— Você está se referindo à ambulância?

Como quem já esperasse essa pergunta, a Morte sorriu e deu uma risada amarga.

— Não. Ambulâncias são grandes e facilmente vistas. Quando uma passa, logo alguém comenta, faz uma oração e se afasta. Eu me refiro às

peessoas. Essas não possuem sirenes para alarmar aqueles que estão à sua volta.

Angelina concordou. Entendia essa metáfora exatamente.

— Sei do que está falando.

Ela olhou para a menina e balançou levemente a cabeça. Seus olhos pareciam mudar de cor algumas vezes.

— A morte está presente em todos lugares, assim como a vida. A diferença é que uma é vislumbrada e traz calma. Já a outra é evitada e carrega consigo o medo. O que as pessoas não percebem é que uma não anda sem a outra. Elas caminham juntas, unidas. E, talvez você se espante com essa informação, mas ambas também não são opostas, mas sim, complementos uma da outra. Consegue entender?

Angelina pensou por alguns segundos e tentou compreender aquelas palavras. Para ela, vida e morte sempre foram contrárias.

— Mais ou menos.

Os olhos da Morte estavam vidrados e não piscavam. Ela olhava fixamente para frente e Angelina não entendia exatamente para o quê ou para quem. O lugar estava cheio. Crianças corriam pelo gramado e idosos conversavam, mas mantinham-se atentos aos passos de seus pequenos. Alguns adolescentes caminhavam de mãos dadas e apontavam para as flores que estavam por toda parte. Muitos trabalhadores andavam apressados, com copos de café na mão e pastas repletas de papel.

— A vida mata. Ela cria o cotidiano, os problemas, as intrigas. Eu só recolho os corpos.

Uma única estrela surgiu no céu ainda azulado, indicando o fim do entardecer.

— Então ela é a vilã, não você?

Ela deu um sorriso e virou-se para Angelina.

— Todos carregam o bem e o mal dentro de si. Entretanto, o que define qual lado mais te caracteriza é a forma com que lida com a dor de outra pessoa. Há quem diga que essa é uma característica humana. Eu discordo plenamente. A decisão entre se importar ou não é o que nos faz *mortais*.

— E você se importa?

— Eu apenas cumpro o meu papel.

— Mas e se alguém não merecer?

— Eu apenas recolho os corpos, lembra? Para alguns, quando finalmente tiro o ar de um idoso que, por vários anos, sofreu de dores crônicas, eu sou piedosa. Porém, quando uma criança sofre de alguma doença, eu não tive compaixão. A verdade é que eu sou só uma parte disso tudo. A última, na verdade. Não sou eu quem aperta o gatilho. Não sou eu quem abandona ou faz sofrer. Não sou eu quem pula do precipício. *Eu sou só a morte*. Estou onde devo estar, quando devo estar e, então, levo quem eu tenho que levar.

— E por que me trouxe aqui?

— Porque, quando o assunto é suicídio, as coisas são diferentes.

— Como assim?

— Suicidas me chamam. Eles gritam meu nome e eu vou ao seu encontro.

— E o que quer dizer com isso?

— Só quero lembrá-la para ser rápida, porque há uma voz me chamando.

Os olhos da Morte ficaram novamente negros e uma névoa encobriu seu rosto. Ela sorriu e segurou a mão de Angelina, apertando-a levemente. O nevoeiro encobriu todo o seu corpo e impediu que ela enxergasse.

— Boa sorte, menina. Até o próximo encontro.

Angelina foi deixada na porta do cemitério. Sentia-se cansada e confusa. Havia achado que só encontraria com a Morte ao fim de tudo, mas, ao que parece, ela planejava aparecer outras vezes. Temia isso, afinal, esses encontros poderiam fazer com que falhasse. Sentou-se em um pequeno banco de madeira e pensou no porquê, em tantos anos, ela jamais ter aparecido quando gritava para que ela a encontrasse.

# MONSTROS DEBAIXO DA CAMA



Angelina costumava ter pesadelos em sua infância. Em sua maioria, sobre sua mãe. Neles, elas se encontravam, mas não se falavam. A mulher era como uma assombração, triste e sombria. Seus olhos a encaravam em desaprovação. A menina até tentava gritar, mover-se e ir em sua direção, mas sua voz sempre falhava e, então, alguém lhe segurava pelos ombros e a puxava para mais distante. Ela batia os pés, tentava gritar, mas as mãos eram fortes e a carregavam com facilidade. Sua mãe mantinha-se imóvel e sem expressão. Assistia tudo sem sequer piscar. Via seu desespero e, ao que parecia, não se importava. Por inúmeras noites essa cena se repetiu, às vezes em locais diferentes, mas sempre com o mesmo roteiro e personagens. Quando acordava, Angelina repetia para si mesma que nada daquilo era real e, então, agarrava-se ao travesseiro até o amanhecer.

Não contava para seu pai, mas deixava pistas para que ele notasse que algo errado estava acontecendo. Primeiro, passou a dormir de luz acesa, mesmo depois de ter perdido o medo do escuro. Depois, começou a caminhar pelo corredor durante a noite. Seu pai nada disse sobre essas questões, apenas apagava as luzes ao acordar. Nunca perguntava o motivo do retrocesso em relação à iluminação e nem das olheiras que se formavam

debaixo de seus olhos. Talvez tenha sido pelo cansaço ou excesso de trabalho. Por isso, semanas depois, Angelina voltou a apagar as luzes e esconder seus medos debaixo do travesseiro.

O relógio da rua marcava seis e trinta e cinco. O céu estava estrelado e o vento gelado ganhava as ruas de São Paulo. Angelina recordava-se de sua infância e questionava quantas pessoas conviviam diariamente com seus próprios pesadelos e em quais locais eles costumavam se esconder. Heloíse, certamente, tinha seus monstros debaixo da cama. O cemitério estava vazio e uma única lâmpada iluminava a entrada do lugar. Essa mesma lâmpada piscava de forma ininterrupta.

Angelina se levantou e suspirou. Caminhou em direção ao apartamento de Heloíse quando, repentinamente, algo lhe chamou a atenção. Dentro do cemitério, no lado oposto ao que estava o túmulo de Lunna, havia uma pequena construção. Curiosa, decidiu ver do que se tratava. Voltou ao cemitério e caminhou novamente pela estrada de terra. Rapidamente chegou ao local e, surpresa, viu do que se tratava. *Era uma biblioteca.* Uma biblioteca dentro de um cemitério. As luzes ainda estavam acesas e era possível escutar algumas vozes dentro do lugar. Angelina sempre gostou de frequentar bibliotecas. Passava horas por entre suas estantes, folheando livros e conhecendo novas histórias. Por muitas vezes, a leitura foi sua companhia em momentos em que a solidão se tornava presente.

A porta se abriu e um homem de cabelos grisalhos saiu. Angelina o acompanhou com os olhos por alguns segundos, até que uma pessoa parou ao seu lado. Era Heloíse. A mulher sorriu ao ver a surpresa em seus olhos e deu uma risada.

— Lugar estranho para ter uma biblioteca, não acha?

Angelina concordou e sorriu.

— Verdade. Nunca vi algo assim.

Heloíse segurava uma rosa na mão e parecia cansada.

— Eu também estranhei quando cheguei, mas depois me acostumei. Em um lugar em que se passam tantas marchas fúnebres, é interessante ver essas pessoas caminhando cheias de vida e sonhos.

Ela sorriu e olhou para a menina. Um grupo de jovens passou por entre as duas de forma despreocupada, com livros nas mãos e mochilas nas costas. Angelina olhou para as mãos de Heloíse e notou a flor que segurava. O vento fazia com que algumas pétalas caíssem no chão.

— Você veio pegar algum livro?

Angelina sabia qual era a resposta, mas queria puxar assunto.

— Na verdade, não. Vim para trazer essa rosa para Lunna, minha filha.

Ela segurou a pequena flor com delicadeza e protegeu-a do vento. Como quem se lembra de algo repentinamente, Heloíse completou:

— Mas e você, o que faz aqui?

Angelina olhou para os lados, pensativa.

— Vim pegar um livro. — Deu de ombros.

Heloíse pareceu ficar satisfeita com a resposta.

— Se quiser, pode ir comigo lá em casa para buscar sua roupa.

Concordou e Heloíse se despediu, combinando de se encontrarem na saída. Em poucos minutos se encontraram, Heloíse sem a flor e Angelina sem nenhum livro na mão.

— Não encontrou o que desejava?

Angelina olhou para as mãos e arregalou os olhos. Tinha se esquecido desse detalhe. Ao despedir-se de Heloíse, esperou que ela se afastasse e foi em direção à saída e por lá ficou até que ela voltasse.

— Não, mas não há problemas.

Heloíse concordou e apontou na direção oposta à qual Angelina estava seguindo.

— É pra lá. Na direção que está seguindo é uma rua sem saída.

Ela sorriu, envergonhada.

— Desculpe-me.

A rua estava pouco movimentada e a maioria das lojas já começava a fechar suas portas. Heloíse contou sobre seus primeiros dias na cidade e das inúmeras vezes que se perdeu, até, finalmente, gravar o caminho de casa. Falou que não pegava mais táxi, pois os taxistas sempre seguiam por caminhos mais distantes por achar que ela era estrangeira. Falava sem parar, gesticulando e dando exemplos, como se fossem velhas amigas. Demoraram vinte minutos para chegar, então subiram as escadas e entraram.

Angelina percorreu os olhos pelo apartamento à procura de algo diferente que pudesse ter deixado e nada encontrou. Heloíse ligou as luzes e foi para o quarto. De lá, gritou para que ela se sentasse no sofá, pois já voltaria. Em poucos minutos a mulher retornou com uma roupa diferente e uma toalha na cabeça. Ela se sentou ao lado de Angelina e colocou os braços nas costas do sofá, olhando em sua direção

— Mas e você, menina. O que faz por aqui?

Seus olhos estavam fixos nos de Angelina, curiosos. Ela balançou os pés e ficou uns segundos em silêncio. Não sabia o que falar. Não queria mentir, mas era necessário.

— Eu sou Angelina. Nasci em Holambra, aqui próximo da capital. Estou buscando um lugar para morar, por isso acabamos nos encontrando ontem à noite. Quero estudar.

Heloíse manteve os olhos na jovem. Era bom conversar com alguém que não a olhava com pena.

— O que quer estudar?

Sabia a resposta. Era a profissão que sonhava em seguir.

— Psicologia.

Heloíse se afastou, truculenta.

— Alguém mandou você vir aqui para me tratar?

Angelina se assustou com a atitude de Heloíse e balançou a cabeça em negativa repetidamente.

— Não, claro que não!

A mulher sorriu e voltou a se aproximar, dando uma risada alta.

— Eu só estava brincando, desculpe.

Heloíse se levantou e caminhou pela casa, pensativa. Debateu consigo mesma uma ideia por alguns segundos, até entrar em acordo, julgando ser algo positivo. Por morar tanto tempo sozinha, adquiriu o costume de falar sozinha e até mesmo criar discussões consigo mesma. Não era algo normal, ela pensava, mas a divertia.

Voltou para o sofá e se sentou no braço do móvel.

— Os imóveis são caros por aqui e não é seguro ficar andando pela noite sozinha. Você não me parece ser uma psicopata e nem nada do tipo, então fique aqui comigo até encontrar um lugar.

Angelina se surpreendeu. Não esperava por essa proposta. Porém, não poderia desperdiçá-la. Aproximou-se de Heloíse e sorriu.

— Eu aceito. Obrigada. Prometo que não ficarei muito tempo.

Com os olhos fixos nos de Heloíse, Angelina torcia para que sua permanência ali fosse realmente breve.

# O LADO OBSCURO DE HELOÍSE



Heloíse se sentou na beira de sua cama e abriu a gaveta de sua cômoda. Havia guardado alguns objetos ali e sempre conferia se estavam no lugar. Os comprimidos eram diversos: pretos, brancos, coloridos. As navalhas e objetos cortantes eram em menor número, mas suficientes. Pegou um cigarro e o acendeu. O ventilador de teto estava ligado e por isso a fumaça se espalhou por todo o quarto. Segurou um dos potes de remédio e sacudiu. Gostava daquele barulho, de imaginar as cápsulas subirem e descerem, misturando-se. Assim como, algumas vezes, questionava se aquilo poderia ocorrer em seu corpo também.

Ligou o rádio bem baixo e engoliu a fumaça, sentindo a nicotina entrar em seu corpo. A sensação era anestésica. Pegou uma das caixas de lâmina de barbear e retirou uma, segurando com a ponta dos dedos. Estava afiada, ela sabia. Era nova e convidativa. Acendeu um novo cigarro e o tragou, soltando a fumaça em seguida. O outro, que estava próximo ao fim, foi descartado em um copo que era usado de cinzeiro.

A Gillette foi colocada de volta na caixa e os remédios na gaveta. Não pretendia usá-los, não naquele momento, mas gostava de lembrar que eles estavam ali. Aquilo lhe trazia segurança. Quando saiu de seu país, repleta de malas e sonhos, jamais imaginou que teria pensamentos suicidas.

Tampouco que, em algumas noites, se pegaria planejando o ato. Porém, quando viu, já estava escrevendo cartas e pensando na melhor forma de ditar o próprio fim. Não era religiosa, então não acreditava em consequências pós-morte.

Preocupava-se com a vida e aqueles que ainda permaneciam nela, principalmente seus pais. Sabia como era a dor de perder um filho e como era injusto quando o ciclo da vida se invertia. Talvez por esse motivo ela ainda se mantivesse ali, com as veias intactas e com todos os comprimidos no pote de vidro. Entretanto, algumas vezes, a dor lhe afligia de uma forma que nem mesmo uma cartela inteira de cigarros conseguia trazer alívio.

O relógio marcava quinze para as onze. A noite estava estrelada e abafada. Na rua, o som dos carros competia com o karaokê do bar da esquina para ver quem seria a melhor trilha sonora da noite. Heloíse recostou-se na cabeceira e encarou o vazio. Sentia-se cansada, não fisicamente, mas mentalmente. Na rádio, uma música de Vinícius de Moraes começou a tocar e Heloíse cantarolou alguns de seus versos, acompanhando-o. Conheceu a música popular brasileira ainda na França, quando, em alguns restaurantes, os músicos tocavam canções de Chico Buarque, Caetano Veloso, Tom Jobim, entre outros. Foi ali que a sua curiosidade sobre o país teve início.

Levantou-se e pegou o copo que estava no chão. Jogou as cinzas na lixeira e sentiu-se confusa ao olhar para dentro dela. Todas as bolas de papel estavam lá e nenhuma no chão, como ela se lembrava de ter deixado na noite anterior. Aquela era uma mania que sempre reprimia, mas continuava a fazer, dias após dia. Suspirou. Estava cansada. Provavelmente tinha limpado ali e já se esquecera. Certamente, em poucos dias, o tapete já estaria repleto de bolinhas novamente.

Pegou uma xícara que havia deixado na estante e sentiu o aroma do chá. Gostava daquela bebida desde criança. Já experimentara diversos sabores, desde os mais comuns, até os pouco conhecidos. O seu favorito era o chá-verde, misturado com menta marroquina e tangerina. *Casablanca*, esse é o nome dado a esse sabor e ela costumava pedi-lo quando ia a restaurantes ou casas de chá.

As primeiras gotas de chuva caíram no vidro da janela. Aquele era o sinal do início da madrugada. Do lado de fora, pessoas começavam a despedir-se e se direcionar para seus lares. Heloíse deitou-se e se cobriu com seu edredom de casal. Na verdade, tudo ali era de casal, desde a cama, até o armário e fronhas. Ela fechou os olhos e adormeceu. No dia seguinte teria que voltar à sua rotina. Olhou pela última vez a gaveta e a fechou por completo, guardando ali o seu lado mais obscuro.

Então as luzes se apagaram.

Da casa e de si.

# O TEATRO DO COTIDIANO



*A vida mata. Ela cria o cotidiano, os problemas, as intrigas. Eu só recolho os corpos.*

*Cotidiano.*

Era essa palavra que não saía da mente de Angelina. Durante a noite, não caminhou pela casa e nem entrou no quarto de Lunna. Manteve-se na sala e tentou traçar algum plano. Estava perto de Heloíse. Mais perto do que imaginava e não sabia se isso era algo positivo ou negativo. Teve que criar mais uma história sobre si mesma e notou que, a cada dia que passava, mais personagens ela vivia. Talvez isso não fosse algo diferente do que fazia quando estava viva, afinal, para cada rosto desconhecido que perguntava sobre seus sentimentos, ela sempre buscava sorrir e mostrar-se feliz. Esse era um ponto que ela e Heloíse tinham em comum. Ambas guardavam suas dores para si. Na verdade, a grande maioria das pessoas convive com máscaras sorridentes diariamente. Isso faz parte da rotina. No teatro da vida, ganha quem atua melhor e convence o público desinteressado de que está realmente feliz.

Ao amanhecer, tomaram café da manhã juntas e saíram. Heloíse foi para uma direção e Angelina para o lado contrário. Não tinha um lugar

específico para ir, mas precisava seguir o roteiro que havia criado. Era uma estudante e devia agir como uma. Ao menos enquanto Heloíse estava por perto. Decidiu, então, ir novamente à biblioteca. O local havia lhe deixado curiosa e, sem a presença de Heloíse, não teria perigo de ser vista. Só precisaria de atenção, pois, por estar naquela localização, se algum livro caísse de repente ou algo se movesse sem que ninguém por perto, certamente julgariam se tratar de uma assombração.

Caminhou em direção ao cemitério e parou ao ver uma pequena árvore com flores de cor azul-clara. Arrancou algumas e a segurou em umas das mãos. Antes de chegar, encontrou mais uma árvore, dessa vez, com uma pequena flor alaranjada. Então juntou as duas flores na mão e sentiu o seu cheiro. Era doce, mas forte. O vento forte soprou e uma pétala caiu no chão, voando para longe. Angelina acompanhou aquela pequena pétala azul voar e sorriu. Aquilo acontecia sempre quando levava flores para sua mãe. Muitas vezes, pegava mais rosas só para, quando o vento soprasse, jogá-las no chão e acompanhá-las flutuar pela rua.

Ao chegar ao cemitério, caminhou lentamente em direção ao túmulo de Lunna e deixou as flores. O dia estava nublado e timidamente algumas gotas de chuva caíam, formando pequenos pontos no chão de terra.

A biblioteca era pequena, mas aconchegante. Tinha grandes estantes de ferro e madeira. Naquele horário, apenas uma jovem fazia pesquisa em um livro de história. Ela tinha cabelos curtos e coloridos. Usava óculos redondo, que cobria boa parte de seus olhos e roupas também coloridas. Caminhou ao seu lado e pôde escutar sua respiração acelerada. Parou e decidiu ver o que ela estava escrevendo. Havia alguns desenhos abaixo do título de seu texto e rabiscos. Ao aproximar-se para ler o que estava escrito, notou que a menina se arrepiou e olhou para trás repentinamente. O movimento fez com que Angelina também se movesse para trás e, com esse

gesto, derrubasse alguns livros que estavam às suas costas. O contato dos livros com o chão ecoou pela biblioteca e uma senhora surgiu, provavelmente a bibliotecária. No mesmo momento, um forte vento entrou pela janela e balançou as cortinas. A jovem de cabelos coloridos arregalou os olhos e ficou imóvel. A senhora se aproximou e viu a cena, pegando os títulos que caíram e colocando-os no lugar.

— Isso acontece sempre, não se preocupe. Se não os colocar da forma correta, acabam caindo.

A menina concordou e se sentou novamente, parecendo se acalmar. Angelina saiu de perto de toda aquela confusão e voltou para o lado de fora. Definitivamente, precisava ter mais atenção. Na teoria, os espíritos assustam as pessoas e não o contrário.

A chuva aumentou com o passar das horas. Angelina ficou um bom tempo nos arredores do cemitério, até que decidiu retornar ao apartamento de Heloíse. Não precisava passar pelas paredes, como no dia anterior, mas fez, pois temia abrir a porta no exato momento em que um vizinho saísse de seu apartamento e ele visse as maçanetas sendo giradas sozinhas e a porta ser aberta e fechada sem que ninguém estivesse entrando ou saindo do imóvel. Estava decidida a avançar naquela situação, pois já fazia dias e pouco seguia em frente. Heloíse era uma espécie de quebra-cabeça quebrado, cheio de peças faltantes e enigmas. Temia que, quando conseguisse desvendá-la, fosse tarde demais. Caminhou pelo pequeno corredor e entrou na cozinha. Gostava dali, de suas cores, da mescla de ingredientes da culinária francesa e brasileira. De lá, entrou no quarto de Lunna. Notara que, nas vezes em que esteve lá, o cômodo se manteve fechado. Ao que parecia, Heloíse visitava o túmulo da filha diariamente, porém, ela se mantinha distante do lugar em que ela vivia. Talvez, por conta da presença da filha, afinal, os últimos suspiros de Lunna estavam ali,

trancados, como uma cápsula que não pudesse ser aberta para que o ar não se esvaísse.

Sentou-se em frente à penteadeira e abriu uma gaveta que não havia notado na visita anterior. Ela era pequena e quase que escondida em meio às outras que faziam parte do móvel. Encontrou diversas fotos, em sua maioria de Lunna e sua mãe. Folheou as fotografias e notou que em nenhuma das fotos o pai de Lunna estava presente, desde as em que a menina era apenas um bebê, até suas últimas fotografias, em que estava sem cabelos e sempre sorrindo. Decidiu, então, buscar por algo relacionado a ele. Foi para a sala e revirou os porta-retratos. Em nenhum encontrou um homem. Era sempre ela e a mãe. Depois, foi ao quarto de Heloíse. Tudo estava numa repleta escuridão.

O ventilador de teto girava lentamente e novas cinzas de cigarro espalhavam-se pelo tapete. Não ligou a luz. Observou o relógio. Faltava pouco mais de três horas para a chegada de Heloíse. Ela afirmou que estaria lá no início do anoitecer e que Angelina poderia chegar antes. Procurou pelos quadros pendurados na parede. Buscou em gavetas da cômoda, no armário, tomando cuidado para manter tudo da mesma maneira e nada encontrou. Por horas se manteve nessa caça até, finalmente, desistir.

Sentou-se na sala e ligou a televisão, frustrada. O relógio de parede girava e mudava os ponteiros fazendo um barulho quase que exagerado, como se quisesse lembrá-la que o tempo estava passando. Balançou os pés de um lado para o outro, impaciente. Sentia-se montando um quebra-cabeça gigantesco, porém, nunca havia sido boa nesse jogo.

# O FIM DA CONSCIÊNCIA



Heloíse havia passado todo o dia preenchendo papéis. Folha por folha, seguia seus movimentos de forma robótica. O escritório estava abafado, apesar do ventilador que girava e fazia um barulho interminável, quase que pedindo clemência. Sua cabeça doía. Os ponteiros do relógio moviam-se arranhando a pequena base de madeira. Era como se, naquele dia, aquelas quatro paredes estivessem se transformado em um local de tortura sonora. Tocou as pálpebras e respirou. Faltavam pouco mais de vinte minutos para a sua saída, então ela tentou ignorar os ruídos daquele lugar. Digitou um e-mail para um cliente e desligou o notebook. Até mesmo o barulho das teclas do aparelho pareciam mais altos naquele momento. Sua cabeça doía e nem mesmo os remédios que havia tomado há cerca de uma hora adiantaram. Abriu a gaveta de sua mesa e conferiu mais uma vez se a cartela de cigarros estava ali. Precisava da nicotina em seu sangue. Tinha esperança de que ao menos o veneno em seus pulmões faria com que sua dor diminuísse.

Olhou novamente para os ponteiros do relógio e decidiu juntar suas coisas. Saiu menos de cinco minutos depois, acendendo o cigarro assim que fechou a porta. O cigarro lhe trouxe a sensação de leveza, como se retirasse um peso de seu corpo. Observou a fumaça voar com o vento e sorriu. Por

aquele instante, sentiu-se anestesiada. Porém, a dor voltou antes mesmo do fumo se esgotar. Heloíse decidiu, então, sentar-se. Estava próxima de casa, mas não conseguia se mover. Tocou a mão na testa e sentiu seus cabelos grudarem. Estava suando frio. Fechou os olhos e tentou se acalmar. Não havia escolhido um bom lugar para descansar. As luzes dos carros emergiam quase que o tempo inteiro. Buzinas juntavam-se a sons de rádios e cantores que mostravam sua arte na rua.

Nunca, em toda sua vida, desejou tanto o silêncio. Com dificuldades, levantou-se. Caminhou mais alguns minutos tateando tudo a sua frente, pois não conseguia manter seus olhos abertos. Ao notar as escadas de sua casa, sentiu alívio. Subiu-as de degrau em degrau, segurando firme no corrimão, até encontrar sua porta. Buscou pelas suas chaves e demorou alguns segundos para encontrá-las. Então, girou a maçaneta e entrou. Quando fechou a porta, viu o rosto de Angelina à sua frente. As luzes pareciam mais brilhantes e a televisão dava a notícia sobre mais um atentado. Tudo parecia ecoar em sua mente. Heloíse deu um passo para frente e, quando tentou completar a caminhada, caiu.

Angelina correu na direção de Heloíse ao notar sua queda. Em vão, tentou ampará-la, mas não conseguiu. Ajoelhou-se ao seu lado e notou que ela ainda estava acordada. Seu rosto estava suado e febril. O coração dela batia acelerado. Seus olhos estavam entreabertos, como se ela estivesse lutando para se manter consciente. Angelina sacudiu seus braços. Repetiu diversas vezes o gesto, mas nada aconteceu. Foi à cozinha e buscou água. Jogou um pouco no rosto de Heloíse, tentando acordá-la, mas nada ocorreu. Sentiu seu pulso, que agora estava extremamente lento. Levantou-se e suspirou. Não tinha ideia do que fazer. Olhou para a mulher. Não tinha como arrastá-la até o hospital mais próximo, afinal, todos veriam apenas um corpo flutuando pela cidade. Não tinha sequer forças para isso.

Olhou para a porta entreaberta e seguiu em sua direção. Abriu-a e parou no corredor. Era sua única chance. Escancarou a porta e tocou a campainha do vizinho sem soltar o botão por vários segundos ininterruptos. Então, retornou para o lado de Heloíse. Escutou os passos pesados ao lado do apartamento e aguardou. Ouviu alguns resmungos e novos passos. Um homem saiu pelo corredor e notou a porta aberta. Ao ver Heloíse, correu em sua direção. Ao notar o estado da mulher, pegou o telefone imediatamente e ligou para uma ambulância. O vizinho ficou ao lado de Heloíse até que o socorro chegou, quase dez minutos depois. Angelina também se manteve ao seu lado, segurando sua mão, até que os médicos a levaram para o carro de socorro. Antes da porta fechar, notou, bem ao lado de Heloíse, um grande vulto negro e seu sorriso incomparável.

# A ÚLTIMA LEMBRANÇA



Os minutos passam vagorosamente quando um coração bate devagar. Os ponteiros do relógio arrastam-se e as memórias se alastram por entre as ruas desertas e o barulho da sirene. Tudo se torna vermelho. A consciência se perde e se encontra numa luta entre vida e morte. E é a segunda que a acompanha por todo o trajeto. A morte a contempla como uma obra rara, apreciando cada detalhe de sua dor. Seus olhos fervilham com cada nova fagulha de vida que se esvai de seu corpo. Então, enquanto os médicos tentam reanimá-la e trazer de volta seus sentidos, ela sorri, apreciando o espetáculo do qual ela tem total controle. Porém, mesmo tendo em mãos o poder de dar fim a tudo isso rapidamente, a dona da foice prorroga todo o ato até o momento que julgar necessário. É no tempo certo que ela recolhe o último suspiro e a última faísca de esperança do corpo que se desfez completamente da vida. Na batida final do coração enfraquecido, no irreversível fim, é a sua feição que é vista. A morte torna-se, então, a última lembrança.

# O APREÇO AO TRÁGICO



Competições são complicadas. Principalmente quando o seu adversário é quem tem controle das regras do jogos. Angelina estava correndo. Seguia a plenos pulmões em direção à ambulância que serpenteava por entre os carros e motos. O som da sirene era alto e contínuo e, sempre que o veículo passava, os pedestres paravam e o observavam, comentando sobre o que poderia ter acontecido ou se carregavam algum ferido. As pessoas sentem um apreço incomum pelas tragédias alheias: fotografam cadáveres, filmam acidentes, conversam sobre países em guerra e seus habitantes feridos. Atentam-se a tudo, menos às próprias desventuras.

A ambulância estacionou e logo chegaram novos funcionários. Rapidamente, retiraram-na do veículo e a carregaram para o setor de emergência. A entrada estava agitada. Pacientes entravam e saíam em uma mescla de alívio e angústia. Choros e sorrisos estampavam o lugar. A tarde se iniciava e o céu estava límpido e ensolarado. Os pássaros cantavam e, logo à frente do prédio, uma árvore floria, deixando a calçada repleta de flores amarelas. Às vezes a vida parece debochar da morte.

As portas estavam abertas, porém, Angelina não conseguiu ultrapassá-la. Foi impedida assim que deu o primeiro passo. Uma sombra lhe encobriu

por inteiro. Era a Morte. Com o seu manto negro e foice em mãos, ela postou-se à frente da jovem, que paralisou. Seu corpo estava trêmulo e seus pés pareciam presos ao chão. Uma fumaça preta a rodeou, envolvendo-a por completo. A Morte se aproximou e tocou a foice no chão. O gesto espantou o nevoeiro e ela se aproximou. Ela, então, estendeu as mãos para Angelina. A jovem negou, relutante. A fumaça negra flutuava ao lado das duas, como se acompanhassem os movimentos da ceifadora.

— Você não pode mais fazer nada.

A Morte rodeava o corpo de Angelina, encobrindo-a com o nevoeiro, desvencilhando-a de tudo que ocorria ao redor. Em pouco tempo, tudo que ela conseguiu enxergar era cinza. Ela tentou, em vão, afastar com as mãos a névoa.

— Você veio me buscar, é isso?

Ela parou. Estava cansada daquela luta vã contra um nevoeiro que só aumentava. A Morte também deixou de se mover. Ficou em silêncio por alguns segundos, como se apreciasse aquela quietude fúnebre.

— Você falhou em sua missão.

As palavras a atingiram em cheio.

— Por quê?

Silêncio. A Morte contemplava a visível angústia de Angelina.

— Por ser egoísta.

— Egoísta?

— Sim.

A fumaça se dissipou, sobrando apenas as duas, frente a frente. Ao redor, tudo se movia em câmera lenta.

— Eu...

Angelina foi interrompida.

— Você tinha um objetivo, mas perdeu tempo demais tomando chá e brincando de mãe e filha.

Angelina não disse nada, apenas abaixou a cabeça e concordou. Havia compreendido.

— Então é o fim?

— *Ainda* não.

— Por quê?

— Só será o fim quando o coração dela deixar de bater.

— E eu posso controlar isso?

— *Você* não, mas *eu* sim.

Ela estendeu a mão novamente e, dessa vez, Angelina aceitou de imediato. Não tinha escolhas.

— Iremos para algum lugar?

— Eu continuarei aqui, mas você será levada para um local que ainda não visitou.

— Levada?

— Sim, por Ixtab.

— E isso ajudará Heloíse?

— Veremos.

A Morte tocou sua foice no chão e as nuvens negras retornaram, encobrendo Angelina e retirando sua visão por completo. Enquanto isso, a criatura entrou no local e passou pelos quartos, recolhendo suas vítimas e cumprindo o seu papel.

# O FIM DO CAMINHO



Ixtab não fez rodeios ao notar a chegada de Angelina. Quando a jovem surgiu, logo seguiu em sua direção, parando à sua frente. Sua expressão era séria e, por conta da iluminação, a corda em seu pescoço e os detalhes de seu rosto estavam mais visíveis do que nos encontros anteriores. As cicatrizes pareciam fundas e os sinais de decomposição tomavam parte de sua bochecha. A deusa dos suicidas olhou para a jovem e ficou em silêncio. Estavam em uma estrada amplamente deserta, elas eram as únicas no local. O vento forte rodeava seus corpos, levantando poeira do chão de terra e fazendo com que algumas folhas secas caíssem das árvores.

— Você deve estar se perguntando em que local estamos.

Ixtab olhava para Angelina. A jovem estava com o olhar fixo para o chão, encarando os próprios sapatos.

— Sim.

A deusa tocou o rosto de Angelina com a ponta da unha, levantando seu queixo e forçando-a a encará-la.

— Sempre curiosa, não é?

O toque de Ixtab provocou uma marca no rosto de Angelina. A jovem passou sua mão, sentindo o arranhão. A deusa se virou de costas e começou

a caminhar. Seu manto tocava o chão, arrastando-se e deixando marcas. Angelina seguiu o rastro, alcançando-a rapidamente. Ao notar sua presença, ela a encarou, sorrindo. Seu sorriso causou arrepios em Angelina.

— Eu e a Morte fizemos uma aposta. Ela disse que você falharia, mas eu neguei. Aposta idiota, não acha? Afinal, ela controla o jogo.

Ixtab deu um riso abafado, realmente achando graça da situação.

— Verdade.

Ixtab parou de andar e virou-se repentinamente, esbarrando em Angelina. Ela parou e a encarou.

— Eu torci para você. Realmente torci.

As palavras pegaram Angelina de surpresa. Pela primeira vez via emoção em Ixtab.

— Desculpe-me.

Não sabia para onde iria, mas sentia que seus passos a levariam para um caminho sem volta.

— Você já se perguntou por que teve que salvar essas pessoas?

Angelina olhou para Ixtab, confusa.

— Porque cometeriam suicídio. Não é isso?

A deusa sorriu novamente. Parecia gostar daquele jogo de perguntas. Alguns pássaros voaram de um galho para o outro, pousando silenciosamente na árvore mais próxima das duas. Eles pareciam apreciar a conversa.

— Sim, mas não *apenas* isso. Entende?

Angelina negou com a cabeça. Tudo aquilo estava confuso demais.

— Sinceramente, não.

O vento levantou a poeira, levando a terra para longe. Angelina observou o que tinham à frente e viu uma espécie de montanha íngreme

após o fim da estrada. Pela primeira vez estava conseguindo enxergar o final do caminho e não sabia se isso era bom ou não.

— Acha que Otávio e Heloíse foram escolhidos de forma aleatória?

— Não foram?

Os pássaros começaram a emitir uma espécie de grunhido. Ixtab, ao vê-los, movimentou os galhos, espantando-os.

— Não. Nenhum deles foi escolhido de forma vã.

— E como foram escolhidos, então?

O sol começava a distanciar-se, deixando diversas sombras na areia. A lua surgia timidamente, quase que de modo imperceptível.

— Cada um dos escolhidos tinha em si algo que você precisa. Essa corrida não era para salvá-los apenas, mas para salvar você também.

Angelina deu um passo para trás.

— Me salvar?

— Sim. A Morte quis lhe dar sensações que você nunca teve em vida. Somente ao preencher o que lhe faltava você poderia dar o que faz falta para eles.

Ela ainda não entendia corretamente. Por isso, Ixtab continuou explicando:

— Salvá-la não quer dizer manter seu corpo vivo ou mandá-la de volta para lá. Foi você quem tomou sua decisão e nem mesmo a Morte poderia revogá-la.

— E o que quer dizer, então?

— Que você deu a eles o que desejou um dia...

A deusa do suicídio se aproximou, falando um pouco mais baixo:

—... e foi por isso, minha jovem, que você falhou com Heloíse. Ela era, mais do que qualquer coisa, o que você sempre quis e você não abriria mão disso. Por esse motivo a Morte chegou tão rápido.

Uma mãe. Isso era algo que sempre lhe faltara. Desde pequena essa falta lhe afligira. Angelina lembrou de suas reuniões escolares, das festas de dia das mães e de todas as vezes em que tinha que responder sobre a ausência de uma figura materna em sua vida. Perder uma mãe é algo dolorido, mas nascer por meio de sua morte é ainda mais. A culpa lhe fazia companhia diariamente, andando de mãos dadas e empurrando o seu balanço no parque. Era uma criança comum aos olhos desatentos, mas, com poucos anos de vida, já conhecia a tão temida ceifadora de vida. Ela a odiava. Odiava o fato daquela criatura ter levado sua mãe sem ao menos dar a ela a chance de conhecê-la. Talvez, por isso, quando conheceu Heloíse, sequer havia notado o fato de prolongar sua estadia. O sentimento materno lhe era tão incomum que ela sequer o reconheceria. Os seus olhos se cegaram para seus próprios sentimentos.

— Então, aqui é o fim?

Ixtab apontou para frente e balançou a cabeça em negação.

— Ainda estamos na metade do caminho. Vamos.

Voltou a caminhar, deixando seus rastros por onde passava. Angelina seguia ao seu lado, observando as estrelas que se espalhavam pelo céu avermelhado. Ventava levemente, porém, o ar era gelado. Sons de diferentes animais ecoavam ao longe, mas Angelina não conseguia vê-los ou identificá-los. Caminharam por alguns minutos e chegaram ao fim da estrada. Estavam em uma espécie de precipício cercado por neblina e nuvens negras.

Ixtab parou em meio a toda aquela fumaça e olhou para a jovem que a observava assustada.

— Terei que pular?

— Sim.

Angelina deu um passo e não olhou para baixo. O vento aumentou e algumas nuvens se dispersaram, revelando a altura daquele lugar. Ixtab acompanhou os passos receosos da jovem e afastou-se para que ela parasse ao seu lado.

— O que faremos agora?

— Você precisa me responder uma questão. Se acertar, você pula. Se errar, também pulará.

Angelina indignou-se.

— E por que eu responderia, então?

— Porque não há escolha.

Ixtab convenceu Angelina.

— Tudo bem. Pergunte.

Um sorriso surgiu nos lábios de Ixtab, que se virou na direção de Angelina.

— Havia dois endereços no caderno. Por quê?

Angelina fechou os olhos. Lembrou-se do primeiro e segundo endereço. Um pertencia ao cemitério e outro ao apartamento de Heloíse. Recordou-se de seus encontros, da biblioteca, da campainha e das flores. Nada daquilo explicava os dois endereços. Não do modo em que gostaria.

Suspirou e voltou aos seus pensamentos. O tempo passava e as respostas prováveis flutuavam como nuvens em sua mente. Havia ido lá para salvar Heloíse. Descobriu os problemas de Heloíse. A gaveta, as giletes, o cigarro. Firmou os pés no chão, arrastando o sapato nele, impaciente. Quase que gritava consigo mesma em sua mente conturbada. Refez sua visita ao cemitério. A biblioteca, o túmulo, as rosas. Sorriu.

Havia entendido. Era a única opção. Abriu os olhos e se virou para Ixtab.

— É a Lunna. O endereço do cemitério está escrito porque vim para ajudar Heloíse e sua filha. De alguma forma, Heloíse só se salvará se eu ajudar a Lunna.

Ixtab concordou. Angelina estava certa.

— Sim, é isso. Agora você precisa descobrir o que fazer.

Ela se aproximou da jovem e olhou em seus olhos.

— Seja rápida. Aproveite enquanto o coração de Heloíse ainda bate. Agora, pule!

Angelina deu um passo para frente e olhou para baixo, voltando em seguida. Porém, ao retornar, Ixtab a empurrou.

Então, ela caiu, sendo envolvida pelas nuvens e perdendo novamente toda a visão. Ao recuperá-la, estava no Centro de São Paulo, em meio à multidão e o céu de cor cinza.

# A QUEDA



Há vezes em que o fim é necessário, assim como a desistência e a mudança de planos. É preciso aceitar que não há mais saída, pois, somente dessa maneira, é possível recomeçar. A vida é um abismo alto e íngreme e, por muitas vezes, nos mantemos à sua beira, apenas aguardando que algo ou alguém nos empurre e acabe com isso tudo. Porém, em certos momentos, isso é exatamente o que precisamos, pois o empurrão e a queda nos fazem lembrar que ainda há chão para se cair e para se levantar novamente.

Angelina sempre viveu à certa distância desse abismo. Olhava-o com interesse, mas sem coragem de se aproximar. Certas vezes, corria em sua direção, mas parava no último momento, dando passos em falso e mantendo o seu equilíbrio. Por anos ficou ali, encarando a altura e se permitindo perder o equilíbrio cada vez mais. Estava em uma corda bamba sem redes de proteção, com mãos que lhe empurravam cada dia mais e uma plateia que torcia para que ela caísse. E foi exatamente o que aconteceu. Angelina caiu em um abismo escuro e profundo e, mesmo aqueles que estavam próximos e podiam evitar sua queda, não a ampararam antes que ela tocasse o chão.

A jovem pretendia ser o amparo de Heloíse e por isso corria em direção ao hospital.

Chovia em São Paulo. As gotas d'água formavam poças no asfalto e embaçavam o vidro dos carros que passavam em alta velocidade. Pessoas corriam com pastas e casacos na cabeça, tentando se proteger do temporal que acabara de iniciar, mas que já trazia consigo muitos trovões e vento. As árvores batiam com violência nas paredes dos estabelecimentos e alguns de seus galhos voavam por entre as ruas, amedrontando os pedestres que buscavam abrigo. As luzes piscavam constantemente. Fiações partiam-se, causando clarões e explosões. O caos se estabelecia e alastrava-se rapidamente.

Angelina corria no escuro. Não se importava com os raios, trovões e a forte chuva. Corria a plenos pulmões enquanto, ao seu redor, a cidade desabava. O vento levava cadeiras de plástico, telhas e mais galhos. As ruas se inundavam e a luz ia e voltava o tempo inteiro. Ainda assim, a jovem correu por mais dois minutos até encontrar o hospital. Ao vê-lo, subiu pelas escadas e parou à porta, olhando para os lados e conferindo se, mais uma vez, seria impedida de entrar. Não foi. Passou pela porta e entrou no estabelecimento. As televisões estavam ligadas, mas sem sinal. Na tela, apenas os chiados em cor cinza e preto. Pacientes aguardavam seu atendimento, comentando sobre a chuva e protegendo-se a cada novo estrondo que surgia. Angelina passou por toda aquela confusão, indo até a emergência. Ao chegar, encontrou Heloíse deitada e com aparelhos ligados ao seu corpo. Entrou no quarto vazio e se sentou na cadeira vazia ao lado de seu corpo que parecia estar em absoluto repouso. Levantou-se novamente e segurou sua mão. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e caiu no braço de Heloíse.

A chuva cessara. Lá fora, apenas os estragos e o chão molhado lembravam a tempestade que tomou conta da cidade por quase uma hora. Dentro do hospital, restava apenas o murmúrio das conversas repetitivas e o ar gelado do ar-condicionado.

Horas se passaram e Angelina se manteve na cadeira de madeira ao lado de Heloíse. Assistiu os médicos fazendo anotações, conversando e depois retornando. Imaginou se, naquele mesmo momento, havia alguém em seu quarto, sentado numa cadeira desconfortável igual, aguardando algum movimento seu. O pensamento lhe trouxe tristeza. Viu seu pai trocar a cadeira de casa pela do hospital. Lendo ali o seu jornal e tomando café na cantina. Pensou em sua madrasta alisando seu cabelo e pedindo que descansasse. E, por último, imaginou sua irmã observando o seu corpo conectado a fios e aparelhos, enquanto se perguntava o motivo dela ter cometido esse ato.

Um nó surgiu em sua garganta e ela afastou as imagens, olhando para Heloíse. E, foi nesse momento, que notou que ela também a encarava. Quando iria se aproximar, uma espécie de alarme disparou, chamando a atenção dos médicos que correram para dentro do quarto. O procedimento durou vários minutos. Angelina decidiu retirar-se e ficar do lado de fora. Médicos entravam e saíam, agitados. Ao fim, um único retornou, tirando seus óculos e sentando-se em um banco de madeira. Ele parecia exausto, porém, mantinha um sorriso no rosto. *Heloíse havia recuperado a consciência.*

# O DOCE AROMA DAS LEMBRANÇAS



Heloíse estava desacordada quando Angelina entrou. Provavelmente por conta dos remédios e do cansaço por tudo que passara. Decidiu, então, retornar no dia seguinte. Sentia-se aliviada ao vê-la com sua consciência recuperada, porém, seu nome ainda permanecia em seu caderno, o que indicava que ainda não haviam chegado ao fim daquilo tudo. Entretanto, ela tinha um plano. Precisava apenas que Heloíse retornasse para casa.

Deixou o quarto e decidiu caminhar um pouco. Já passara da meia-noite e as ruas estavam completamente desertas. As poças d'água permaneciam no chão e eram espalhadas pelos poucos carros que ainda passavam pela estrada. O ar gelado tocava as folhas das árvores e fazia com que pequenas gotas de chuva caíssem no chão. Angelina andava sem pressa, lembrando da conversa que havia tido com Ixtab horas antes. Seus objetivos estavam se tornando cada vez mais complicados e ela não imaginara o que poderia vir a seguir. Virou em direção a uma rua sem saída e lá seguiu em direção ao segundo endereço escrito em seu caderno.

O cemitério estava repleto de lama por conta do chão de terra que ocupava grande parte do lugar. Angelina seguiu em direção ao túmulo de Lunna, levantando lama e carregando barro em seus sapatos. Pela primeira vez estava sem nada em mãos, então não retirou as flores que já estavam lá. Sentou-se na parte de cimento e por ali ficou. Lunna era uma boa filha. Tão boa que se recusava a partir, mesmo estando morta.

Segundo algumas religiões, existem casos em que a vida vai além da morte. Angelina não era religiosa, apesar de já ter frequentado algumas igrejas. Porém, também não acreditava em espíritos e agora se tornara um. Por isso, acreditava naquelas palavras. Ao menos naquele momento, acreditava.

Uma brisa tocou o rosto de Angelina e fez com que algumas pétalas caíssem da árvore próxima ao túmulo de Lunna. Eram de rosas brancas. Angelina as recolheu, apesar da lama e colocou junto as outras flores. O aroma doce fez com que Angelina se lembrasse de casa e sentisse falta dos bons momentos em que vivera. Ela retornou à saída e levou consigo uma única pétala branca.

Lá fora, as últimas estrelas despediam-se do céu, dando espaço aos primeiros raios solares que surgiam timidamente por entre as nuvens escuras.

Um novo dia se iniciava: o sol iluminava os destroços da tempestade que parecia eterna e a vida se reerguia mais uma vez. Um velho ciclo que se repetiria. Dia após dia. Com tempestades de chuva e de sentimentos.

# O CISNE NEGRO



Heloíse recebeu alta no início da tarde. Sua cabeça ainda doía, mas os médicos lhe receitaram inúmeros remédios que fariam com que a dor diminuísse. Eles também prescreveram novos exames, então ela passaria um bom tempo indo ao hospital. Seu celular estava descarregado. Teria que ligá-lo imediatamente, pois os médicos afirmaram que entraram em contato com seus pais e o seu chefe, então teria muito o que conversar ao chegar em casa.

Pegou um táxi e o motorista a recebeu com um cumprimento caloroso, o que combinava perfeitamente com o seu carro. Sentou-se no banco do carona e recostou-se. No rádio uma música agitada tocava e o senhor de bigode fino que dirigia o veículo parecia gostar bastante do cantor, pois aumentou o volume e passou a cantarolar seus versos. Somente ao ver que Heloíse estava com a mão na testa e olhos fechados, ele perguntou se ela se incomodava com o som. Por estarem próximos ao seu apartamento ela não se importou. Desceu menos de um minuto depois, subindo suas escadas e encontrando com o seu vizinho no topo delas. Conversaram rapidamente e ela agradeceu pela ajuda ao socorrê-la. Ele sabia do fato de ela não gostar de campainhas e não pôde deixar de fazer piada por ela ter ajudado quando

a encontrou. Ao questionar quem havia tocado, o homem não soube responder. Disse que encontrou Heloíse deitada e logo chamou a ambulância. Ela ainda questionou sobre Angelina, contando suas características e, ainda assim, ele afirmou não ter visto ninguém no momento de seu desmaio. Heloíse despediu-se do vizinho e virou-se para seu apartamento. Ao chegar, abriu a porta que estava encostada e foi direto para a cozinha. Lá, tomou um dos remédios que lhe receitaram e se sentou no sofá, ligando o aparelho de televisão. Um gato preto entrou pela janela e passou a cabeça em sua canela, pedindo carinho. Era Tom, o bichano que passava em todos os apartamentos do prédio e depois voltava para a rua. Todos pensavam em ficar com ele, mas ele sempre arrumava uma maneira de fugir. Heloíse escutou o seu ronronar e ele pulou no sofá, aninhando-se a ela.

Heloíse pegou o telefone e só o ligou quando estava com a bateria totalmente carregada. Ligou primeiro para o seu trabalho, explicando o que aconteceu e afirmando que voltaria nos próximos dias, apesar dos protestos de seu chefe. Em seguida telefonou para os seus pais. Logo no primeiro toque, uma voz rouca e abafada lhe atendeu.

— Heloíse, finalmente! Nós estávamos preocupados.

Heloíse encostou as costas na almofada, fazendo o gato se remexer e depois se aconchegar novamente. Ainda sentia dores de cabeça, mas precisava ouvir a voz de seus pais. O susto que tomou lhe trouxe uma nova perspectiva da vida e, ao estar tão próxima à morte, notou que ainda não queria encontrá-la.

— Desculpe, mãe. Estive um pouco ocupada.

Ela deu um riso abafado, o que irritou Chloé.

— Não brinque com isso. Você poderia ter nos matado.

Ela olhou para o teto e suspirou. O silêncio se instalou entre as duas. Heloíse podia escutar a respiração de sua mãe e o barulho ao fundo do telefone. Estava distraída, quando outra voz chamou pelo seu nome:

— Heloíse!

A voz estava irritada. Provavelmente por ter chamado antes e ela não ter escutado.

— Olá, pai. Que saudades!

Fazia tempo que não escutava a voz de seu pai, pois seus horários nunca coincidiam.

— Filha, o que aconteceu?

Sua voz era preocupada e atenta.

— Só um acidente, mas já estou bem.

Falavam em francês. Seu pai não suportava quando Heloíse telefonava para casa e falava algo em português. Dizia que estava esquecendo da própria origem. Ele ficou em silêncio por uns segundos, como se estivesse pensando no modo correto de pronunciar aquelas palavras. Por fim, falou da maneira que sempre disse:

— É a hora de voltar para casa, não acha?

Heloíse sabia que escutaria essa pergunta. Era o que diziam em todo telefonema. Ela fechou os olhos e viu toda a sua trajetória no Brasil. Viu-se naquela casa repleta de lembranças e destroços de seus sonhos. Imaginou-se com o passar dos anos vivendo a mesma vida de sempre, presa aos maços de cigarro e xícaras de chá. Aquela era hora de seguir em frente, mesmo que, para que isso acontecesse, tivesse que voltar atrás.

— Sim, pai. Está na hora.

Despediram-se em meio a choros e lágrimas. Heloíse se levantou e foi em direção ao quarto de Lunna. Ao abrir a porta, foi inundada por lembranças. Havia esquecido como havia deixado aquele cômodo. Sentou-

se na cama e tocou o lençol, depois sua fronha e travesseiro. Tudo ali parecia tão vivo e presente. Heloíse podia sentir sua filha ali, em meio àquele emaranhado de roupas e recordações. Sentiu um arrepio no corpo e o vento tocou seu rosto suavemente. O barulho de batidas na porta a tirou do devaneio. Levantou-se sem pressa e seguiu em direção à entrada. Ao chegar, encontrou Angelina. A jovem abriu um sorriso ao vê-la e ela não pôde deixar de sorrir também.

Heloíse preparou um chá para ela e Angelina e se sentou à sua frente. O aroma do líquido preencheu a cozinha. O gato, que até então dormia, apareceu de repente, esfregando-se nos pés de Heloíse e encarando Angelina. A jovem riu com a situação, pois sempre escutara que os animais podiam ver assombrações, mas sempre achou que isso era história para enganar as crianças. O animal ficou encarando-a fixamente, até que seguiu em sua direção, pedindo carinho. E assim ela o fez. Heloíse deu um pote de leite e o felino se lambuzou com a bebida. As duas olharam distraidamente a cena e riram da situação.

— Obrigada por me ajudar.

Angelina olhou para Heloíse e deu de ombros, modesta.

— Eu apenas quis ajudá-la.

Aquela era a despedida das duas e ambas pareciam saber desse fato. O plano de Angelina era simplesmente ir embora. Não entendia o que ocorrera, mas o nome de Heloíse já estava quase que apagado de seu caderno.

— Sim, e ajudou. Agora você poderia me esclarecer algumas questões?

A jovem estranhou a pergunta, mas concordou.

— Pode perguntar.

Heloíse girou a colher de açúcar em sua xícara de chá já vazia.

— Eu vi você no hospital. Sentada. Foi a primeira coisa que vi ao acordar. Porém, estava fora do horário de visitas e nenhum médico viu alguém como você lá...

Ela serviu mais uma xícara do chá que estava morno.

— ...na vez que nos encontramos no cemitério, havia flores no túmulo da minha filha. Flores que eu não coloquei...

A mulher parou os movimentos e olhou fixamente para Angelina.

— ...ninguém além de mim tem registro de você. Então, diga-me: você é real ou uma espécie de miragem que só existe em minha cabeça?

Angelina sorriu e tomou o restante do seu chá.

— Eu sou real para você. Isso é o que importa.

A resposta pareceu suficiente para Heloíse, que deu uma risada.

— Talvez eu tenha que ir para um psicólogo, então.

As duas riram juntas e depois se olharam nos olhos. Angelina precisava, mas não queria partir. Aquela breve rotina lhe trouxe sentimentos que nunca havia sentido antes. Porém, precisava seguir as regras do jogo. Mas, quando estava se levantando, Heloíse a interrompeu:

— Você, por acaso, gosta de empacotar coisas?

Ela sorriu. Também queria mais um tempo ao lado da menina. Não como uma substituta de sua filha, mas como alguém que sempre lhe olhou sem pena e julgamentos.

— Claro, quem não gosta?

Passaram a noite entre caixas e sacolas de plástico. Heloíse decidiu deixar a maioria de suas coisas: quadros, xícaras e alguns objetos de sua filha. Levaria apenas o essencial. Angelina ganhou uma nova roupa, colorida e não preta como a que estava usando. Terminaram de encaixotar tudo e se despediram.

— Obrigada por tudo.

Dessa vez, foi Angelina quem agradeceu.

— Cuidado com a chuva!

Elas se abraçaram. Um abraço que preencheu as duas. Algo que ambas necessitaram por muito tempo. Angelina desceu as escadas e caminhou em direção à rua. Seus passos eram lentos, quase que arrastados. Olhou o caderno e viu que o nome de Heloíse já estava apagado, mas o endereço do cemitério permanecia. Decidiu voltar para lá. Ao chegar, caminhou até o túmulo de Lunna e lá encontrou as rosas brancas que havia deixado anteriormente. Uma grande sombra a encobriu e Angelina olhou para cima. Sabia quem era. A Morte parou ao seu lado e olhou em sua direção.

— Parece que fomos enganadas.

A dona da foice falava com ternura.

— Como assim?

Ela a olhou, cansada. Queria apenas desaparecer de vez.

— Eu fiz a minha parte e você a sua, mas, ao fim, foi a vida quem tomou as rédeas do jogo.

A jovem se sentou no túmulo de Lunna e a Morte permaneceu de pé.

— Eu ao menos cumpri a missão.

— Sim, a sorte esteve do seu lado. Heloíse precisava aceitar a morte da filha e recomeçar. Você iria lá para convencê-la disso, mas sequer precisou desse esforço. A vida se encarregou de encaixar as peças à sua maneira. E sabe o que é pior?

Ela tocou com a foice em Angelina e a jovem olhou para cima.

— O quê?

— Ela me usou para isso. Heloíse precisou chegar próxima à morte para entender que não era isso que realmente queria.

Angelina se levantou e parou novamente ao lado da Morte. Olhava para frente fixamente, não encarando nada em específico.

— O que falta para eu terminar isso?

— Lunna.

— Lunna?

— Sim, Lunna.

A Morte tocou a foice no chão e iniciou uma caminhada, usando o objeto como apoio. Angelina iria segui-la, porém, uma nova sombra surgiu às suas costas, mas bem menor. Ela se virou e viu o rosto que estampava tantas fotos no apartamento de Heloíse. A pequena se aproximou e a abraçou, dizendo:

— Obrigada. Agora eu posso, finalmente, descansar.

A criança sorriu, o seu sorriso era encantador, e então se afastou. A Morte ressurgiu e parou ao lado da menina. Lunna pareceu falar algo para ela e deram as mãos. Então, lado a lado, começaram a caminhar, indo para cada vez mais distante, até finalmente desaparecerem. Poucos minutos depois, ocorreu o mesmo com Angelina, sobrando apenas as pétalas brancas e as flores já secas no chão de terra.

*A bailarina de vidro  
Dança junto à morte  
E seu sorriso encanta  
Até mesmo a dona da foice  
Juntas, elas caminham e rodopiam,  
Tornando a marcha fúnebre  
Um ritmo alegre e dançante.*

# DE VOLTA AO PRECIPÍCIO



Angelina retornou ao último local de encontro com Ixtab. Estavam exatamente onde fora empurrada, porém, o local parecia mais pacífico naquele momento.

O nevoeiro, que antes as encobria, agora estava menor. O cinza deu lugar a tons verdes, azuis e coloridos das árvores, do céu e flores que rodeavam o lugar. O abismo ainda existia. Porém, não impunha medo.

Angelina se sentou no chão de grama e olhou o céu límpido. Sentia-se exausta, então não pensou em andar ou buscar por Ixtab. Iria esperá-la ali mesmo.

Alguns minutos depois, Ixtab surgiu. Ela subia lentamente pela parte íngreme da estrada e, ao chegar, sorriu para Angelina. A jovem iria se levantar, mas ela evitou com um gesto. Em seguida, foi ela quem se sentou.

— Foi um dia difícil?

Angelina concordou balançando a cabeça.

— Um pouco.

Ixtab mexeu os dedos, inquieta. Seus olhos estavam fixos em um local distante.

— Você precisa voltar.

Angelina se virou, incrédula.

— Eu acabei de chegar.

Ixtab olhou em seus olhos e viu todo o seu cansaço. Porém, aquilo não poderia esperar. Pegou o caderno e o entregou a Angelina.

— Veja.

A jovem o pegou e abriu na primeira folha. Ao ver o nome escrito, não pôde acreditar.

— Clarisse?

Ixtab fez que sim.

— Não é só isso. Otávio faleceu. Acredito que você gostaria de saber.

Angelina engoliu em seco. Não podia acreditar.

— O Otávio? Por quê?

A deusa deu de ombros. Não cabia a ela dar essa resposta.

— O enterro é hoje. Acredito que queira ir.

Angelina balançou a cabeça de modo positivo e se levantou. Ixtab entregou o seu caderno, mas manteve-se sentada. Enquanto mantinha seus olhos distantes, Angelina retornava à cidade das flores.

AS PALAVRAS  
DE CLARISSE

Clarisse era poesia,  
Prosa rara, escrita por tinteiro.  
O verso e o inverso,  
História boa,  
Daquelas que você escuta antes de dormir  
E ainda se lembra ao acordar.







# O ENTERRO DE OTÁVIO



Angelina demorou para entrar no cemitério. Ficou ao longe assistindo o caixão ser levado, até que tomou coragem e se juntou à multidão. Entre os rostos, viu alguns conhecidos, mas em sua maioria eram estranhos. Talvez fossem amigos de Otávio. Antigos colegas que não puderam ir até o abrigo, mas decidiram fazer uma visita agora. Notou, entre o pequeno grupo, uma senhora que chorava compulsivamente. Seus olhos eram azuis e os cabelos extremamente brancos. Ela foi amparada por alguns amigos e tentou se acalmar. Sabia, mesmo sem ela conseguir vê-la, que era Clarisse que conduzia o caixão.

Acompanhou toda a cerimônia e discursos. Um padre fez uma breve oração e pediu um minuto de silêncio em homenagem a Otávio. No silêncio, Angelina observou cada um que ali se encontrava. Viu tristeza no olhar da maioria, mas, assim como em todos os lugares que visitava, também encontrou sentimentos forçados, vindo de pessoas que estavam ali apenas cumprindo um papel obrigatório.

Ficou distante de tudo, mas perto o suficiente para ver o corpo de Otávio ser enterrado. Ele vestia um terno e parecia mais jovem naquele momento. Sua feição era de calma, como se, finalmente, tivesse encontrado o seu

caminho. Angelina sentia-se triste. Havia gostado dos momentos em que passou com aquele senhor e de suas conversas sobre a lua, a vida e morte. E, por falar nessa última questão, não conseguia compreender o porquê de ela ter feito com que salvasse Otávio se, meses depois, voltaria para carregá-lo em seus braços.

O caixão foi fechado e enterrado. Angelina fechou os olhos e sorriu. Aquele senhor lhe deixou com boas lembranças e ela preferiu lembrá-las naquele momento ao ver a terra encobri-lo. Recordou de seu sorriso ao ver os quadros. Dos seus brilhantes olhos azuis e de seu humor incomparável. Uma lágrima desceu de seus olhos e Angelina limpou a bochecha. Não se lembrava da última vez que chorara, mas as lágrimas lhe trouxeram lembranças do que é se sentir viva.

A multidão se despediu em meio a lágrimas e condolências. Os cumprimentos duraram quase dez minutos e apenas Clarisse permaneceu no lugar, arrasada. Ela usava um vestido longo preto e óculos escuros que, naquele momento, seguravam seus cabelos. Angelina se aproximou lentamente e parou ao seu lado. Quando a senhora notou sua presença, virou-se, parecendo se assustar.

Angelina sorriu e estendeu a mão direita.

— Boa tarde, Clarisse. É um prazer conhecê-la. Otávio falava muito bem da senhora.

Clarisse não disse nada. Ficou parada por alguns segundos encarando Angelina. Ela observava seus olhos e cada detalhe de seu rosto, como se contemplasse uma pintura. Lentamente, ela estendeu a mão delicada e trêmula, cumprimentando-a.

— Olá, menina. O prazer é meu. Como se chama?

— Angelina.

— É um nome muito bonito. Combina com você. Quer sentar-se um pouco?

Angelina sorriu e fez que sim com a cabeça. Caminharam em direção a um banco de madeira que ficava debaixo de uma grande árvore de poucas folhas e sentaram-se, observando. A senhora se acomodou e olhou para a jovem que parecia contemplar algo além das lápides de cimento.

— Então você conheceu o Otávio?

A senhora balançava os pés lentamente e o movimento fazia algumas marcas no chão de terra.

— Sim, eu conhecia.

Os movimentos aumentaram e o vento fazia com que a terra voasse e sujasse os pés de Clarisse, que parecia não se importar.

— Eu o vi no último dia de vida. Me ligaram no meio da noite e contaram que seu estado era grave. Então eu larguei tudo e vim para cá. Seus olhos se fecharam poucos minutos após minha chegada.

Angelina ficou em silêncio. Não sabia o que dizer e aquela notícia também a abalava. Foi então que Clarisse cortou aquela agonizante quietude.

— Me desculpe. Às vezes nos sentimos mais à vontade para desabafar com desconhecidos.

A senhora pegou uma pequena toalha branca e secou o rosto. Seus olhos estavam vermelhos e cansados.

— Otávio a amava, independentemente de qualquer coisa.

As palavras de Angelina pegaram Clarisse de surpresa.

— Eu fui egoísta ao trancá-lo naquele lugar, mas eu não tinha mais forças para cuidar dele.

Uma lágrima desceu pelo rosto enrugado de Clarisse e Angelina segurou suas mãos delicadas, confortando-a.

— Está tudo bem. Não é sua culpa.

Novamente, a senhora levou a pequena toalha ao rosto e enxugou a lágrima que descia solitária pela sua face.

— Desculpe. Sei que também sente a perda.

Angelina lembrou do último dia em que esteve com Otávio, de seus quadros e poemas sobre Clarisse.

— E a senhora foi ao abrigo?

— Ao abrigo?

— Sim. A senhora foi lá?

— Não. Perguntaram-me se eu gostaria de ficar com as coisas de Otávio, mas neguei. Contratei um serviço que doará suas roupas e o quadro que está no corredor.

Angelina olhou nos olhos de Clarisse, ficando agitada de repente.

— A senhora só sabe da existência desse quadro?

Clarisse pareceu confusa.

— Como assim *só*? Esse é o único que me contaram.

Angelina se levantou e sorriu, animada.

— Cancele o serviço. Tenho que te mostrar uma coisa!

— Cancelar? Mas já está pago e eles estão retirando nesse exato momento.

Angelina suspirou, desanimada. A senhora também se levantou e parou a sua frente.

— Eu entendo que esteja emocionada e queira me confortar, mas ele já se foi. Pode existir um quadro ou outro que eu não tenha visto, mas isso não pode mudar o que fiz e o que aconteceu.

O vento tocou o rosto da senhora e fez com que seus cabelos grisalhos voassem.

— Acredite, eu preciso te mostrar algo.

Seus olhos se encontraram e Clarisse notou a apreensão nos olhos da jovem. Ela então pegou o celular e discou alguns números, afastando-se por alguns segundos. Ao retornar, parecia ainda mais desanimada.

— Eu liguei para eles e todo o quarto já está vazio.

Angelina olhou para Clarisse e sorriu, animada. A senhora não compreendeu a repentina animação da jovem, mas preferiu não a questionar. A tarde chegava ao fim e as nuvens deram lugar ao céu estrelado.

— Só foram retirados os objetos do quarto, certo?

— Como assim, *somente do quarto*? É o local em que suas coisas ficavam.

A jovem sorriu novamente e negou.

— Não, lá não é o único lugar.

— O que você quer dizer?

— Vamos ao abrigo hoje e lhe contarei tudo.

Clarisse pensou por alguns segundos e olhou para Angelina. A jovem parecia ansiosa para lhe mostrar aquilo e, o que quer que fosse, parecia importante.

— Tudo bem. Eu aceito.

Uma brisa forte balançou o galho da árvore e uma única flor caiu aos pés de Angelina. A jovem sentiu seu aroma e entregou para Clarisse que pareceu se emocionar com o gesto. Então as duas ficaram ali, sentindo o aroma da rosa e observando o céu estrelado.

# TROCA DE CORRESPONDÊNCIAS



Pouco mais de uma hora depois Clarisse chegou à porta do prédio. Angelina já estava lá, sentada em uma cadeira na praça, e chamou pela senhora quando a viu passar. Ela notou sua voz e logo seguiu em sua direção. Diferente da primeira vez em que esteve ali, Angelina tinha a plenitude do que faria. Clarisse parecia cansada e, por esse motivo, a jovem pretendia ser breve lá dentro. Levantou-se e foi em direção à senhora que sorriu ao vê-la se aproximar. Seus olhos estavam ainda mais avermelhados do que na hora anterior. Sua tristeza transparecia.

Estava fora do horário de visitas, mas Clarisse afirmou que não tinha problemas em relação a isso. Já havia telefonado para o local e afirmou que queria fazer uma visita para ter as últimas lembranças de Otávio. Era evidente o descontentamento do atendente que falava no telefone, mas ele não podia negar aquele pedido. Combinou de ficar por uma hora e não mais do que isso e dispensou acompanhantes. Disse que gostaria apenas de caminhar e seguir os últimos passos de seu marido.

Angelina combinou de entrar depois e afirmou que também não tinha problemas em relação à entrada fora do horário de visitas, pois era funcionária do local e por isso conheceu Otávio. Contou um pouco da

relação que tiveram e Clarisse escutou atentamente cada novo detalhe da rotina de Otávio. Geralmente, quando perguntava aos funcionários pelo telefone e pedia informações sobre o dia que ele passou, recebia respostas vagas e sem muito entusiasmo. Angelina era diferente. A jovem parecia realmente ter criado uma relação próxima com Otávio e por isso Clarisse havia aceitado aquele convite incomum.

Como combinado, Clarisse entrou primeiro e esperou por Angelina no grande pátio. Havia estado ali poucas vezes, porém, naquele momento, tudo parecia mais sombrio e abandonado. Diferente da primeira vez em que visitou o abrigo, quando lhe mostraram as instalações e deram promessas de que, naquele lugar, todos se sentiriam em casa, ninguém a acompanhou. Estava sozinha naquela imensidão verde, em frente ao grande prédio que, naquele momento, parecia prestes a ruir.

Angelina chegou em poucos minutos. Não teve dificuldades de encontrar Clarisse, pois já conhecia todo o lugar. Ao chegar, a senhora estava de pé e contemplava algo que ia além de seus olhos. Seus pensamentos mantinham-se distantes e, a cada novo passo, o seu cansaço parecia aumentar. Angelina segurou sua mão e apoiou seu braço. Ainda não tinha dito para onde iriam, mas, a senhora pareceu confiar em tê-la como guia e por isso não fez perguntas. Assim como fez com Otávio, ficou em silêncio durante o caminho e, apenas ao chegar próximo, decidiu falar algo.

— Nós iremos para ali.

Ela apontou o dedo para a cabana e notou o espanto no olhar de Clarisse. Tudo estava iluminado por uma única luz que piscava a cada novo balançar do vento. A pequena construção de madeira tinha suas luzes apagadas e parecia abandonada. Ainda assim, fez um sinal com a cabeça para que a jovem continuasse caminhando. Apoiou-se em seus braços e, lentamente, caminhou até o lugar. Com dificuldades, conseguiu chegar até a porta e lá

parou. Sentia seu coração acelerado e suas mãos tremiam mais do que o normal. Angelina também se sentia apreensiva. Ao tocar a maçaneta, pela primeira vez, pensou no fato de não ter mais nada ali. Respirou fundo e abriu a porta, encontrando apenas penumbra. Tateou as paredes no escuro e encontrou um interruptor. Então o ligou. Quando a luz se acendeu viu, no olhar de Clarisse, que tudo ainda estava ali.

Clarisse não podia acreditar no que via. Seu rosto foi inundado por lágrimas imediatamente. A imagem à sua frente parecia tão irreal como uma miragem no deserto. Tentou entrar, mas não conseguiu. Ainda estava parada do lado de fora, não conseguia mover-se. Era como se ali fosse um local sagrado e ela não tivesse certeza se era digna de entrar. Enxugou em vão seu rosto. Queria controlar-se, mas não conseguia. Respirou fundo. As lágrimas embaçavam sua vista, mas, ainda assim, ela via cada pintura presa na parede e espalhada nas prateleiras.

Angelina notou o estado de Clarisse e foi em sua direção. A jovem se aproximou e a abraçou. Podia escutar seu coração acelerado e a respiração pesada da senhora. Segurou uma de suas mãos e guiou-a novamente, mas, dessa vez, para dentro da cabana. Ao chegar no centro do lugar, soltou-a e se afastou. Clarisse fez como Otávio. Girou os pés e observou cada quadro, tentando guardar cada novo detalhe na memória. Porém, foi ao ver uma prateleira em especial, que só continha quadros com seu rosto, que Clarisse desabou. O seu pranto não era de tristeza, mas de alegria, pois sabia que, da sua maneira, Otávio jamais a esqueceu.

Por alguns minutos Clarisse ficou rodeando todo o lugar, como se visitasse uma exposição de arte. Porém, teve que se sentar, pois não conseguia mais andar. Angelina, que assistia a tudo de longe, aproximou-se lentamente e se sentou no chão, cruzando as pernas. As duas se entreolharam, mas nada disseram. O silêncio era tudo que precisavam.

Então, por vários minutos, ficaram ali, contemplando e revivendo as lembranças de Otávio.



Clarisse notou uma movimentação ao lado de fora do prédio e decidiu que estava na hora de ir. Porém, quando estavam prestes a sair, Angelina lembrou dos papéis que Otávio guardava numa pequena escrivaninha de madeira. A jovem retornou e se direcionou à pequena cômoda de madeira, abrindo-a. E foi, ao ver o pedaço de papel que ali estava, que Angelina se surpreendeu. Amassado e com algumas dobraduras, um desenho seu estava pintado numa folha amarelada. Ela pegou e, pela primeira vez, permitiu que as lágrimas caíssem de seus olhos. Atrás, com letras tremidas e caneta azul, estava escrito:

*“Não tenho certeza de nada, mas a visão das estrelas me faz sonhar”*

*Vincent Van Gogh*

Angelina pegou o desenho e guardou em seu caderno. Ao puxar a folha, uma outra caiu. Ela leu algumas palavras e decidiu levá-la também. Ao sair, olhou para o céu e notou sua cor: estava azul-escuro, como os olhos de Otávio.

Clarisse segurou a mão de Angelina e caminhou até o grande gramado verde. Lá, encontrou um funcionário que a estava aguardando, impaciente. Ela conversou com ele por uns minutos e voltou em seguida. Ao retornar, ela observou Angelina de modo curioso.

— Ele veio me avisar que está na hora de ir...

Angelina fez que sim com a cabeça e parou ao lado de Clarisse, que completou:

— ... e disse que não conhece nenhuma Angelina, mas que Otávio sempre falava de seu nome.

Ela deu de ombros e deu uma risada abafada.

— É que eu não era uma funcionária muito querida aqui.

A explicação foi suficiente para Clarisse. Na verdade, não se importava com isso.

— Muito obrigada por tudo.

— Não precisa agradecer.

Angelina estendeu a mão e entregou um papel para Clarisse.

— O que é isso?

— Uma carta.

— Sua?

— Não, de Otávio.

Ela deu alguns passos e se voltou para a direção da escuridão. Clarisse a observou voltar à penumbra e acenou, despedindo-se. Em pouco tempo, só conseguiu ver a sombra da jovem e, logo depois, ela desapareceu. Decidiu, então, ler o conteúdo da carta. Assim que abriu o papel dobrado, reconheceu a letra de Otávio, o que lhe fez sorrir.

*“Não sei em que condições você está lendo esta carta, amor. Mas, se estiver chorando, e se perguntando em qual momento deve seguir, eu lhe asseguro que é este. Eu descumpri a minha promessa feita quando ainda éramos adolescentes, mas não pude controlar isso, infelizmente. Por isso, antes de buscar seus erros e culpar a si mesma, torturando-se, lembre-se que vivemos anos maravilhosos juntos e que, até mesmo quando a minha memória começou a falhar, eu mantive você em meus pensamentos.*”

*Foram mais de quarenta anos, querida. Quase meio século unidos, caminhando por entre guerras e revoluções, mas foi você quem bombardeou o meu coração. Eu nunca esquecerei de como me olhou pela primeira vez e sorriu... Nós nos apaixonamos em tempos de ódio e me atrevo a dizer que essa foi nossa maior rebeldia da época.*

*Os dias estão se tornando mais complicados e eu me culpo o tempo inteiro por não poder controlar essa doença que me mata lentamente e te faz o mesmo. O problema, se é que posso dizer dessa forma, é que ela me matará e te deixará viva. É um pensamento estranho, eu sei, mas acredito que entenda.*

*O que quero com essa carta, e espero que a encontre somente quando eu não estiver mais aqui, é pedir que chore tudo o que tem para chorar durante essa noite, mas que acorde amanhã e sorria. Porém, se não conseguir, peço que tente novamente durante os próximos dias, até conseguir realmente. Nós iremos nos encontrar, eu tenho certeza, e continuaremos o nosso caminho.*

*‘As estrelas não brilharão essa noite  
Amanhã, o sol não aparecerá  
Não, se você não sorrir, querida...’*

*Com amor, Otávio.”*

## O CAMINHO DAS SÚPLICAS



Os gritos ecoam por todo o lugar. Diferentes vozes suplicam em vão por ajuda. O caminho é sem saída. Os espíritos ali presentes vagam sem direção. A dor é estampada e emoldurada, como um quadro da renascença.

Angelina estava em meio ao caos. Seus olhos contemplavam, aterrorizados, aquelas criaturas que estendiam as mãos em sua direção, como se ela pudesse fazer algo por eles. Ixtab estava ao seu lado e observava sem surpresa aquela cena de horror. Caminhava com elegância, desviando-se das mãos que surgiam pelo caminho. Ao olhar a expressão da jovem, sorriu.

— Você não perguntou onde estamos.

Ela deu uma risada e Angelina engoliu em seco, tentando olhar somente para frente.

— Sim, acabei me esquecendo.

O evidente medo da jovem fez Ixtab rir.

— Aqui é onde ficam os espíritos perdidos, que vagueiam sem direção. Mas fique tranquila, logo você sairá daqui.

Um homem parou à frente de Angelina, fazendo-a dar um passo para trás. Ixtab o encarou, irritada e ele logo se retirou.

— Para onde irei agora?

Ixtab parou e Angelina fez o mesmo. As súplicas aumentaram, assim como o número de rostos aterrorizados que surgiam a cada novo segundo.

— Veja seu caderno.

Assim ela fez, olhando a primeira folha. O nome era Eloáh, mas foi o local que lhe causou estranheza.

— Uma escola?

— Sim.

— Por quê?

— Só poderemos saber quando você for para lá.

Angelina fez que sim com a cabeça e esperou que algo aparecesse, levando-a para longe. Porém, isso não aconteceu.

— Você sabe por que eu te trouxe aqui?

Ixtab a encarou fixamente, aproximando-se ainda mais.

— Por quê?

— Para mostrar o lugar que você virá, caso falhe.

Ixtab deu uma risada, causando um arrepio em todo o corpo de Angelina. Logo depois, uma fumaça a encobriu, retirando-a daquele local.

## Descolorindo Eloáh

Eloáh nasceu em cores.  
Azul, amarelo, vermelho.  
E, até mesmo, tons não descobertos.  
Como pincel, coloriu por onde passou.  
Azul, branco, amarelo  
E tantas outras pigmentações da aquarela.  
Porém, aos poucos, desbotou  
Transformou em preto e branco tudo que tocou.  
Transpareceu.  
E, em água, dissolveu.  
Sobrando apenas o vermelho  
De seu sangue e do coração que insistia em bater.







# A LISTA E O TRAMPOLIM



O nascimento de Eloáh foi celebrado com grande alegria por sua família. Com grandes olhos castanhos e cabelos loiros, conquistou rapidamente a alegria de todos ao redor. Na infância, serelepe e de curiosidade insaciável, logo aprendeu a ler e escrever. Mergulhou em livros e histórias. Era o orgulho de seu pai e mãe. Porém, conforme o seu crescimento, passou a notar cochichos, olhares diferentes e a relação com seus pais desandou. Tinha nove anos e não entendia o motivo daquelas reuniões ao seu respeito e nem porque um padre sempre lhe benzia e orava, usando versículos e palavras que não compreendia. Foi com doze anos que seu pai entrou em seu quarto e teve uma conversa de quase duas horas. Após sua saída, só conseguiu fechar os olhos, deixar as lágrimas caírem e tentar esquecer a palavra que ecoava em sua mente: *aberração*.

Eloáh buscava entender o que havia de errado em si. Não se sentia igual a nenhum de seus amigos, mas também incompreendia o motivo do repentino desgosto de sua família. Tinha boas notas, respeitava os mais velhos e não reclamava das insistentes manhãs que tinha que ir à igreja escutar sermões que, com o passar dos anos, passou a não concordar.

Aos quinze anos, foi a vez de sua mãe ficar horas em seu quarto e deixar marcas que, dessa vez, não foram apenas psicológicas. Suas palavras estavam claras em sua mente, assim como as marcas em seu rosto. No chão, a camisa que usava na hora de discussão estava rasgada e jogada, como um aviso de que, naquela casa, existiam regras e elas deviam ser seguidas sem questionamentos.

Já entendia, naquela época, um pouco sobre seu corpo e personalidade. Sentia-se em uma prisão da qual não tinha ideia de como poderia sair. E não se referia à sua moradia, mas ao local em que o seu *verdadeiro eu* aprisionava-se.

Então, quando fez dezesseis anos, as coisas pioraram:

Escola nova.

Humilhações.

Agressões.

A lista crescia diariamente.

Tentou falar com os diretores, mas não recebeu atenção. Seus pais limitavam-se a desviar o olhar e murmurar algo que preferia não mais ouvir sempre que passava. Seu quarto se tornou seu refúgio. Porém, sentia-se em uma frequente claustrofobia. Caminhava, cada vez mais rápido, em direção a uma espécie de trampolim e, a cada novo passo, não se importava em qual lugar cairia.

Queria apenas *cair*.

# CORREDOR DA MORTE



O sinal da escola tocou, fazendo com que todos os alunos se retirassem da sala de aula apressados. A professora permaneceu sentada em sua cadeira. Ainda faltava pouco mais de trinta minutos para a sua próxima aula, então decidiu corrigir as provas que havia acabado de aplicar. Lilian estava dando aula há duas semanas e ainda não sentia que os alunos levavam seu trabalho a sério.

Acompanhou alguns meninos passarem imersos em suas conversas e aparelhos celulares e os cumprimentou, sendo ignorada. Ainda assim, sorriu. Sabia, desde quando iniciara o seu trabalho, que nada seria fácil. Formara-se com vinte e dois anos e desde então buscou seguir sua difícil profissão. Foi indicada por um antigo orientador para assumir o atual cargo. A princípio, sentiu-se lisonjeada, mas depois notou a responsabilidade que estava carregando, afinal, por conta da indicação, seu trabalho já estava sendo visto com grande expectativa.

Arrumou os óculos e pegou a caneta vermelha. O ventilador de teto movia-se com dificuldade, lançando um ar quente em seu rosto. Olhou o relógio. Tinha vinte minutos ainda. Levantou-se e olhou para o quadro já apagado. Encostou a porta e abafou o murmúrio que vinha do lado de fora.

Retornou ao seu assento e concentrou-se na pilha de provas que estavam à sua frente. Automaticamente, corrigiu-as. As notas eram, em sua maioria, medianas. Lembrava-se do nome de poucos alunos, porém, recordava-se de um em especial: *Eloáh*

Ao ser contratada, Lilian teve uma reunião com a diretora da escola. Procedimento comum, não fosse a conversa que tiveram pouco antes de iniciar sua primeira aula. Na ocasião, a mulher de grandes olhos negros e óculos de armação grossa parou à sua frente e fez questão de, antes de falar, conferir se estavam sozinhas. A sua voz era calma, mas áspera, como se aquela parte da conversa lhe desagradasse.

— Nós somos uma escola tradicional e, entre nossos alunos, existem filhos de pais influentes. Entre eles há políticos, empresários, enfim, pessoas importantes. O motivo de lhe trazer essas informações é que, algumas vezes, essas crianças acabam fazendo brincadeiras com seus amigos e os professores, em seu papel, claro, acabam querendo convocar esses pais para reuniões sobre seus filhos. Então, quero informar que essa atitude não é necessária. Essas pessoas são extremamente ocupadas, então, caso seus filhos façam algo, traga-me o que eles aprontaram que, certamente, aplicarei a punição necessária.

A senhora olhou para Lilian, aguardando sua resposta. A professora estava embasbacada com aquelas palavras, mas tentava não demonstrar. Sabia que, em alguns colégios, era comum que a influência dos pais fosse motivo para que os estudantes tivessem privilégios. Porém, não imaginara que seria de forma tão escancarada. O barulho estridente do sinal quebrou o silêncio entre as duas. A mulher fez sinal para que ela se retirasse e foi o que fez, indo em direção à sala de aula. No caminho, esbarrou em crianças e adolescentes, pedindo aos céus que, ao menos em suas aulas, não tivesse problemas. Porém, o seu pedido foi ignorado.

Quando ainda buscava entender as diretrizes da escola, encontrou quatro de seus alunos quase que estapeando-se no corredor. Ao questionar os motivos da briga para cada um, não obteve respostas. Era seu terceiro dia no colégio e já estava tomando mais de dois remédios para dor de cabeça por dia. O problema não eram as turmas, conversas ou o cansaço. O que incomodava Lilian era ver, no olhar de pessoas tão jovens, a arrogância e certeza de impunidade. Entretanto, havia casos contrários e eram eles que faziam com que ela levantasse às cinco da manhã e seguisse a pé o mesmo caminho todos os dias. Eloáh era um desses casos.

Eloáh era diferente. Seus olhos tinham tons escuros e marcantes. Sua expressão era ao mesmo tempo assustada e desbravadora. Era o tipo de jovem enigmático, que se esconde no canto da sala e evita contato com o mundo ao redor. Para Lilian, Eloáh era um diamante misterioso que só precisava de um pouco de atenção para que o seu valor fosse descoberto. Porém, antes que ela conseguisse encontrá-lo, notou que seu brilho já estava apagado, quebrado em pedaços e que seus cacos eram repletos de pontas afiadas que apontavam para aqueles que tentavam aproximar-se.

Sua roupa e cabelo diferente causavam murmúrios na sala de aula. O seu jeito era incomum, desde o de falar até o de caminhar e isso rapidamente se tornou assunto na escola. Ao notar essas atitudes, a professora decidiu ir à direção para saber o posicionamento da diretora em relação a esses alunos. Entretanto, Lilian sequer foi ouvida. Por esse motivo, decidiu tomar uma atitude por si só. Chamou os pais de Eloáh para uma reunião e não o dos agressores. Gostaria de conhecer mais sobre sua personalidade e saber se seus pais tinham alguma noção do que ocorria naquele colégio.

Os dois compareceram no mesmo dia em que ela fez a ligação. Ambos tinham expressões sérias e de descontentamento. O homem entrou na sala de aula já vazia e sentou-se na cadeira da frente. A mulher fez o mesmo,

segurando sua bolsa contra si e apoiando o cotovelo na mesa. Nenhum dos dois disse nenhuma palavra. Lilian sorriu e olhou ao redor, procurando por Eloáh. Ela se levantou e estendeu a mão, cumprimentando o marido e depois a esposa.

— Obrigada por virem. Eu me chamo Lilian, sou a professora...

O homem pigarreou, interrompendo-a.

— Nós já sabemos quem é você.

Lilian não esperava aquela atitude ríspida. Quando fizera o telefonema, havia sido explícita que não tinha reclamação alguma para fazer e que a reunião só seria uma formalidade para que ela pudesse conhecer melhor a história de seus alunos.

— Sim, desculpe. Eu gostaria que me contasse sobre Eloáh. Pode ser?

O homem suspirou e a mulher manteve-se em silêncio. Não fosse a sua notável presença física, era como se ela não estivesse ali presente.

— Eloáh só nos traz desgosto. É o que temos para dizer.

A professora arregalou os olhos, surpresa. Ela pegou alguns papéis e os folheou, encontrando o que buscava. Logo depois, Lilian deixou a folha na mesa, apontando algumas anotações.

— Suas notas sempre foram boas, mas decaíram rispidamente. Acredito que esse fato esteja ocorrendo por conta do que está acontecendo aqui na escola.

O homem sequer abaixou os olhos.

— Seu mau rendimento é sua responsabilidade. Não há desculpas.

Não existiria diálogo, ela já tinha entendido.

— Tudo bem, senhores. Obrigada pela presença. Foi de grande ajuda.

A mulher se levantou e saiu sem dizer nenhuma palavra. Ao retirar-se, o homem olhou nos olhos de Lilian com indiferença e se direcionou à saída.

Já estava no horário de saída e eles não aguardaram por Eloáh que, minutos depois, entrou na sala.

— A senhora chamou meus pais aqui, aconteceu alguma coisa?

Seus olhos observavam o chão. A professora se levantou e parou à sua frente.

— Não, não aconteceu. Eu apenas fiquei preocupada com a forma que te tratam aqui.

Nenhum movimento. A professora levantou seu queixo e notou uma lágrima que escorria timidamente.

— Não se preocupe. Uma hora eles vão se cansar.

Eloáh vestia uma calça preta e blusa de mangas compridas. Lilian se aproximou e apoiou o corpo em sua mesa.

— Não há nada de errado em ser quem você é.

Eloáh levantou os olhos e sorriu, triste.

— A questão é que eu não sou o que eu sou.

Lilian deu uma risada.

— Um paradigma?

Silêncio.

— Talvez a minha vida seja.

O sinal tocou e interrompeu a conversa. Eloáh ajustou a mochila e despediu-se:

— Eu preciso ir para casa. Meus pais estão me esperando.

Lilian concordou, retornando à sua mesa. Ao assistir Eloáh passando por entre os alunos e seguindo para a sua casa, sentiu-se encarando alguém inocente caminhando em direção ao corredor da morte.

# DE VOLTA AO ENSINO MÉDIO



O sinal tocou em um zumbido estridente, indicando que era o horário do intervalo. Os alunos levantaram-se imediatamente, deixando de lado seus cadernos e seguindo em direção ao refeitório. As vozes se misturavam, inquietas. Cada grupo falava sobre um assunto, individualizando-se, como se os outros que estavam ao redor não estivessem ali. Eloáh não pertencia a nenhum círculo. Sentou-se em uma cadeira e apoiou sua comida na mesa. Notou os olhares em sua direção, mas tentou ignorá-los. Os cochichos vinham de diferentes grupos. Os assuntos eram os mesmos de sempre, falando sobre o seu jeito, sua voz ou qualquer detalhe que eles achassem necessário comentar com sarcasmo e ironia.

Angelina passou por entre o emaranhado de pessoas uniformizadas, desviando dos alunos que corriam apressados e dos casais de namorados que caminhavam de mãos dadas sem se desgrudar um segundo. Ela não precisava disso, mas esse já era um costume que adquiriu em sua época de estudos. O ensino médio foi uma época de tempos sombrios, em que a jovem vivia se escondendo e fugindo do encontro com os outros alunos.

A hora do intervalo já estava chegando ao fim. Angelina assistia de longe todos estudantes, imaginando quem, em meio a todos aqueles rostos,

poderia ser Eloáh. Tinha em mente inúmeros motivos para que alguém quisesse tirar a própria vida em meio aquele ambiente.

Restavam poucos alunos no refeitório, quando uma agitação se iniciou no corredor. Angelina conhecia aquilo, então se atentou aos próximos passos. Um aluno, que aparentava ter entre dezesseis e dezessete anos, parou à frente de um jovem e o empurrou. O menino foi jogado de mão em mão, até que caiu no chão. Quando tentou se levantar, sua mochila foi aberta e o primeiro jovem pegou um pequeno frasco de cor preta. O menino protestou, levantando-se, mas, quando ele se aproximou para pegar sua mochila, o aluno jogou o objeto longe, apontando o dedo para seu rosto em seguida.

— Menino não usa maquiagem, entendeu?!

Eles se encararam. Seus olhos fervilhavam, inquietos. O jovem agredido mantinha-se parado. Era mais fraco e estava em menor número. Pegou sua mochila que estava jogada no chão e não buscou o seu frasco, que já havia sido quebrado com a queda. Um professor passou olhando a situação, mas nada disse. Apenas olhou o aluno mais alto e pareceu dar um sorriso com o canto da boca.

Angelina já havia presenciado cenas assim diversas vezes. Assim como protagonizara algumas. Odiava esses corredores e os olhos que pareciam se cegar sempre que alguém estava sofrendo na mão desses grupos que agiam como manadas de leões.

Os risos ecoavam no refeitório vazio. Os alunos que restavam ainda comentavam sobre o ocorrido, vangloriando-se das próprias atitudes. Angelina seguiu em direção ao pequeno gramado e encontrou lá o motivo de todo aquele tumulto. Era apenas uma sombra para os olhos. Viu o objeto quebrado e o tocou com os pés, deixando-o no mesmo lugar. Nesse momento, o menino, dono da maquiagem, aproximou-se. Ele veio de

cabeça baixa, segurando a mochila e mancando de uma perna. Ao ver sua sombra, abaixou-se e juntou as partes quebradas. Havia aguardado que todos saíssem para pegar, pois era a única que tinha. Angelina se manteve parada, acompanhando seus movimentos e, quando ele se levantou, seus olhos se encontraram. Angelina piscou, confusa, e ele se manteve inexpressivo.

— Você é aluna nova?

Angelina piscou seguidas vezes. Ainda não havia compreendido a situação.

— Sim, eu me chamo Angelina e você?

Ela estendeu a mão e o olhou fixamente. O menino segurava firme o objeto, tentando encaixá-lo, como quem se esforça para montar um quebra-cabeças. Ele parou por um segundo e cumprimentou Angelina.

— Eu me chamo Eloáh.

Sua voz era suave e doce.

— É um prazer conhecer você.

Angelina observou cada detalhe de Eloáh. Seu rosto delicado, corte de cabelo e os olhos com maquiagem tão leve que era quase imperceptível notá-la.

— Bem-vinda ao inferno. Você vai gostar.

Uma senhora se aproximou, parecendo irritada. Ela parou à frente de Eloáh e colocou a mão na cintura, irritada.

— O que está fazendo aqui? O sinal já bateu. Ande, entre!

Ela se virou e saiu pisando firme no chão. Eloáh guardou a maquiagem e a acompanhou. Angelina acenou, despedindo-se e se afastou, olhando toda a escola ao redor.

Estava de volta ao ensino médio.

# O CIRCO DE HORRORES



As aulas arrastavam-se lentamente. Eloáh escutava a voz do professor, mas não compreendia o que ele estava explicando. Matemática sempre foi a matéria na qual teve mais dificuldade. Seus professores sempre questionavam sua falta de atenção, mas nunca perguntaram o motivo. Na verdade, alguns sabiam exatamente o porquê, mas fingiam desconhecimento. Exceto Lilian. Ela sempre tentou conversar e havia até chamado seus pais para uma reunião, o que os irritou profundamente. Sua situação piorava a cada dia. Não somente pelas notas baixas, mas por conta de tudo que ocorria ao seu redor.

Sua casa era um local extremamente ríspido. Por fora, possuía decoração impecável e cores alegres. Porém, dentro daquelas quatro paredes, o oposto acontecia. Seu pai se escondia na imagem de religioso e bom samaritano, mas possuía inúmeros segredos. Uma amante era um deles. Já sua mãe fingia-se de cega e muda, ignorando as suas saídas durante a noite com a desculpa de que ajudaria alguém em desespero e calava-se ao ver sua constante violência com Eloáh. Ele nunca aceitou sua verdadeira personalidade e sempre fez questão de demonstrar isso. Eram uma família tradicional aos olhos dos vizinhos e conhecidos, mas, quando as cortinas se fechavam, a atuação acabava, e o circo de horrores se iniciava.

O primeiro ato do show se iniciou assim que Eloáh chegou da escola e trancou a porta da sala, seguindo em direção ao seu quarto. Quando tocou a maçaneta, seu pai saiu da cozinha, parando ao seu lado, recostando-se na parede do corredor. Ele não disse uma palavra sequer, apenas ficou ali, mastigando algo e o olhando com desprezo. Sua mãe surgiu segundos depois. Ela segurava o telefone fixo em uma das mãos e na outra um pano de prato. Provavelmente fora interrompida no momento em que estava fazendo algo na cozinha. Eloáh soltou a maçaneta, virando-se para os dois.

— Boa tarde. Aconteceu alguma coisa?

Sua mãe olhou para o seu pai, como de costume, e aguardou que ele falasse. Silas demorou alguns segundos para falar, mudando o peso do corpo de uma perna para a outra, até, finalmente, responder a pergunta.

— É você quem deveria responder para nós.

Eloáh segurava a alça da sua mochila com firmeza, mantendo-se na entrada de seu quarto. Estavam os três em um corredor minúsculo e claustrofóbico.

— Eu não tenho nada para dizer.

O homem deu uma risada exagerada, como se tivesse escutado algo realmente engraçado. Ele deu um passo para frente, mantendo-se ainda distante de Eloáh.

— E na escola, foi um bom dia?

A pergunta não fazia sentido. Ele nunca havia questionado sobre o seu dia.

— Sim, foi tudo bem.

Silas se aproximou novamente, agora ficando muito próximo ao filho. Era possível notar a veia em seu pescoço e ouvir sua respiração.

— Interessante, interessante...

Ele tinha os punhos cerrados e agora rangia os dentes. Deu um último passo, colando seu rosto no de Eloáh. Ele era um homem alto e forte, exatamente o contrário do menino à sua frente.

—... só que não foi isso que nos contaram.

Sua mãe balançou a cabeça de modo positivo. Os passos de Rosa eram sempre assim, cronometrados, quase que ensaiados, sempre completando alguma frase de Silas, como se fosse um boneco de cordas.

— O que disseram, então?

O homem sorriu com o canto da boca, mostrando poucos dentes. Achava absurda aquela pergunta.

— Você sabe exatamente o que disseram!

Eloáh mantinha os olhos entre o pequeno tapete que estava aos seus pés e a maçaneta próxima às suas mãos.

— Não, não sei.

Silas franziu a testa, mordendo uma de suas bochechas. Sua irritação estava cada vez mais clara.

— Você precisa entender, de uma vez por todas, que as pessoas comentam, e muito, ao seu respeito.

— Não entendo o porquê. Sou uma pessoa comum.

O homem riu novamente, parecendo realmente achar graça dessa vez. A mulher seguiu seus passos, dando uma risadinha baixa, mas suficiente para que Silas pudesse escutar.

— Você pode ser tudo, menos comum.

Toda aquela agressão gratuita não tinha sentido. A conversa já durara minutos e não chegava a lugar algum. Eloáh deu um passo para frente e girou a maçaneta, abrindo a porta. Quando viu o movimento do filho, Silas impediu sua movimentação ao segurá-lo pela alça da mochila.

— Não seja sem educação. Se foi tudo bem em sua escola, me dê essa mochila.

Antes de receber qualquer resposta, puxou-a das costas do menino, segurando em uma única mão. Com a outra, começou a remexer nos cadernos, lápis, materiais escolares, até que algo lhe chamou atenção. Era o frasco quebrado que Eloáh havia guardado no início da última aula. Quando viu o objeto nas mãos de seu pai, ele abaixou a cabeça, aguardando o que estava por vir.

— Eu posso explicar.

O homem segurava o frasco como quem segura a prova de um crime.

— Como vai explicar algo assim?

— É só uma maquiagem...

O homem ficou furioso.

— Nós recebemos ligações exatamente sobre isso, toda a redondeza está comentando ao seu respeito, e você vem dizer que é *só uma maquiagem*?

Ele apontou o dedo no rosto de Eloáh, tocando a ponta de seu nariz.

— Vou dizer pela última vez, nem que eu tenha que dizer SÍ-LA-BA por sílaba: você nasceu homem e morrerá assim.

— Não, talvez não seja assim.

Silas abaixou o dedo, fechando as mãos e dando um soco no rosto de Eloáh. O golpe fez com que ele batesse com as costas na parede, fazendo um estrondo. Sua mãe viu a situação e decidiu ir para a cozinha. A mulher ligou o fogo e começou a fazer café, ignorando completamente o que acontecia do outro lado da parede.

— Que blasfêmia. Nós lhe demos o nome de Eloáh, que significa Deus, mas tudo que você faz é nos levar ao inferno.

Eloáh tocou o rosto e apoiou o corpo na parede branca. Seu pai estava satisfeito, passou à sua frente e se sentou na poltrona da sala. Em seguida,

sua mãe entrou na sala, servindo-o com uma xícara de café.

Eloáh entrou, finalmente, no quarto. No chão, deixou a mochila. Foi até o banheiro e lavou o rosto, retirando a maquiagem de seus olhos. Depois, pegou a velha Gillette guardada em sua gaveta, cortando sua pele, e observando o líquido vermelho descer pela pia branca.

Toda aquela situação já lhe era comum e rotineira. Por isso, não se importava com as palavras ou golpes de seu pai. Seu quarto era seu refúgio, já que a casa se tornara um campo de guerra. Dormir se tornou uma saída para evitar pesadelos que vivia enquanto estava acordado. Fechou os olhos com a vista ainda dolorida e adormeceu com as gargalhadas de um programa de televisão que sua família assistia na sala.

# O JUIZ E A SENTENÇA



A vida não foi justa com Eloáh. Desde jovem pensava dessa maneira. Algumas vezes tinha o desejo de ter nascido como alguém comum, que tem uma vida como a de qualquer outra pessoa, e é bem-visto por todos que o rodeiam. Porém, ser comum significava adaptar-se a realidades e costumes que queriam lhe impor e fazer isso seria como matar a si mesmo, só que lentamente. Na verdade, isso já acontecia dia após dia. A cada amanhecer em que Eloáh tinha que se olhar no espelho e ver uma imagem na qual não se reconhecia, sentia-se tomando um gole de veneno que tirava lentamente a sua vida. Um veneno que entrava em suas veias, percorria todo o seu corpo e invadia seu sangue.

Seu reflexo não refletia sua imagem. Por isso, evitava encará-lo por muito tempo. Certa vez, quebrou o espelho de seu quarto e viu seu sangue escorrer pelos cacos de vidro. Então, ficou encarando seu rosto naqueles pequenos pedaços quebrados. Pela primeira vez se identificou com o que via: algo quebrado, incompleto e sem chances de reparo.

O sol entrava no quarto de Eloáh pela janela sem cortinas. A manhã se iniciava e a casa estava em total silêncio. Caminhou pelo seu quarto em busca do chinelo que sempre perdia e depois saiu. Assim como todas as

manhãs, estava sozinho. Seu pai tinha ido ao trabalho e sua mãe havia ido visitar alguém. Sentou-se na mesa e colocou um pouco de café frio em seu copo transparente, servindo-se também de um pão sem manteiga. Aquele era um costume seu, que fazia desde pequeno e causava estranheza para alguns que não o conheciam. Terminou de comer e permaneceu ali, observando a cozinha, repleta de álbuns de fotos, ímãs antigos na geladeira e papéis com frases religiosas.

Seu olho ainda doía, mas a pancada não deixou marcas. O acontecimento do dia anterior não era novidade. Ocorria sempre que Silas achava necessário. Seu pai se importava muito com a reputação de sua família, então empurrava goela abaixo seus costumes e crenças, como se isso pudesse fazer com que Eloáh engolisse a si mesmo também.

O jovem jamais falou sobre si para seus pais, pois sempre teve convicção de que, caso tocasse no assunto, eles piorariam ainda mais a sua vida. E ela era complicada o suficiente. Não por toda a confusão dentro de sua casa e na escola, mas dentro do seu corpo. Para ele, seu corpo era uma prisão à qual fora condenado sem cometer crime algum. Prisão essa que ele, mesmo tentando, não conseguia se identificar de forma alguma.

Eloáh era de média estatura e tinha cabelos castanhos claros. Seus olhos possuíam a mesma cor. E seu corpo, apesar de não possuir nada de incomum, era algo que o atormentava diariamente. Era como se, dentro de Eloáh, uma voz estivesse presa nas paredes claustrofóbicas de uma cela escura e sem janelas, gritando a plenos pulmões para ser libertada, pois fora condenada injustamente. Porém, sempre que Eloáh tentava libertar essa voz, alguém a calava à força. Eram os carcereiros, que não se importavam de usar de violência para garantir seu silêncio.

Seu pai o chamava de pecador e já até o levava à igreja para expulsar o suposto demônio que tomara conta de seu corpo. A questão é que, mesmo

após anos, esse tal demônio jamais se foi. E esse era o problema. Eloáh queria deixar de ser hospedeiro e se tornar livre. E, por não poder ser, decidiu livrar-se de tudo que era.

Estava cansado daquela prisão, então decidiu aplicar uma nova pena à sua sentença. Tornara-se o juiz em seu julgamento e dispensou os advogados de defesa. Condenou-se à morte. Sem necessidade de provas ou tribunal. Era o juiz e o condenado. Havia batido o martelo sem chances de revogação da condenação. Seu falecimento não seria por enforcamento, cadeira elétrica e nem injeção letal. Porém, serviria de lição para todos que soubessem do ato, assim como as opções anteriores.

A data já estava marcada. Seria no dia seguinte. Na festa de aniversário da escola.

Sua sentença estava autorizada. O papel tinha sua assinatura, mas a caneta possuía o sangue de muitas outras pessoas.

# O BAILE DE MÁSCARAS



A comemoração se iniciou no entardecer. Como nos anos anteriores, as aulas foram suspensas e deram lugar a uma grande festa temática. Por escolha dos alunos, o tema daquele ano seria uma festa à fantasia. Os diretores do colégio usavam trajes do século dezenove e tentavam passar informações da época aos jovens que passavam por eles. Os professores também se vestiam com suas fantasias. Lilian usava roupa típica da Roma antiga e também tinha que dar informações sobre o seu traje aos alunos que passavam desinteressados.

Angelina sentia-se parte daquela comemoração. Era um fantasma em meio a múmias, bruxas, zumbis e vampiros. Caminhava por entre o aglomerado de adolescentes que atuavam junto aos seus amigos, assustando e gesticulando como se estivessem em uma peça de teatro.

Olhou ao redor e tentou, em vão, encontrar Eloáh. Uma música tocava em um alto-falante, enquanto alguns alunos dançavam longe dos olhares da diretora. Era evidente que a sua presença ali os incomodava, porém, era regra do colégio que todos os responsáveis pela gestão e organização estivessem presentes naquela data.

Muitos mascarados circulavam pelo lugar. Por isso, já não dependia apenas de Angelina reconhecer Eloáh, que poderia ser qualquer um naquela multidão.

E ele era, realmente.

Eloáh usava um vestido longo branco e um brinco grande de argola em uma única orelha. Tinha nos olhos o restante de sua maquiagem e usava um batom que encontrou no quarto de sua mãe. Em seu rosto, tinha uma máscara que encobria totalmente suas feições, deixando apenas seus olhos à vista.

Planejara aquele dia por meses e cada passo que dava era cronometrado. Tinha um roteiro a seguir e não se permitiria errar em momento algum. Caminhou em meio aos alunos que dançavam desengonçadamente e se desvencilhou dos olhares curiosos e cochichos que eram dados em sua direção. Parou próximo ao pequeno palco de madeira e assistiu os professores subirem e iniciarem seus discursos sobre a história da escola.

Seu coração batia acelerado. As vozes se misturavam e as palavras ecoavam em sua mente sem qualquer sentido. Respirou fundo. Precisava manter a calma para continuar com seu planejamento. O discurso do último professor estava terminando, então Eloáh decidiu ir para a parte de trás do palco, onde os diretores e coordenadores estavam sentados. Antes de chegar ao local, esbarrou em um grupo de alunos que o encaravam, mas sem se importarem muito com o contato. Ao se aproximar, avistou Lilian e a chamou, falando em seu ouvido. Quando ela escutou sua voz, arregalou os olhos, surpresa. Porém, aceitou seu pedido. Quando o professor deu sua última palavra, a professora cochichou no ouvido da diretora, apontando para Eloáh em seguida. A senhora olhou desconfiada em sua direção, mas depois balançou a cabeça positivamente. Não poderia negar o pedido de um

de seus alunos que gostaria de ler algo em homenagem àquela data de tanta importância.

O jovem subiu o pequeno degrau de madeira e foi fuzilado com os olhos pelo professor que passou ao seu lado mostrando total desaprovação. Ainda assim, ele manteve os passos, seguindo em direção ao pedestal no centro do palco. Ao chegar lá, notou os olhares e risadas da plateia, que iniciou um grande falatório. Eloáh ficou em silêncio olhando todas aquelas pessoas que o encaravam e apontavam em sua direção. Quando as vozes diminuíram, ele se aproximou do microfone e pegou uma folha de papel amassada.

Não houve cumprimentos e nem apresentações.

Somente as palavras de Eloáh.

— Quando eu era criança, tinha o sonho de ir para a escola. Eu perguntava diariamente ao meu pai quando que poderia começar e ele sempre dizia que eu precisava ter calma, mas que o dia já estava chegando. Quando esse dia finalmente chegou, a minha mãe me levou até a porta do colégio, me abraçou e pediu para eu tomar cuidado. Eu sempre me lembro desse dia, pois foi um dos poucos abraços que ela me deu e porque eu não entendia o motivo para eu ter cuidado dentro de uma escola. Para mim, esse lugar era como um castelo, repleto de encantos e descobertas. E ele era, admito. Ao menos no início.

“Aqui eu aprendi matemática, português, história e tantas outras matérias. Porém, eu também aprendi a me esquivar e me esconder. A escola que idealizei quando criança só existia em meus olhos fantasiosos da infância, porque, conforme eu fui crescendo, passei a sentir na pele a destruição desse conto de fadas e aquilo que eu tinha como um castelo desmoronou completamente.

“Ser diferente pode ser perigoso. Principalmente quando suas diferenças tornam os outros violentos.

“Minha casa deixou de ser um lar há muito tempo. Assim como os meus pais esqueceram os seus sentimentos paternos. Então, inocentemente, eu imaginei que encontraria esses sentimentos aqui. Mais uma ilusão, admito. Eu era sonhador demais. Talvez por isso a minha vida tenha se tornado um pesadelo.

“A princípio tudo não passava de uma brincadeira. Ao menos era o que me disseram. Porém, eu notei que as piadas eram sempre ao meu respeito e que, em vez de rirem comigo, estavam sempre rindo de mim.

“Vocês não acham incrível a repentina cegueira que atinge os professores e diretores quando passam por alguma situação de violência nos corredores?

“E, falando nesse local, eles são os verdadeiros corredores da morte.

“A violência não deveria existir em um lugar de estudos, mas acontece com uma frequência diária. E, quando falo em violência, não me refiro somente à física, mas também psicológica. As marcas que essas situações causam aos seus alunos podem ser, muitas vezes, irreversíveis.

“Ano após ano, diversos estudantes passam pelos mesmos problemas e, por mais que façam reclamações em suas direções e secretarias, os agressores não recebem punições. E é a impunidade que faz com que essas pessoas se sintam cada dia mais livres e intocáveis.

“O Bullying criou um grande laço com uma corda firme que vem enforcando de forma lenta e silenciosa estudantes em todo o mundo.

“Um baile de máscaras e fantasias combina perfeitamente com minhas palavras desta tarde, afinal, todos os dias precisamos mascarar nossos sentimentos e personalidade para sermos aceitos em algum grupo. O problema é que, conforme vamos fingindo ser o que não somos, a nossa essência se esvai por completo. Então, conforme somos dissolvidos, perdemos o interesse pelos nossos próprios costumes, gostos, tornando o

paladar da vida algo extremamente amargo. É nesse momento que a morte se aproxima sorrateiramente e passa a nos observar com outros olhos.

“Talvez, muitos que aqui estão já tenham pensado, ao menos por algum momento, em dar fim à própria vida. Mas quantos que aqui estão já se perguntaram o que é a morte em si?

“Nesse momento, para os olhares curiosos e desinteressados, eu trago a resposta:

“A morte é o reflexo de nossas atitudes. Ela não é a causa da dor, mas sim a sua consequência. Portanto, cada um aqui presente carrega em suas mãos um pouco de sangue e, por mais que você tente limpá-lo, ele sempre estará ali, entre seus dedos, entranhado em suas unhas, lembrando sempre a sua verdadeira imagem.

“E, por falar em verdadeira imagem, gostaria de revelar a minha no dia de hoje.

“Meu corpo é uma prisão. Suas paredes são fortes e claustrofóbicas. Eu gostaria de sair delas, mas não consigo. Tudo que vivo parece ser de mentira. Minha pele. Meus olhos. Minha voz. Cada fragmento meu é irreal e tudo que eu quero é quebrar, ficar em pedaços e, quem sabe assim, poder me moldar em minha forma verdadeira. A morte é minha esperança. Esperança de renascer um dia e me tornar quem sou.”

Em um gesto rápido, Eloáh retirou sua máscara, mostrando seu rosto. Antes da plateia ter uma reação, ele largou o microfone, deixando-o cair propositalmente, o que fez com que um ruído estridente saísse das caixas de som. Pulou os degraus e se desviou da diretora enraivecida que corria em sua direção. Passou por entre o tumulto de alunos sem olhar para seus rostos e ignorando completamente as palavras que diziam.

Lilian gritava pelo seu nome, mas ela já estava longe demais para olhar para trás. Então, em meio às paredes brancas e corredores agora vazios,

Eloáh chegou no local que queria. Era o banheiro masculino. Sabia que, naquele momento, estaria vazio, então fechou a porta e se trancou em uma das cabines. Retirou alguns objetos de sua mochila e os colocou na prateleira. Teria que ser rápido, pois sabia que viriam em sua direção para saber o motivo dele ter saído daquela maneira. Seu coração palpitava, acelerado e suas mãos tremiam. Tinha em mente cada movimento que deveria fazer, porém, seus gestos não correspondiam ao que sua mente pedia. Respirou fundo e viu uma sombra se projetando à sua frente. Não se moveu. Logo depois, viu os sapatos pela parte de baixo da porta. Eram femininos. Estranhou. Segundos depois, escutou as batidas em sua porta.

— Eloáh?

Conhecia aquela voz. Era de Angelina, a nova aluna do colégio. O jovem olhou ao seu redor, viu cada objeto que deixara pendurado e engoliu a seco. Não queria que o vissem daquela maneira, mas, se não respondesse, ela certamente chamaria outra pessoa e logo ali estaria cheio de curiosos. Decidiu, então, abrir a porta sem deixar que ela conseguisse olhar para dentro do lugar.

— O que faz no banheiro masculino? — falou, tentando demonstrar tranquilidade.

— Vim ver o que tinha acontecido com você.

Angelina havia acompanhado todas as palavras de Eloáh. Notou todas as reações da plateia ao redor e se emocionou com algumas partes. Porém, o que também notara era a tonalidade de despedida envolvida naquele discurso. Principalmente em seu final. Então, quando Eloáh correu por entre a multidão sem nenhum motivo aparente, Angelina o seguiu imediatamente.

— Não aconteceu nada.

Ele olhou para trás, apoiando-se em uma parede.

— Certo. Por que não voltamos para a festa, então?

Eloáh balançou a cabeça em negativa.

— Não, isso não vai acontecer.

— Entendo. E por que quer tirar sua vida?

Angelina foi direta e suas palavras pegaram Eloáh de surpresa.

— Eu não iria...

Antes de Eloáh terminar de falar, Angelina deu um passo para frente, tocando na porta de ferro e empurrando-a. O contato fez com que um pacote de giletes e caixas de remédios caíssem no chão. Ao notar o movimento de Angelina, Eloáh tentou evitá-lo, perdendo o equilíbrio e também caindo. A jovem se abaixou e estendeu a mão ao jovem, que recusou.

— Se você tirar sua vida, será reconhecido para sempre como o que você é. Você teve coragem hoje. Enfrentou toda aquela multidão de olhares e revelou a todos sua verdadeira imagem. Porém, se você continuar isso que começou, será lembrado somente como um jovem suicida. E isso não seria justo. Não depois de todas as palavras que disse.

— Você não entende. Há consequências para tudo que fiz.

— Sim, e você irá enfrentá-las. Agora, sendo o que você é.

Eloáh se moveu em meio aos remédios caídos no chão, fazendo barulho.

— Talvez eu não tenha forças para ser o que quero ser.

Angelina suspirou, abaixando-se e olhando nos olhos de Eloáh.

— Você enfrentou os olhares de uma escola inteira. Como não teria forças?

— Eles já me odiavam antes, imagine agora.

— Não, eles não odeiam. Eu estava no meio daqueles rostos que olhavam em sua direção e vi muitos se emocionando e se identificando com suas palavras. Às vezes a dor serve de união.

Eloáh não disse nada. Ficou uns segundos em silêncio até que se deixou convencer. Angelina se levantou novamente e estendeu a mão para ele que, dessa vez, aceitou o gesto.

Saíram do banheiro e seguiram em direção à festa. No caminho, Eloáh encontrou Lilian, que o abraçou, aliviada. Angelina sorriu com a cena e ficou por ali, acenando em despedida. A luz branca e as paredes da mesma cor iluminavam Angelina, que parecia uma espécie de divindade naquele momento. Ela riu de seu próprio pensamento e acompanhou os passos de Eloáh, que seguia lentamente pelo corredor da escola. Eram seus primeiros passos rumo a sua difícil e longa caminhada.

# MAIS RÁPIDO QUE A MORTE



Angelina tinha os olhos marejados quando encontrou Ixtab. Estavam em uma espécie de montanha, onde as nuvens predominavam em seu cenário. Pouco se via ao redor. Somente alguns galhos de árvores e os pássaros em suas pontas. Dessa vez, não caminharam. Apenas mantiveram-se no mesmo lugar. O vento balançava a roupa de Ixtab e desganhava o cabelo de Angelina.

— Como foi voltar aos tempos de escola?

— Sombrio.

Angelina deu um sorriso triste.

— Você foi muito bem. Por sorte, não chegou tarde demais. Eloáh já tinha tomado suas decisões quando você apareceu.

A jovem concordou. Sabia que, caso tivesse dado um passo incerto, tudo teria sido diferente. Ainda pensara no que aconteceria a seguir, nos próximos passos de Eloáh e dos problemas que enfrentaria.

— Eu fui mais rápida que a Morte dessa vez.

Ela deu uma risada baixa e Ixtab concordou, balançando a cabeça.

— Sim, você foi. Agora você terá que ser ainda mais. Pegue o seu caderno.

Angelina o pegou e, quando iria abri-lo, Ixtab a impediu.

— Fiz algo errado?

A deusa negou.

— Esse é o último nome, então, é melhor você não falhar.

Angelina abriu o caderno e, quando seus olhos leram aquelas letras, não pôde acreditar. Ela conhecia a pessoa. Ao notar a reação da jovem, Ixtab sorriu e, antes que ela pudesse fazer qualquer questionamento, as nuvens ao redor rodearam seu corpo, tampando sua visão e levando-a para outro lugar.

Dante, esse era o nome que estava escrito na folha.

## O INFERNO DE DANTE

Há um naufrago em alto-mar  
E Dante é o piloto  
Que ainda não aprendeu a nadar.

A solidão lhe afoga  
Em pequenos copos  
E doses de vodka.

É jovem demais para beber.  
Novo demais para morrer,  
Mas, ainda assim, dia após dia,  
Aprecia, cada vez mais, os dois sabores.

Quão amargo pode ser o paladar  
Quando o seu maior veneno  
É o próprio oxigênio que ainda respira?

A angústia sufoca,  
Mas não o mata  
Aperta o seu peito  
Faz com que perca o ar,  
Mas depois vai embora  
Deixando-o ali,  
Respirando novamente  
E se envenenando lentamente,  
No seu inferno particular.

# A ÚLTIMA VALSA



Angelina entrou no hospital já pensando em sua saída. Sentia-se cansada. O seu corpo parecia ter chegado ao esgotamento. Caminhava lentamente, olhando os corredores e as numerações das portas. Tinha o nome da pessoa e o número de seu quarto. Conhecia-o e não sabia como seria o encontro, afinal, naquele momento, todos já deveriam saber sobre sua tentativa de suicídio.

Dante tinha dezesseis anos quando foi apresentado a Angelina. Estavam no ensino médio, *a época das trevas*, e por um tempo, eles foram próximos. O jovem não era popular, mas tinha um bom número de conhecidos pelo colégio. Por várias vezes, foi chamado à secretaria por levar cigarros na mochila ou fumar na porta. A diretora conhecia sua história e, por esse motivo, tentava amenizar suas punições. Dante havia acabado de perder seus pais em um acidente de carro. Estavam os três no veículo e somente ele sobreviveu. Passou a ser criado pelos seus tios que, apesar de sempre o tratarem como filho, não conseguiram controlar sua entrada nos vícios e nem aliviar a sua culpa pelo ocorrido.

Não é difícil conseguir cigarros e bebidas quando se é adolescente. Os bares querem seus lucros e não se incomodam em pedir identidade para

quem está com dinheiro em mãos. O álcool era sua válvula de escape. Bebia para esquecer e fumava porque a nicotina lhe trazia calma. Gostava da mistura do líquido quente descendo pela sua garganta com a fumaça do cigarro. Mesmo que de forma temporária, os vícios adormeciam suas dores.

Chovia muito no dia do desastre. Estavam indo para um restaurante recém-inaugurado no centro da cidade. Comemoravam a promoção do pai de Dante em seu emprego e a melhora do filho na escola. Passaram a noite comendo e bebendo. Seu pai não costumava consumir bebidas alcoólicas, mas decidiu tomar alguns copos antes de irem. Contrariando a esposa, o pai de Dante decidiu dirigir até em casa. Os dois discutiram e ela pediu apoio do filho, que concordou com o pai. Era um trecho pequeno e não teria perigo. Porém, no meio do caminho o pior aconteceu. A pista estava escorregadia e fez com que o carro perdesse o controle, batendo em outros dois veículos que estavam à sua frente. O socorro chegou quase vinte minutos depois, resgatando todos os feridos. Dante teve apenas algumas escoriações, mas nada grave. Seu pai morreria na mesma hora da batida e sua mãe, apesar dos esforços médicos, faleceu no hospital. Uma criança também perdeu a vida com a batida.

Dante enxergava todos os dias a tragédia. Via em pequenos flashes o momento em que o carro começou a deslizar pela estrada. Lembrava-se dos gritos de desespero de sua mãe e do estrondo que ocorreu no momento da batida. Porém, o que mais lhe aterrorizava eram as imagens. Quando saiu do carro, viu seu pai desacordado e sua mãe coberta de sangue. Viu, também, a pequena menina sendo levada pelos bombeiros.

Os dias seguintes ao acidente foram turbulentos. Dante teve que se adaptar à nova casa, às excessivas condolências de parentes e amigos. Tentava seguir uma vida comum, porém era assombrado pelos fantasmas da culpa. Todos os dias culpava-se pelo ocorrido e questionava por que não foi

levado junto aos seus pais. De qualquer forma, a morte deles havia levado o filho que conheciam.

O jovem retornou para a escola duas semanas depois e foi recebido por abraços e consolações. As frases eram, em sua maioria, decoradas e repetitivas. Ainda assim, Dante agradeceu a cada um que lhe ofereceu solidariedade. Porém, com o passar dos dias, todo esse sentimentalismo se esvaiu. Seus amigos se afastaram, usando justificativas irreais e outros sequer explicaram os motivos. Ao fim, viu-se distante daquele mundo de risos, piadas e superficialidade. Foi aí que encontrou Angelina.

A ideia de apresentá-los veio de Vera, uma senhora de óculos arredondados e voz estridente. Ela era coordenadora da escola e, ao notar que os amigos de Dante estavam se afastando, sugeriu à direção uma interação entre ele e Angelina. A justificativa era que a jovem já conhecia o luto, pois perdera a mãe ainda bebê, e poderia ajudá-lo naquele momento difícil.

Dante e Angelina eram completos opostos, mas tinham em comum a dor e a culpa. Talvez, por esse motivo, tenham se entendido tão rápido. Eles sabiam das angústias que sofriam e as compreendiam. Por isso não tinham a necessidade de forçar sorrisos e fingir alegrias inexistentes.

Encontravam-se quase que diariamente. Às vezes falavam muito, sobre tudo e sobre todos. E, em outros dias, quase não diziam nada um para o outro. Sabiam o que o silêncio representava e o respeitavam. Ainda assim, mantinham-se ali, na companhia um do outro, presos aos próprios problemas e pensamentos. Eram amigos, apesar dos comentários que insinuavam o contrário. Dante contava a Angelina coisas que não dizia para ninguém e Angelina o escutava sem julgar suas ações. Porém, foram as reações que essas atitudes causaram que começaram a trazer turbulências na amizade que estava começando a decolar.

Dante foi chamado para uma festa e convidou Angelina para ir com ele. Queria que a jovem saísse mais e conhecesse mais pessoas. Sabia que, caso a vissem da forma que ela a via, gostariam dela e acabariam com aquela implicância desnecessária. Mesmo receosa, ela aceitou. Sentia-se protegida com Dante e sentia que, caso algo ocorresse, ela certamente a defenderia. Era a primeira festa que era convidada, então decidiu causar uma boa impressão aos outros convidados. Vestiu-se com um vestido longo de cor preta, que combinava com o seu cabelo da mesma cor, e usou uma maquiagem que realçava seus olhos verdes. Sua irmã, que ainda era uma criança, com pouco mais de nove anos, acompanhou todo o processo animada, pegando suas roupas, usando as maquiagens e perguntando quando ela iria se casar. Até mesmo sua madrasta a ajudou, escolhendo seus sapatos e consertando algumas falhas da maquiagem.

Dante combinou, no dia anterior, que chegaria às sete da noite e, quando deu seis e trinta e cinco, Angelina desceu as escadas, indo aguardar na sala, onde seu pai também estava. Ao vê-la daquela maneira, ele se levantou, pegando em suas mãos e, pela primeira vez em muito tempo, demonstrou emoção. Ele a abraçou e falou em seu ouvido:

— Você está linda. Parece sua mãe.

Ele se afastou e fez um gesto de silêncio com o dedo, olhando em direção a sua esposa, e depois dando uma risada baixa.

Os dois se sentaram lado a lado, aguardando o horário. Eram seis e cinquenta e o relógio da sala parecia arrastar-se. Os ponteiros viravam com lentidão e dificuldade, como se fosse um sacrifício mudar os minutos. Às oito em ponto estavam todos na sala, Aurora sentada no tapete, Angelina ao lado de seu pai e sua madrasta na poltrona ao lado. Conforme os minutos foram passando, foram se retirando um a um e, ao fim, restou apenas Angelina, já sem sapatos e com os olhos repletos de lágrimas.

No dia seguinte, Angelina viu Dante conversando com seus antigos amigos. Ele parecia alegre e despreocupado. Tinha um cigarro no bolso da camisa e uma garrafa de bebida estava escondida por entre as mochilas dos outros alunos. Ela não se aproximou ou fez qualquer pergunta. Preferiu apenas se afastar, não só daquela cena, como de qualquer contato com ele. Desde então, evitou completamente sua presença.

*Até aquele momento.*

Caminhava em direção a alguém que não gostaria mais de encontrar. Não tinha raiva de Dante, apenas possuía perguntas demais que já havia desistido de ter as respostas. Sabia que ele representava o fim de toda aquela história e não entendia por que ele teria ido parar ali. Aquele hospital era o mesmo em que o seu corpo estava em coma e, por esse motivo, queria ir logo embora. Não gostaria de encontrar com seu pai e nem ver novamente a si mesma naquela situação. Já havia passado por muitas coisas até ali, então, não deveria ser tão difícil encontrá-lo.

Chegou, finalmente, ao quarto indicado. Não era emergência, o que mostrava que a situação dele não deveria ser tão grave naquele momento. Já passava das onze da noite e poucos médicos percorriam os corredores. Somente ao fim do corredor viu algumas pessoas entrando e saindo pelas portas, provavelmente revezando uma última visita. Observou pela pequena parte de vidro da porta e o viu, deitado, aparentemente desacordado. Olhou para os dois lados com atenção, conferindo se alguém se aproximava e, ao notar que tudo estava vazio, girou a maçaneta. Ao dar o primeiro passo para dentro do quarto, a porta rangeu, fazendo um grande barulho e chamando a atenção de Dante, que levantou a cabeça, olhando em sua direção.

Seus olhares se encontraram de imediato. Ela se aproximou e parou ao lado de sua cama, ficando ali, parada e em total silêncio. Dante pareceu não acreditar no que via. Tinha uma faixa envolvida em sua cabeça e marcas em

seu rosto. Usava uma vestimenta para exames do próprio hospital. Esfregou os olhos com as costas das mãos e voltou a encará-la, como quem observa uma miragem no deserto. Ele recostou-se no travesseiro e deu um sorriso.

— De todos que conheço, você é a última pessoa que imaginaria aqui.

Angelina cruzou os braços e forçou um sorriso.

— E por que eu não viria?

Aquela pergunta não servia para ter justificativas de Dante sobre o que aconteceu ou deixou de acontecer entre eles há anos, mas sim para saber se ele sabia o que aconteceu com ela.

— Por eu ter perdido a hora de me desculpar e me atrasar, digamos, quase três anos?

Havia apenas uma cômoda e um criado-mudo no quarto. Em cima do móvel de madeira estava um livro com o título *Palavras de rua*, que ela ainda não conhecia, e ao seu lado algumas rosas de cor branca. Angelina descruzou os braços e olhou nos olhos inchados de Dante.

— Você não pediu desculpas.

Ele deu uma risada, já esperando por essas palavras.

— Você aceita minhas desculpas?

Ele estendeu a mão com dificuldades, esperando pelo cumprimento de Angelina. A jovem acompanhou seu gesto e deu um sorriso, desta vez, verdadeiro.

— Sim, eu aceito.

Quando suas mãos se aproximaram, ela recusou, completando.

— Com uma condição: diga-me o que aconteceu para você ficar nesse estado.

Dante cumprimentou o vazio e, após escutar a frase de Angelina, começou a se mexer na cama.

— Tudo bem. Contarei. Só não aqui, está muito quente e já cansei de olhar essas paredes brancas o dia inteiro. Vamos lá em cima.

— E você pode sair?

Ele apontou para um objeto encostado no canto da parede.

— Sim. Estou apenas em observação. Só pegue aquilo para eu me apoiar.

Angelina olhou na direção que ele apontava e viu duas muletas. Pegou os objetos e o ajudou a se levantar.

Ele guiou Angelina, subindo uma escada ao fim do corredor e abrindo uma pequena porta que já estava destrancada. Ele segurou-a com a muleta, fazendo gesto para que Angelina entrasse primeiro e assim ela fez, passando à frente de Dante e o ajudando a se equilibrar no último degrau. Entraram na cobertura do hospital, onde ficavam alguns bancos e uma pequena tenda de lanches. Caminharam até a sacada e pararam um de frente para o outro. Ele deixou uma muleta encostada e se apoiou na outra.

— Eu bebi demais e pulei de um local que tinha altura de menos.

Ele deu uma risada, apoiando com cuidado o seu pé no chão.

— Você queria se suicidar?

Dante olhou para o cenário e mudou o assunto repentinamente.

— Você gosta de música?

— Eu prefiro o silêncio, você sabe.

Era uma referência a um filme que gostavam, mas Angelina não deu a resposta que Dante esperava. O ar estava gelado e o nevoeiro encobria os prédios e casas da região. Ele, então, retornou à primeira pergunta.

— Eu não tenho certeza, na verdade. Dizem que a bebida nos faz ter coragem para fazer aquilo que não faríamos sóbrios. Então, talvez eu tenha tentado tirar minha vida.

Dante deu uma risada triste e olhou para os olhos de Angelina, envergonhado. Uma cigarra cantava ao longe, indicando o sol do dia seguinte. Abaixo, as pessoas caminhavam despreocupadas, conversando e seguindo seus destinos. E, por querer seguir o seu, Angelina fez a pergunta que prometeu a si mesma que jamais faria:

— E por que você não apareceu aquele dia?

Dante levantou os olhos, mas não encarou Angelina. Seu olhar estava fixo no vazio, buscando a melhor forma de dizer aquelas palavras. Angelina era diferente de qualquer pessoa que havia conhecido. Alguém que o via com transparência, não se importando com seus defeitos e a melancolia que a sua vida havia se tornado após o acidente.

— Eu realmente iria aquele dia. Iria, pois precisava te contar inúmeras coisas, principalmente sobre o que eu estava sentindo.

— E o que você estava sentindo?

— Eu não sei. Droga, esse era o problema. Eu gostava de estar com você. Gostava de seu jeito de falar de si de pouco em pouco, como um enigma a ser descoberto. Mas o problema não era você, mas sim o que eu fazia fora daquela escola. Eu me envolvi com bebidas baratas, cigarros baratos e, de certa forma, me tornei alguém barato também. Então eu fugi. Sei que fui covarde, mas isso era loucura da minha cabeça.

Ele fixou os olhos nos de Angelina, apoiando-se na muleta para ficar na mesma altura que ela. A jovem o encarava atentamente, escutando cada palavra que dizia. Quando ele ficou em silêncio, ela parou ao seu lado.

— Talvez eu quisesse ir para o hospício com você.

Ele deu uma risada e se aproximou ainda mais. A distância entre eles era mínima. As duas sombras se projetavam para longe, sendo iluminadas pela luz da lua.

— Eu sinto muito.

— É tarde demais para sentir.

Dante balançou a cabeça concordando e apoiou um joelho no chão, estendendo a mão em seguida.

— Nós poderíamos ter dançado muito aquela noite. Então, é tarde demais para dançarmos também?

Angelina sorriu e aceitou o convite.

As estrelas brilhavam e pareciam assistir aquela cena. Dante conduzia Angelina lentamente, apoiando uma mão em sua muleta e segurando as costas da jovem. Sem música alguma, os corações dos dois batiam de forma rítmica, servindo de orquestra para aquele momento.

Minutos depois, eles se afastaram novamente e ficaram em silêncio mais uma vez. Angelina não havia dito, mas sabia que, se ele tivesse ido à sua porta naquele dia, talvez nenhum dos dois estaria ali naquele momento. Porém, era tarde demais para tentar mudar o passado.

A noite chegava ao fim e eles decidiram se despedir. Angelina acompanhou Dante até seu quarto e o abraçou por um longo tempo, sentindo suas forças irem embora. Ela precisava ir, sabia. Não havia mais o que fazer ali.

— Obrigado por ter vindo. Podemos nos ver outro dia?

Angelina deu de ombros.

— Talvez. Nunca se sabe o que o destino nos reserva.

Ele sorriu e a abraçou novamente.

— Entendo. Obrigado pela dança.

Ele deu um sorriso e segurou sua mão.

— Eu que agradeço.

Angelina fechou a porta e caminhou pelo corredor vazio. Em seu caderno, o nome de Dante já estava apagado por inteiro. Uma lágrima desceu de seus olhos e ela a enxugou com a manga da camisa. Poucas luzes

estavam acesas e a jovem evitava olhar para dentro dos quartos. Andou mais alguns minutos, até encontrar a saída. Quando saiu, olhou o céu estrelado e, ainda com lágrimas nos olhos, desapareceu.

## O FIM



Ixtab recebeu Angelina assim que ela surgiu. A jovem parecia cansada e caminhava com dificuldade, quase que se arrastando. Tinha os olhos marejados e vermelhos. O esverdeado que tanto se destacava ganhava novas tonalidades agora, como numa mistura de cores. A deusa se aproximou e parou à frente de Angelina, que nada disse. Estavam no ponto mais alto de todo aquele caminho. Ali era o fim. Angelina havia cumprido a sua missão, finalmente.

— Você fez um bom trabalho durante esse tempo e agora é hora de cumprirmos a nossa parte no acordo.

Elas caminhavam lado a lado. Angelina via claramente o fim do caminho. Ela olhou para Ixtab e parou de andar mais uma vez.

— E você, para onde vai agora?

A deusa deu um sorriso e apontou para trás, na estrada que se perdia na imensidão.

— Eu voltarei e farei tudo outra vez.

— Você nunca vai lá para cima, no mundo dos humanos?

Alguns pássaros negros voavam pelo céu e um pequeno nevoeiro se formou, desaparecendo rapidamente. Em seu lugar, a Morte surgiu, parando à frente de Ixtab. A deusa fez uma reverência a ela, que contribuiu com o

mesmo gesto. Ela então, voltou a olhar para Angelina, respondendo a sua pergunta:

— Sim, mas em momentos muito específicos. No falecimento de sua mãe, por exemplo. Foi eu quem a recolhi e não a Morte.

— Por que você e não ela?

— Porque faz parte de minha missão. Sua mãe morreu de uma forma honrada e eu a guiei para um lugar que pudesse repousar.

A Morte usava sua foice como uma bengala e, em sua lâmina, um corvo negro se equilibrava entre os movimentos da caminhada.

Passaram a andar lado a lado, Ixtab em uma ponta, a Morte na outra e Angelina no meio.

— É hora de ir.

Ixtab deu um passo para trás e deixou que somente as duas continuassem. A jovem olhou para suas costas e acenou, despedindo-se. Depois, retornou ao seu caminho.

Ao fim da estrada uma espécie de divisória separava dois ambientes. Havia um tipo de fronteira em que de um lado se via a estrada e o fim do caminho e, do outro, a imensidão se iniciava, em uma espécie de universo novo, onde Angelina poderia, finalmente, descansar.

— Aqui acaba o seu caminho e ali se inicia o mundo dos mortos. — Disse a morte.

Angelina balançou a cabeça positivamente e olhou para a morte atentamente. Pela primeira vez ela conseguiu ver seus olhos, que pareciam brilhar ao ver aquele novo mundo. Naquele momento, Angelina não a observava como algo ruim, mas a consequência de tudo que já ocorrera em sua vida.

— Obrigada. — Sussurrou.

Ela abaixou a cabeça e uma lágrima solitária escorreu de seus olhos. A Morte segurou sua foice com firmeza e a tocou no chão de terra. Depois, abriu os braços, revelando grandes asas negras. Ela abraçou Angelina que, com o contato, perdeu a consciência imediatamente.

Ao recuperar os sentidos, uma sombra a encobriu por completo. Estava deitada aos pés de uma grande árvore, cujos galhos eram tão altos que Angelina os perdeu de vista. A dona da silhueta se aproximou e esperou que a jovem olhasse em sua direção. Quando ela olhou, viu uma linda mulher de grandes olhos esverdeados. No momento que seus olhos se encontraram, foi como se se completassem. A dona dos olhos verdes se aproximou ainda mais e sorriu, falando em seguida:

— Seja bem-vinda, minha filha!



EPÍLOGO

# O ADEUS À ANGELINA



Angelina foi enterrada em uma tarde ensolarada e seu túmulo foi colocado ao lado do de sua mãe. Seu pai estava abalado, vestindo um terno inteiramente da cor preta e também usava grandes óculos escuros que encobriam seus olhos vermelhos. Sua madrasta vestia um vestido longo e segurava os braços de seu marido. Alguns professores e amigos da escola também compareceram, assim como Dante que levou um buquê de rosas amarelas, ainda usando muletas.

Um padre foi convidado para fazer a cerimônia e ele deu algumas palavras de fé e solidariedade para aqueles que estavam presentes. Diversas flores espalhavam-se pelo chão, contrastando com os sapatos e roupas escuras. Assim como Aurora que, entre todos no cemitério, era a única vestindo-se inteiramente de branco. E foi ela que, após o término das palavras do religioso, pegou o microfone para falar. A menina tirou um pequeno papel de seu bolso e, após respirar fundo, começou a lê-lo:

“Talvez as palavras que eu disser aqui sejam insuficientes. E eu acredito que sejam, realmente. É terrível como precisamos da morte para pensar no que deixamos de falar e o que poderíamos ter feito em vida. Na noite em que soube de seu incidente, não pude deixar de me perguntar o que eu poderia ter feito para evitar esse acontecimento. A verdade é que vivemos

tão presos aos nossos cotidianos e interesses que acabamos ignorando o que se passa debaixo de nosso nariz. Talvez se eu tivesse perguntado mais e me interessado mais, você não teria tomado essa atitude. É injusto que somente quando perdemos alguém, percebemos tudo que deixamos de dizer a essa pessoa. E eu nunca disse o quanto te admirava e como tinha orgulho de ter você como minha irmã mais velha. Apesar disso, agora eu digo e sei que, de algum lugar, você escuta minhas palavras.

*Eu colhi flores no jardim  
De diversas cores e tamanhos  
E as reguei,  
Mantendo assim, vivas, as lembranças sobre ti.*

# PRECISAMOS FALAR SOBRE O SUICÍDIO



O suicídio é um assunto que precisa ser tratado por todos nós. Diariamente, jovens e adultos tiram as suas próprias vidas no mundo inteiro. Portanto, precisamos ser sempre gentis, pois não sabemos das dores e lutas que as pessoas têm que enfrentar diariamente.

O suicídio não precisa ser visto como um tabu que deve ser sempre evitado nas rodas de conversas. Fale sobre o assunto. Conte aos seus filhos, netos e bichos de estimação. Faça com que o assunto se torne comum, pois o ato já é.

Obrigado por acompanhar a minha história e lembre-se: seja sempre gentil e você não está sozinho.

# AGRADECIMENTOS

Essa é a primeira vez que escrevo agradecimentos em um livro meu, mas não posso evitar de fazê-lo nessa nova edição. Para onde vão os suicidas é um livro que me trouxe muitos momentos marcantes e sou extremamente grato a cada leitor que se dedicou a conhecer essa história e ajudou a levá-la para mais longe. Leio cada resenha e mensagem com muito carinho e espero que saibam o quanto vocês têm auxiliado em minha carreira e participado diretamente de meus sonhos.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais por me apoiarem, e a Mariana Meira, que é a minha primeira leitora, a quem uso de cobaia para medir as lágrimas dos leitores e a pessoa que protagoniza o romance que jamais serei capaz de escrever.

A toda equipe da Pendragon que me abriu as portas do mundo literário, meus amigos escritores, e Lilian Cardoso, que me fez acreditar em voos mais altos e que todo sonho é possível.

# A CHUVA E O CHICO



Chovia em meio às nuvens sem cor. Cinza, a cidade de Pernambuco parecia diferente naquele dia. Acostumadas com o céu avermelhado e ar quente, as crianças corriam pelo chão de terra e divertiam-se nas poças d'água que se formavam pela estrada.

Sorriam seus pais em dentes amarelados e, na porta da igreja, agradeciam as senhorinhas que tanto pediram a Deus que lhes trouxesse um pouco de chuva para diminuir a seca. Só não sorria Otávio, jovem que havia acabado de perder o pai e sua mãe, Rúbia, que, naquele momento, pouco se importava se estava sol ou não. Para eles, importante eram as palavras do padre, sua voz serena, e tudo que ele dizia sobre Francisco.

Ali, dentro daquela capela simples, com pouco mais de dez pessoas, o corpo de Chico, como era conhecido pelos amigos, estava sendo velado. De paletó e gravata, roupa que usou unicamente em seu casamento, o homem ainda parecia pequeno naquela vestimenta elegante, mesmo tendo se passado quase quinze anos desde a troca de alianças com sua esposa.

Seu caixão foi levado por três homens maltrapilhos até o cemitério que ficava ao lado. Foram acompanhados por alguns vizinhos e o filho miúdo,

que afastou-se de sua mãe e se pôs em frente à caixa de madeira, o primeiro sinal de que estava se tornando um homem grande.

Ainda chovia, mas as crianças já não brincavam pelas poças de lama. No chão, formavam-se pegadas daqueles que seguiam em direção ao último adeus de Francisco, que, com o caixão aberto, recebia a água da chuva sem senti-la realmente.

Foram poucos passos até chegar ao local indicado. Lá, um senhor já aguardava a pequena multidão entristecida. O velho chamava-se Pedro, mas eram raros aqueles que lembravam seu nome. Era conhecido apenas pelo seu trabalho de abrir covas naquela terra que há muito não crescia nada.

Cumprimentou o religioso que se aproximava com um aceno de cabeça e se retirou. Voltaria quando fosse chamado para atear mais terra e decretar ali o último aceno à vida daquele homem.

Fez-se então um minuto de silêncio. A garoa ainda molhava a cidade e parecia uma ironia divina sua vinda no dia em que era enterrado o homem que tanto sofreu pela sua falta.

Como se fosse sagrado aquele momento a dor se traduziu na inquietude e até mesmo os pássaros pararam de cantar e respeitaram o momento.

Então, quase que de forma imperceptível, Pedro retomou o seu posto e, como uma lenda urbana que causa espanto, iniciou a sua ingrata e sofrida função em frente à plateia descontente. Seus movimentos pareciam sair em câmera lenta: pá a pá, terra a terra, enterrando os sonhos, as memórias e a vida de mais um morador que lutou até o fim de seus dias, mas não colheu os frutos de seu esforço.

E, conforme ele aumentava a velocidade de sua função, a garoa fina ficava mais forte, juntando-se às lágrimas dos parentes e amigos, e regando com tristeza o peito da mãe e filho, que já colhiam a saudade de viver sem Francisco.





EDITORA  
**PENDRAGON**



@editorapendragon



twitter.com/Ed-Pendragon



facebook.com/ediorapendragon



contato@editorapendragon.com.br

conheça nosso catálogo  
[www.editorapendragon.com.br](http://www.editorapendragon.com.br)  
[www.lojapendragon.com.br](http://www.lojapendragon.com.br)

